Velhas Casas

III

(FREGUESIA DE CREIXOMIL)

Casa do Costeado

«... ena quinta da porcariça onde vivem João Homem do Amaral e m.er J.ra de Villas Boas vendem estes o campo do alem a João Camello, campo que fica abaixo do casal do costiago q elle João Camello ja tem comprado por outra escritura feita na nota do Tab. João de Faria a 23-8-1636...» (Livro desaparecido) — Livro de notas do Tab. Nogueira do Canto, pag. 117 (10-2-12).

I

Escondida nas folhas de algum velho nobiliário está Lucrécia Camela, dona viúva. Como madrinha, aparece num assento de baptismo em 1582 (1). No «seu casal do costiago, freiguesia de Creixomil» Lucrécia Camela passa uma procuração «especialmente para hua causa q quer mover a hum Fran.co Glz Galham morador na villa do conde» a 22-11-1644 (2). Morre Lucrécia Camela no Costiago a 22-12-1644 (3). Onde a história da sua vida? E as casas que tem na freguesia de S. Paio? Onde o casal da Ribeira, que também possui? E seu filho, Roque Camelo, assistente no Porto? Onde os outros filhos, João Camelo, comprador do Costiago e da Porcariça, Maria Camela, «donzela», Jacinto Camelo, padre, Elena Ca-

(1) Misto n.º 1 da freg. de S. Miguel de Creixomil. Arq. Mun. A Pimenta.

(2) Pr. cam. de lucressia camella dona veuva. Livro de notas n.º 12-3-44, pág. 41. Arq. Mun. A. Pimenta.

(3) Misto n.º 2 da freg. de S. Miguel de Creixomil. Arq. Mun. A. Pimenta.

mela, mulher de Gonçalo Lopes de Carvalho? Onde as lágrimas choradas por seus filhos Francisco e André Camelo, falecidos em Angola? «servira André Camello de Capitão muitos tempos no Reino de Angola e fizera muitos servissos a Sua Mag.de e em serviço do mesmo Sn.or morrera Capitão na cidade de Loanda» (4). E «no costiago que he junto a cruz de pedra arrabalde desta villa» vão as procurações para receber a herança; recebe-se o dinheiro remetido da Ilha da Madeira por Dioguo Fernandes Branco «por conta do que ahi foi ter carregado por Jacome Coelho morador na cidade da Bahia» (5), fazem-se as doações aos filhos das mercês, honras e prerrogativas herdadas pelos serviços de André... (6). É mãe? É parente dos Camelos da Granja, dos Pombais, Lucrécia Camelo, viúva de André Gonfialves (7) dama austera que se fecha em alfarrábios recusando-nos o folhear da sua vida, da sua geração, da sua passagem já distante pelo mundo?

No ocaso desses longínquos Camelos surge Gonçalo Francisco, nascido em S. Torcato (ou em Unhão?), como senhor das suas terras. Chega de Sevilha «donde veyo rico dizem q as riquezas q tinha as alcansara no tempo da peste de Cevilha em q elle enterrava os mortos...» (8) e logo troca por fartas quintas os seus sacos repletos de oiro. Pelo Costeado, onde já se encontra em 1655, pela Porcariça (9), pelo

---

(4) Doação q fazem Lucressia Camella e João Camello e G.lo Lopes de Carvalho e sua m.er a Roque Camello, pág. 65 v.º, livro de notas n.º 10-2-43. Arq. Mun. A. Pimenta.

(5) Livro de notas do Tab. António Nogueira do Canto, pág. 76 v.º (10-2-15). Arq. Mun. A. Pimenta.

(6) Encontrei as doações e procurações para as poder receber, além dos livros citados, nos livros de notas do Tab. António Nogueira do Canto (10-2-13) pág. 64 v.º e 128 v.º; (10-2-11) pág. 4. Arq. Mun. A. Pimenta.

(7) O único documento em que vem o nome do marido é na «Proc. que fazem Lucressia Camella e seus filhos desta villa» pág. 4 do livro de notas do Tab. Nogueira do Canto citado na nota 6.

(8) Ver Felgueiras Gayo, título de Costas & 133 N 7.

(9) Citada pelo Padre Carvalho na sua *Corografia Lusitana,* vol. I, pág. 95. «Aqui esta quinta da Porcariça muito nomeada assim por sua grandeza & rendimento como pelos autos de suas demandas q andavão em juizo sobre hum jumento e os descarregavão duas pessoas...». Foi esta quinta doada pelo Duque de Bragança Dom Jaime a Afonso Rodri-

Assento de Baixo [10], pela Ribeira de Creixomil. Com ele chega também sua mulher, a sevilhana Ines Diaz Caldeirona Villassus, e a primogénita, Mariana Francisca. À outra filha, com o mesmo nome da mãe, nasce já no Costeado a 30-8-1658 [11]; é afilhada de Dionísio do Amaral, escrivão da Câmara.

Pensa Ines Diaz Caldeirona no bulício e agitação da Andaluzia. Correm seus procuradores a Calle de Sierpes buscando Don Luis Salvador, ou seus herdeiros, entram na «comfeitaria da dita cidade» [12] e as patacas, os dobrões, os reales, os ducados, caem nos bolsos dos novos senhores do Costiago. Vêm tinindo rio abaixo, até Sanlucar, sacudidos pela jornada. Passa-os junto com os baús «hum barqueiro biscainho de nassam». E o tempo desabrocha nas duas filhas de Gonçalo Francisco, duas belas mulheres.

— «São muito formozas.» — «Em bens o pai terá...» — «São só duas.» Ouve estas novas Alexandre Palhares de Brito, fidalgo de Troviscoso, Monção, «soldado, cabo de esquadra, Alferes e ajudante de hum terço d'Auxiliares. Aju-

---

gues do Amaral, Fidalgo Cavaleiro que a deixou a sua filha Felipa do Amaral casada com Diogo da Costa Homem, natural de Viseu. Viveram na Porcariça e tiveram pelo menos dois filhos: Florisanda da Costa X. em Creixomil a 1-4-1589 com Cosme da Costa (Misto 1) c. g.; — ver Felgueiras Gayo tit.º de Villas Boas & 25 — e Diogo da Costa Homem, casado com Maria de Villas Boas, pais de, pelo menos, Estácia º em 1616, Maria º em 1618, Joana do Amaral X. na Ermida da Cadeia a 4-10-1632 com Geraldo de Villas Boas, natural de Braga (Místo 2) c. g. nascida na Porcariça; e João Homem, casado com Jerónima de Villas Boas, cujos filhos também nasceram na Porcariça. No livro de notas do Tab. João Bertoles, a 3-2-1637, João Homem do Amaral e sua m.er Jerónima de Villas Boas vendem um campo da mesma quinta a João Camelo. Presumìvelmente foi este que, depois de a ter comprado toda, a vende a Gonçalo Francisco. Em 1664 já na Porcariça instituiu Gonçalo Francisco um vínculo ou Capela de Missas Perpétuas na Colegiada, doando para isso novecentos mil réis. «Instituissão de vinculo ou Capella que fez gonçallo francisco castellano com o Dom Prior da Colegiada.» Livro de notas do Tab. D.os da Cunha, pág. 45 v.º (12-4-27).

[10] Comprada a 10-5-1672 por Gonçalo Francisco a Alexandre do Vale Peixoto, de Carvalho d'Arca. A quitação vem no livro de notas do Tab. Bento Lobato da Cruz, pág. 95 (12-3-69 g). Arq. Mun. A. Pimenta.

[11] Misto n.º 3, Creixomil. Arq. Mun. A. Pimenta.

[12] Pr. cam. de G.lo Francisco e sua m.er no Costiago. Mesmo livro citado na nota 10, pág. 52.

dante da Corte. Capitam de Infantaria e Tenente da Companhia de Courassas do Sargento-Mor de Batalha o Conde do Prado...» ([13]). Sabe contar aquelas campanhas onde pelejou, nas margens do Rio Minho, repelindo o invasor espanhol em 1659-62. Como «ajudara a desalojar o inimigo de sobre a prassa de Vallença e romper o quartel da cavallaria do inimigo». Conta das marchas, do frio cortante da madrugada, dos lindos verdes minhotos ensopados em guerra. Vibra, a 25-10-1663, quando a tropa, em ânsias vingativas, — 5000 infantes e 500 cavalos — cruza o Rio Minho. São quatro anos em que Alexandre Palhares de Brito «procede em tudo como valente soldado e do mesmo modo se haver nos muitos tempos de guerra da Campanha de Gayão na tomada da Torre da Prassa da Guarda e outras villas e lugares de Galisa». É a tomada do forte de Gayão, do Castelo de Lindoso, o saque a Porrinho e ao forte de S. Luís, o cerco de oito dias a La Guardia. Marchas, escaramuças, glória, e a paz, finalmente, nas fronteiras do norte, terras muradas de granito e musgo, campos de fartura, brancas cascatas a brincar nas giestas, é a paz a cantar pelas rias galegas, pelos pedaços coloridos de Entre Douro e Minho. Tudo isto, pela boca de velhas amas alcoviteiras, é repetido a Mariana Francisca.

Alexandre de Palhares e Brito rapta Mariana Francisca da casa paterna. Fogem a toda a brida. Ele, fascinado pelo donaire dela; ela, chorosa para o passado que deixa, risonha para o futuro que adivinha. No seu encalço a poeirada das justiças de Sua Alteza impelidas pelo pai ofendido, Gonçalo Francisco, Infansão da Governança da vila de Guimarães. Agarram-os, sentenciam a pena de morte para Alexandre Palhares e Brito, por rapto e sedução de donzela. Não cheira a alfâdega o caminho da volta, geme o peso da justiça real no regresso a casa dos dois apaixonados. Intercede o irmão mais velho do réu, Francisco de Palhares Coelho, Fidalgo da

---

([13]) Alexandre Palhares de Brito. Chancelaria da Ordem de Cristo, Livro 30, fls. 214 v.º Patente de 12$000 de Tença com salva, 3-5-1693, Torre do Tombo. Fez-me estas e outros pesquisas na Torre do Tombo meu parente o Dr. Manuel Artur Norton, a quem reconhecidamente agradeço a boa vontade, paciência e amisade.

Casa Real, Morgado de Cordeiros [14], que agita as valorosas campanhas do valente soldado e invoca a nobreza da sua raça. Gonçalo Francisco, mulher e filha «movidos de suas consciencias perdoam toda a pena e culpa ao dito denunciado» [15] pois «tinham contratado com fr.co de palhares irmam do dito Alexandre de Palhares e Brito q elle casasse com a dita maryanna francisqua...» [16]. Abrem-se as portas da igreja de Creixomil para uma nova família que começa. Deixam o altar Alexandre de Palhares e Brito e sua mulher Dona Mariana Francisca Vilasus Caldeirão a 3-4-1674 [17] e no Costeado passam a viver.

Em breve mais outro casal recebe as bençãos da igreja. Prende-se o irmão mais velho de Alexandre, o morgado dos Cordeiros, aos dezasseis anos da irmã mais nova de Mariana. Casa Inês Caldeirão Villassus a 16-10-1674 [18]. Dotam os pais às duas filhas «*todos os bens moveis e de Rais avidos e e por aver direittos e aussois he todo o mais que a elles dotadores pertenssa... reservando para sy os casais da Ribeira e sam miguell de baixo... e q marianna francisca e seu marido ficarão sempre nesta quintãa do Costiago e porcarisse*» e no caso de se separarem dos pais ainda este ano «*lhe daram os esposados do pam q esta recolhido tresentas rasas de milho e sem almudes de vinho he huma cuba e duas tulhas para arrecolher e tres garfos e tres colheres de prata he hum copo de prata he sinquo porquos he roupa p.a seu uso*» [19]. A velhice de Gonçalo Francisco, «o castilhano», e de Inês Diaz Cal-

---

[14] Chancelaria da Ordem de Cristo, livro 47, fls. 367 v.º Carta de Hábito de 24-2-1663 por serviço de dois anos na fronteira, fls. 367 v.º: Alvará para ser armado cavaleiro de 24-2-1663. Torre do Tombo.

[15] Perdão q deu G.lo Francisco e sua m.er a Alexandre Palhares. Livro de notas do Tab. Jorge Lobato da Cruz (12-3-62), pág. 52. Arq. Mun. A. Pimenta.

[16] Perdão q derão G.lo Francisco sua m.er e f.a a Alexandre de Palhares, mesmo livro da nota 15, pág. 53.

[17] Mesmo livro citado na nota 11.

[18] Mesmo livro citado na nota 11.

[19] Dotes que fazem G.lo fr.co e sua m.er da quinta do Costiago ha suas filhas com fr.co de palhares e Alexandre de Paihares a 16-10-1674. Livro de notas do Tab. Jorge Lobato da Cruz (16-2-48), pág. 19. Arq. Mun. A. Pimenta.

deirona é toda iluminada de netos ([20]). Os treze filhos de Dona Mariana, os de Dona Inês, todos nesta casa nascidos, empurram o Costeado para um capítulo movimentado de peleja e luta. Pelo caminho ficam mansamente: primeiro, na Ribeira, a 12-2-1688, Gonçalo Francisco ([21]); depois, a 20-6-1696, no Costeado, sua viúva, a sevilhana Inês Diaz ([22]).

As filhas de Dona Mariana Francisca quebram a cadeia que por linha feminina as liga à enluarada Sevilha, morrendo todas solteiras. Não transmitirão sangue de Palhares, nem de Costas, Lobatos, de Zunigas, de Britos e Abreu da Grade ([23]) e tantas outras casas minhotas cujas árvores decoram a árvore geneológica de seu Pai. Dona Ana Maria, Dona Angela Luísa, senhora da Porcariça, Dona Constância, Dona Ma-

---

([20]) Foram seus netos: filhos de Dona Mariana e seu marido Alexandre de Palhares de Brito, todos nascidos no Costeado: Francisco de Palhares Coelho, bap. a 13-3-1676; Fernão Taveira, bap. a 1-8-1677; Manuel Lobato de Palhares, bap. a 31-3-1680; Dona Maria Teresa, bap. a 27-11-1681, provàvelmente † menina; José Palhares Coelho, bap. a 3-11-1683; Dona Constança, bap. 30-6-1685; Dona Angela Luísa, bap. a 11-9-1686; Dona Luísa, bap. a 7-3-1688; Dona Joana, bap. a 9-11-1689; Luís, bap. a 17-1-1691 provàvelmente † menino; Alexandre de Palhares Coelho e Brito, bap. a 11-1-1693; Dona Ana Maria, bap. a 2-4-1697; Dona Mariana, de quem não encontramos a certidão de baptismo. Filhos de Dona Inês e de seu marido Francisco de Palhares Coelho, Morgado dos Cordeiros: Dona Ana, ª no Costeado, bap. a 16-2-1676, freira em Monção; Fernando Taveira, Morgado dos Cordeiros, s. g. e Alexandre de Palhares Coelho e Brito, º póstumo no Costeado e bap. a 17-3-1683. Livros mistos 4 e 5 da freg. de Creixomil. Arq. Mun. A. Pimenta. Felgueiras Gayo no seu *Nobiliário* dá mais um filho a Dona Inês: Manuel s. g., e sòmente oito filhos a Dona Mariana.

([21]) Misto 4 da freg. de Creixomil, pág. 82. Arq. Mun. A. Pimenta.

([22]) Mesmo livro da nota 17, pág. 90 v.º Jaz na Igreja da Oliveira.

([23]) Alexandre de Palhares e Brito era filho segundo de Fernão Taveira de Palhares e de sua m.er Dona Constança Soares Coelho, neto materno de Francisco de Palhares da Rocha, Sr. do Morgado de Trute, e de sua m.er Dona Angela Lobato de Neiva; neto materno de João de Palhares Coelho, Sr. do Morgado dos Cordeiros, junto a Monção, e de sua m.er Dona Joana Lobato. Descende, além de muitas outras, das famílias citadas no texto.

A quinta dos Cordeiros fica na freg. de Troviscoso, em Monção. Nessa quinta existem hoje duas pedras de armas: uma que deve querer representar Palhares e Coelhos, a outra Coelho, Pereira e Palhares. Numa casa da Rua Direita, em Monção, estão umas armas com os mesmos motivos; deveria ter pertencido aos Palhares. « Na freg. de Trute assen-

riana andam no Costeado, molhos de chaves à cintura, agulhas veloses nos bastidores, altares enfeitados com ternura, e no coração a esperança cada vez mais apagada de por algum morgodo serem escolhidas. Uma a uma as vai Deus chamando [24] como em muito nova levou a mana Luísa [25], como levara um dia a mana Joana, recolhida no convento de Vairão [26], onde elas, batendo os seus pésitos fidalgos, não deram entrada.

Soa o clarim da guerra. Chicoteiam-se nos ares das cortes europeias as intrigas e interesses pela posse do trono espanhol, vago por morte de Carlos II. Estala a longa Guerra de Sucessão. Portugal, ligado primeiro por tratados de aliança à França e Espanha, apoquentado por aquela nos territórios da Amazonia, apetecendo-lhe algumas praças espanholas, unido pelo mar às potências marítimas, acaba por se juntar a estas ficando do lado da Inglaterra, da Holanda e do Império Austríaco. A 30 de Abril de 1704 é-nos declarada a guerra. Ouve-se, nas fronteiras das Beiras e do Alentejo, o rufar dos tambores inimigos; esmaga o nosso chão a força do exército invasor. Subindo a ladeira do Costeado partem Alexandre de Palhares e Brito e seus filhos Francisco de Palhares Coelho, Fernão Taveira e Manuel Lobato de Palhares [27]. Os dos mares, dos campos, os fidalgos, o povo, todos

---

tava o privilégio da quinta dos Palhares; em Merufe há também um lugar do mesmo nome, por os Palhares aí edificarem uma casa nobre, mas os castelhanos arrasaram-na quando cercaram Monção em 1658». Vide *Monção e seu Alfoz na Heraldica Nacional*, por José Garção Gomes. Alexandre de Palhares nasceu na Quinta dos Cordeiros.

[24] Dona Constança, a 3-10-1721 (misto 6); Dona Ana Maria, a 16-10-1729 e Dona Mariana, a 2-4-1737 (misto 7); Dona Angela Luísa, a 9-2-1776 «enterrada na Colegiada na sepultura da sua casa» (misto 9). Faleceram todas no Costeado.

[25] Dona Luisa Lobato de Palhares † no Costeado em vida de sua mãe, a 23-1-1710 (misto 6).

[26] No testamento de Dona Mariana Francisca vem a recomendação para as filhas tomarem todas o estado de religiosas. A única que estava no Convento, em 1729, era Dona Joana conforme se lê no testamento do Padre António Lopes de Moura, capelão da casa † a 4-5-1729 (misto 7 de Creixomil).

[27] Fernão Taveira foi Capitão de Infantaria e embora não tenha provas da sua ida para a guerra, pela sua idade e posto é muito natural que assim tenha acontecido.

A Casa do Costeado antes do incêndio

Aspecto actual

D. Joaquina Máxima. Herd. -1845 c. s. g.
D. Ana Peregrina, Baronesa do Costeado pelo seu casamento. Herd. de sua irmã -1856 c. s. g.
João de Faria Freire de Andrade Ribeiro Golias dos Guimarães Suc., F. C. R.
D. Inês Maria Madalena de Palhares Coelho de Brito Lobato. Herd.
Bartolomeu de Faria Freire de Andrade. Suc., F.C.R. 1712-
D. Vicência Antónia da Silva Araújo Barbosa e Castro
Alexandre de Palhares de Brito Coelho Sr. do Costeado Tenente de Cavalaria 1693-1778
Sua prima D. Sebastiana Antónia de Palhares Coelho de Brito Lobato F. N. L. Alv. Régio Herd.
Francisco de Faria Freire de Andrade Suc. F. C. R.
D. Luísa de Oliveira
Bento da Silva e Castro Peixoto Suc. 1664-
D. Benta Aranha Araújo Barbosa
Alexandre de Palhares de Brito F. C. R. Filho 2.º -1704
D. Mariana Francisca S.ª do Costeado -1719
Alexandre de Palhares Coelho de Brito Gov. de Almeida, Marechal de Campo Com.or de Santiago de Mourilhe, F. C. R., Cav. Prof. O. C. Suc. 1683-1771
houve em Francisca Moreira
Bartolomeu de Faria de Andrade Suc. 1639-1717
D. Serafina de Miranda
Domingos Gonçalves Leitão Mercador em Guimarães
Maria Antunes de Oliveira
Francisco Ribeiro de Castro Sr. da Quinta da Faia, Rendufe (Amares)
Joana da Silva Peixota
João Aranha da Cunha capitão
viverão na Barca
Felipa de Araújo Barbosa
Fernão Taveira de Palhares Suc.
D. Constança Soares Coelho Herd.
Gonçalo Francisco Sr. por compra da Casa do Costeado -1688
Inês Diaz Caldeirona Villassus -1696
Francisco de Palhares Coelho Morgado de Cordeiros F. C. R. Cav. Prof. O. C. -1682
D. Inês Caldeirão Villassus 1658-
António Moreira
Maria de Araújo
João de Faria de Andrade. Morgado de Torrados (Felgueiras) Padroeiro do convento de Santa Clara, Cav. Prof. O. C.
2.ª mulher
D. Giralda Machado
Diogo Ribeiro de Miranda
Escolástica Peixoto
Domingos Gonçalves Leitão, mercador
Maria de Araújo Pereira
António Gonçalves, mercador
Isabel Antunes
Belchior Alvares Pereira -1654 m.res na Faia (Amares)
Antónia Ribeiro
Pedro Vilela da Silva m.res na Pegada (Amares)
Ana Velosa -1652
António de Antas da Cunha Lic.
Maria Aranha de Amorim
Francisco de Araújo
Maria de Lira de Araújo
Francisco de Palhares da Rocha Sr. do Morgado de Truite (Monção)
D. Angela Lobato de Neiva
João Palhares Coelho Sr. do Morgado dos Cordeiros (Monção)
D. Joana Lobato
Fernão Taveira de Palhares (acima)
D. Constança Soares Coelho (acima)
Gonçalo Francisco (acima)
Inês Dias Caldeirona Villassus (acima)
Francisco Moreira
Maria Mendes
Pedro de Araújo
Francisca Vieira

marcham. Partem das montanhas, das cidades, das vilas, da beira-mar. Vão para a guerra, como os Palhares, sem olharem para trás. Vão como homens!

Estende-se o frio e o gelo na alma de todas as mulheres que nada compreendem das batalhas. Penetra em Dona Mariana Francisca e suas filhas a agonia parada e a dignidade de manter a cabeça erguida, enquanto o coração chora, a dor mata e os olhos humildemente pedem a Deus, suplicam à Virgem, a volta dos maridos, dos pais, dos noivos, dos irmãos, dos filhos.

«Veyo a esta freg.ª a notisia serta que os Francos matarão junto a prassa de Almeida a Alexandre de Palhares aos 11-6-1704 por se verificar ser serta a nova a Senhora Dona Mariana sua mulher lhe mandou fazer os officios...» ([28]).

...Prossegue a guerra varrendo à passagem os homens, as cidades e os campos. 1706 traz sonhos de glória ao Marquês de Minas ([29]), comandante supremo das forças aliadas. Avança, glorioso, Espanha adentro, vingando as cutiladas dadas nos anos anteriores às nossas fronteiras. Brozas, Alcântara, Moraleja, Coria, Plasência, Almaraz curvam-se rendidas em restos fumegantes. Recua sem dar batalha o chefe inimigo, marechal Duque de Berwick ([30]). Caiem Ciudad Rodrigo, Badajoz, Salamanca. Frémitos de vitória percorrem as

---

([28]) Misto 5 da freg. de S. Miguel de Creixomil. Arq. Mun. A. Pimenta.

([29]) Dom António Luís de Sousa (1644-1721), 2.º Marquês de Minas, 4.º Conde do Prado. Começou a carreira militar aos 13 anos achando-se com seu pai na defesa de Elvas, foi General da Batalha, Governador d'Armas de Entre Douro e Minho, Presidente da Junta do Tabaco, Governador das Armas da Beira, Comandante Supremo das Forças Portuguesas na Guerra da Sucessão que, sob o seu comando, praticaram valorosos feitos, estribeiro-mor da Rainha Dona Maria Ana d'Austria. Representa hoje esta ilustre casa Dona Alda Maria do Rosário da Silveira Silley. Vide *Nobreza de Portugal*, vol. II, pág. 742.

([30]) James Fitz-James Stuart, filho natural do Rei Jaime II de Inglaterra; o título de Duque de Berwick foi-lhe concedido por seu pai em 1687. Foi Marechal de França. Pelos seus feitos de Armas e pela vitória de Almanza, Filipe V elevou-o à grandeza de Espanha e concedeu-lhe os ducados de Liria e Jérica. Representa hoje esta ilustre casa Dona Maria del Rosario Cayetana Fitz-James Stuart y Silva, 18.º Duquesa de Alba, etc., etc., c. c. g. Vide *Nobiliario Español*, de J. Atienza.

*

nossas tropas: 15 dias depois entram em Madrid. À frente, triunfante e orgulhoso, o esquadrão de cavalaria do Conde de Vila Verde [31]; depois, o Marquês de Minas e o restante exército. Portugueses, ingleses e holandeses aclamam na capital espanhola a Carlos, Arquiduque de Áustria, como Carlos III, Rei de Espanha. O Marquês de Minas atira com esplendor moedas à população para que esta grite: Viva Carlos III!

Filipe V e a Corte, Berwick e as suas tropas, refugiam-se em Guadalajara. Estão os vencidos em casa, prontos a responderem com garra às afrontas do inimigo. Está esgotado o exército vencedor, as armas partidas, o longo cortejo de doenças e mortos deixados por Estremadura e Castelas, e ruma para Valencia. Muda o vento, e com 1707 começam a diluir-se as vitórias. Yecla e Montealegre são atacadas sem resultado; entrega-se Villena, mas o seu castelo resiste. Viram-se os fados contra o Marquês de Minas, o «aposentador» de Berwick como ele com alarde se chamava na gloriosa marcha para Madrid. Acossam-no as tropas inimigas na dura e longa marcha para a capital valenciana. Sabendo que o grosso das tropas franco-espanholas está concentrado em Almanza, para lá vão Minas e os seus exércitos, dispostos a darem batalha [32].

E a batalha dá-se. É a ala esquerda do exército aliado, a infantaria inglesa e a cavalaria portuguesa, a fazerem ceder a direita inimiga. É a reação desta. São os reforços a virem; os últimos das tropas holandesas, portuguesas, inglesas. É o ímpeto que os leva até às portas de Almanza. Luta a nossa direita, contorna a esquerda inimiga. Aproveita-se o Duque de Berwick das brechas abertas no centro, envolve e cerca

---

[31] Dom Pedro António de Noronha de Albuquerque, 2.º Conde de Vila Verde, 1.º Marquês de Angeja, capitão-geral e 34.º Vice-Rei da Índia, General da Cavalaria da Província do Alentejo, Mestre de Campo, General do exército comandado pelo Marquês de Minas, Governador das Armas do Alentejo. Representa-o hoje Dona Maria Antónia de Almeida e Noronha, 4.ª Condessa de Peniche, c. c. g. Vide *Nobreza de Portugal,* vol. II, pág. 281 e os *Vice-Réis da Índia,* por J. Ferreira Martins.

[32] Vide *História Monumental de Portugal,* direcção literária do Prof. Damião Peres, vol. VI, págs. 148 a 162 e *Historia General de España,* por Don Modesto Lafuente, tomo XIII, págs. 10 a 67.

os aliados. É a força franco-espanhola a crescer em número. É o combate desesperado de cada terço, de cada bateria. São os gritos de morte dos que tombam. São os ventres abertos e desgarrados de homens e cavalos. São horas que se arrastam no fragor do combate; caiem aos pedaços estandartes e bandeiras. É a retirada de treze batalhões holandeses, é a confusão, é o caos. É a morte heróica dos nossos esquadrões, mordendo com raiva a terra inimiga. São cinco mil mortos, são doze mil prisioneiros, são cem estandartes que tombam, é a estrela de Filipe V que se levanta. Na Batalha de Almanza cai gloriosamente Francisco de Palhares Coelho, na força dos seus vinte e oito anos, no apogeu da sua juventude (33).

Doze anos ainda sobrevive Dona Mariana Francisca Vilassus na paz triste do Costeado. Anos retalhados pela morte, encarniçada contra os netos de Gonçalo Francisco.

— Jesus! Misericórdia! Morreu afogado o Zézinho! (34).

— Depois é o Senhor Morgado! O nosso Fernandinho! E foi sem sacramentos! (35). Lembrar-se a gente que era tão menino quando veio de Monção! Estou a ver a mãe, a Senhora Dona Inês, tão nova, já viúva, a chegar com os filhos pequeninos, o mais novo ainda por nascer (36); o tio, o senhor Alexandre, Deus o tenha na sua santa Glória, ficou logo tutor dos meninos (37). Já um homem feito! Ai meu Deus, meu Deus!

---

(33) «a des de junho de mil setecentos e sete chegou a noticia certa de como faleceu Francisco de Palhares Coelho na Campanha em Castella sua may Donna Marianna lhe fes os sufragios». Misto 6 da freg. de Creixomil.

(34) Felgueiras Gayo no seu *Nobiliário,* em título de «Costas», 133, refere-se a esta morte por afogamento. José Palhares Coelho é testemunha dum casamento, com seu irmão Manuel, em 1707, mas já não é citado no testamento da mãe, em 1719.

(35) Fernão Taveira faleceu sem sacramento algum no Costeado, a 13-2-1716. Era natural de Monção. Misto 6 de Creixomil.

(36) Alexandre de Palhares Coelho e Brito º no Costeado e foi bap. a 17-3-1683; (ver nota 20) filho legítimo de Francisco de Palhares de Brito, Cavaleiro do Hábito de Cristo, já defunto, e de sua m.er dona Inês. Misto 4 de Creixomil.

Francisco de Palhares † no Toural, em Guimarães, a 5-8-1682, e foi sep. na Colegiada. Misto n.º 3 da freg. de S. Sebastião, pág. 38.

(37) «Prazo que fez Alexandre de palhares como tutor de seu sobrinho fernando feito a Alvaro ferreira e sua m.er de troviscoso do termo de

«A 8-8-1716 na Quinta do Costeado falece com todos os sacramentos Fernão Taveira solteiro filho de Dona Mariana veuva» [38]. Bando alacre de passaros caídos em pleno voo, nuvens de esperanças defeitas pela morte...

«*Devo a Marcos Ribeiro o q ele disser... devo a jeronimo Pereira sete mil e duzentos para o q tem la hum jarro de prata... devo a Irmandade das Almas de Sam Miguel sem mil reis... devo a Santa Casa da Misericordia novecentos mil reis pouco mais ou menos...*». Um conto e duzentos deve aproximadamente, fora o que este ou aquele disserem, Dona Mariana Francisca, em 1719, ao fazer o seu testamento [39]. Assim a deixamos, pronta a comparecer perante Deus [40], descansando para sempre as suas dores de mãe esfrangalhada, — desmaiada sombra do colorido alegre que tingira a sua alma de menina e pintara o seu coração de mulher.

Senhor do Costeado fica seu terceiro filho, Manuel Lobato de Palhares [41], Capitão de Cavalos. Caminha pela noite fora até à quinta do Miradoiro, onde vive Joana Pereira, moçoila solteira. Seis [42] são, pelo menos, os seus filhos. As rapa-

---

Monção a 19-1-1683». Livro de notas n.º 12-4-37. (Arq. Mun. A. Pimenta). Neste documento fala-se do morgadio dos Cordeiros pertencente a «fernando menor de catorze anos filho legitimo do dito seu irmão francisco de palhares e dela dita dona ignês» e da propriedade de Roriz, freg. de São Mamede de Troviscoso, que faz parte do mesmo morgadio, pág. 40.

[38] Misto 6 de Creixomil. Foi a enterrar à Misericórdia de Guimarães.

[39] «Copia do Testamento com que faleceu Donna Marianna Villa Sus Caldeirão lançado nesta nota a Requerimento do Rev.do Francisco Lobato de Palhares do arrabalde desta villa.» O testamento foi aprovado na quinta do Costeado a 26-2-1719. Livro de notas do Tab. Domingos Ferreira Mendes (13-4-34), pág. 40. Arq. Mun. A. Pimenta.

[40] Faleceu no Costeado a 26-2-1719. Jaz na Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Misto 6 de Creixomil.

[41] Manuel Lobato de Palhares, capitão de cavalos, faleceu na Casa do Costeado a 27-3-1757. Deixa herdeiro seu filho, o Padre Francisco, cita todos os outros filhos no testamento e deixa o Prazo da Porcariça a sua irmã Dona Angela Luísa. Misto 8 da freg. de Creixomil. Arq. Mun. A. Pimenta.

[42] Foram esses seis: Manuel José Palhares, † a 16-11-1744 «filho natural de Manuel Lobato de Palhares do Costeado» (misto 7); Padre Francisco José Lobato de Palhares, herdeiro de seu pai, ° no Miradouro,

rigas, desde novitas, arrancadas à terra, guardadas nos altos muros do Convento de Vairão. Uma, Dona Josefa Ventura de Palhares Coelho e Brito, volta depois no desencanto dos seus quarenta anos de vida, na candura fresca da sua ignorância do mundo. Casam-na a 26-8-1773 (43), na capelinha da Senhora da Luz, com João de Sousa da Silveira, da Casa dos Pombais, Juiz Privativo dos Direitos Reais; dá-lhes as bênçãos o irmão da noiva, o muito Reverendo Francisco José de Palhares Lobato. Tirando o sacerdote, os rapazes por aqui ficam, no Costeado e na Porcariça, sem nada que os sobressaia da neblina do tempo. Por falta de geração, deles e das irmãs, não segue esta história com nenhum. Estanca-se a corrente da vida nos filhos do capitão Manuel Lobato de Palhares, «todos em Joana Pereira havidos».

Parecia forte o sangue dos Palhares, águas revoltas, cheias de braços, em cachão, a atravessar as eras. Secas nas estranhas curvas do destino, seguem por fim em dois fios paralelos, unidos por caminhos bem distintos no débil final do que foi uma valente raça. São os netos mais novos de Gonçalo Francisco: o último de Dona Mariana, o filho póstumo de Dona Inês. Chama-se um Alexandre de Palhares de Brito Coelho; o outro, Alexandre de Palhares Coelho de Brito. É o primeiro uma figura bisonha, tenente de cavalaria, espalhando bastardos (44), casado com sua prima Dona Sebastiana Antónia, vivendo ora em Guimarães, ora em Monção. Senhor do Costeado por morte de seus irmãos, possui, também, desde 1757, a quinta da Porcariça e os prazos da

---

Creixomil, a 16-3-1729; Fernando, ° 14-6-1731, suponho que faleceu menino; Dona Josefa Ventura, (ver nota 43) ° 10-2-1734; (livros de Bap. n.os 2 e 3 da freg. de Creixomil. Arq. Mun. A. Pimenta); Dona Rosa Barbara, freira em Vairão, e Dona Teresa.

(43) Misto 9 da freg. de Creixomil. Arq. Mun. A. Pimenta. Casaram por procuração nessa data e a 18-9 receberam as bençãos nupciais na capela da Senhora da Luz «sendo a contrahente educanda rezidente desde a Puericia no Convento de Bairram».

(44) De seus bastardos temos notícia certa de Clara Maria Lobato, filha natural de Alexandre de Palhares de Brito Coelho, do Costeado, freg. de S. Miguel de Creixomil, e de Ana do Val, solt.ª, da Rua do Picoto, X. na Igreja de S. Paio a 22-11-1762 com António da Silva Ribeiro, viúvo, filho de Luís da Silva Ribeiro e de sua m.er Joana da Silva Car-

Ribeira e dos Moinhos, doados por seu sobrinho, o Padre Francisco José Lobato de Palhares (45) «*atendendo a não poder cumprir com as obrigações que lhe foram deixadas por seu pai e por outros justos motivos os ha por doados e nomeados em seu thio Alexandre...*». Fica o tio encarregado de lhe dar todos os anos três carros de milho, três pipas de vinho, trinta mil réis e, no caso de morte do doador, entregar esta reserva a sua mãe, Joana Pereira, e, além de lhes pagar umas dívidas, «*quando o doado entrar na posse da casa de seu primo e sogro Alexandre de Palhares Coelho de Brito dar o estado de religiosas às irmãs do doador e oitocentos milreis de dote a cada huma*».

Com o segundo Alexandre, o tristemente célebre governador de Almeida, sairemos das veigas de Creixomil e passearemos pelas faustosa época de setecentos.

Reina o Senhor Dom João V, reinam na corte a paz e a alegria. É a Sereníssima Senhora Infanta Dona Francisca, irmã d'El Rei, uma princesa «onde tendo a natureza logrado na sua Real pessoa huma das mais singulares producções... gostava da lição dos livros que lia na lingua propria, Hespanhola, Franceza e Italiana sendo este o seu mais estimavel divertimento e da mesma sorte na dança instrumentos e inteligencia da muzica... é o seu quarto frequentado das Senhoras...» (46). Com essas damas entramos a acompanhar

---

valho. Casamento n.º 4 da freg. de S. Paio. Arq. Mun. A. Pimenta. (Luís da Silva Ribeiro era tabelião de notas. Ver «Velhas Casas» (I), Árvore 1, Casa da Ribeira); António de Palhares, solteiro, do lugar do Costeado, achado morto a 15-2-1788 (Ob. 1 Creixomil) e também aparece (talvez neto) um António Pereira Palhares, morador na Rua de Traz Gaia, casado com Joana Peixota de Abreu † a 26-11-1858 (Ob. 2 Creixomil).

(45) «Duação e contrato do P.e Fran.co Joze de Palhares de Creixomil a Alex.e de Palhares de Monção a 16-4-1765.» Livro de notas do Tab. Domingos Fernandes Rocha (6-3-5). Arq. Mun. A. Pimenta.

(46) *História Genealógica da Casa Real,* de Dom António Caetano de Sousa, Tomo VIII, pág. 453. Acrescenta mais o ilustre autor este retrato da Infanta «...estatura alta, grossa, muy fermoza, com grande bizarria e excelentemente airosa, rosto redondo, olhos grandes e fundos, muito branca e corada, nariz boca pequenos e proporcionados dentes perfeitissimos com fizionomia alegre e sumamente agradavel». Faleceu esta Infanta, com 37 anos, a 15-7-1736.

Dona Luísa Catarina de Sá Peixoto [47], toucadoura da infanta, futura mulher de Alexandre de Palhares Coelho de Brito.

Avança a luxuosa corte, saias de seda tufadas, atrevidos decotes a espreitarem dos corpetes de baleia, cobertos de rendas e fitas. Mexem-se as mãos com elegância «calçadas de luvas de pala, de cordovão de flores, perfumadas de frangipana» [48]. Nas cabeças penteadas «à alemoa» tremelicam lindos broches. Escondem-se com vergonha e recato os pés pequeninos, e as pérolas brancas e miudas enfeitam colos e cabelos. Durante catorze anos foi Dona Catarina Luísa toucadoura no Paço. Rodopiando diligente à volta da Infanta Dona Francisca e, depois, da Rainha da Grã-Bretanha, cobriu-as de jóias e adereços, salpicou-lhes a cara com a graça picaresca dos sinais de tafetá negros, espalhou-lhes nas faces, nas orelhas e beiços os tons vermelhos do colorete. Assim também ela, como as mais damas, se toucava, ávida das últimas modas de França, envolta em sedas e luxo. Assim também ele, Alexandre de Palhares, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real [49], Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo [50],

---

[47] Chancelaria da Ordem de Cristo — Serviços de Dona Luísa Catarina de Sá Peixoto: Toucadoura da Infanta Dona Francisca e depois da Rainha da Grã-Bretanha Dona Catarina, total 14 anos 1706/20. Livro 144, fls. 423, Torre do Tombo.

Dona Luísa Catarina de Sá Peixoto era filha de Cosme de Sá Peixoto, marechal de Campo de um Terço de Infantaria de Auxiliares de Guimarães por espaço de seis anos, Fidalgo da Casa Real, Com.or da Ordem de Cristo, e de sua m.er Dona Mariana de Aguilar, neta paterna de Paulo de Sá Peixoto, º na Baía (filho de Cosme de Sá Peixoto e de sua m.er Maria de Novais, nat.s de Guimarães e † † na Baía) e de sua m.er Dona Mariana da Mota, nat. de Vila Viçosa (filha de Mateus Peixoto de Sá, Dez.or da Casa de Bragança, Com.or de Cristo, nat. de Guimarães, e de sua m.er Dona Maria da Mota, nat. de Vila Viçosa); neta materna de João de Aguilar e de sua m.er Dona Catarina de Gois e Sequeira † na vila de Santo Amaro, Brasil, de cujas partilhas tratava Alexandre de Palhares na altura da sua prisão.

[48] Copiei os fatos da *História do Trajo em Portugal* — Enciclopédia pela Imagem, por Matos Sequeira, págs. 46 a 49.

[49] Em seu testamento, Alexandre de Palhares diz que é fidalgo, o que é confirmado pelo seu processo de habilitação para a Ordem de Cristo.

[50] Alexandre de Palhares e Brito. Chancelaria da Ordem de Cristo, Livro 139, fls. 127 v, Carta de Hábito 19-11-1721; Alvará para ser armado

Comendador de S. Tiago de Mourilhe ([51]), Morgado dos Cordeiros, cabeleira empoada, sapatos de salto alto, meia de côr, liga abaixo do joelho. Juntos, sob as bençãos da Santa Madre Igreja, sorriem, volteando as danças e requebros do Paço, vénia rasgada para o destino que os aguarda. E do luxo e grandeza da corte brotam as ciências, as artes, os monumentos, as letras, e o país eleva-se com o Magnânimo...

Corre o tempo, que não respeita os Reis nem as épocas felizes. Passa o fausto da corte joanina, Dom José é Rei. Presta-lhe Alexandre de Palhares, Morgado dos Cordeiros, alguns serviços cujas mercês, remuneração real, ardem no incêndio que se segue ao terremoto de 1755. Pede ao monarca a legitimação de sua filha natural, Dona Sebastiana Antónia, pois não tem filhos do matrimónio com Dona Catarina Luísa de Sá Peixoto, nem quem lhe suceda nos vínculos. Casa então a nova herdeira com seu primo co-irmão, o outro Alexandre de Palhares, Senhor do Costeado. Nasce-lhe a única neta, Dona Ana Inês Madalena de Palhares de Brito Coelho. Nela se revê o avô, Morgado dos Cordeiros, Governador de Monção, em 1753 ([52]). Aí, ou no Costeado, envolve-os a luz dourada do bem estar. De repente, a corda da felicidade, muitas vezes tensa, esticada, rebenta, estala e tudo leva

Foram cinquenta anos de paz que se escoaram; benéficos para as gentes, benditos para o país, adormecedores para o

---

cavaleiro, idem, fls. 128 v°; Alvará de Profissão 19-11-1721, idem, fls. 438 v°. Torre do Tombo.

([51]) Chancelaria da Ordem de Cristo — Alvará da Comenda de S. Tiago de Mourilhe, a 10-7-1721. A mercê foi concedida a Alexandre de Palhares Coelho e Brito pelos serviços da mulher, cunhada e sogro, Livro 144, fls. 423; Carta de Confirmação da Comenda de S. Tiago de Mourilhe, Arcebispado de Braga, 19-5-1722, Livro 144, fls. 423 v°; Provisão para poder dar de foro e inovar os bens da comenda de S. Tiago de Mourilhe, 18-4-1723, Livro 164, fls. 427 v°; Provisão para tombar os bens da comenda de S. Tiago de Mourilhe, 15-3-1737, Livro 196, fls. 188; Provisão para concluir em 6 meses o Tombo da sua comenda de S. Tiago de Mourilhe, 30-5-1738, Livro 206, fls. 21 v°; Provisão para fazer tombo dos bens de S. Tiago de Mourilhe, 4-2-1735, Livro 215, fls. 125; Provisão de prorrogação de mais hum ano para tombar os bens da Comenda de S. Tiago de Mourilhe, Livro 221, fls 254 v°. Torre do Tombo.

([52]) *Monção e seu Alfoz na Heráldica Nacional,* por José Garção Gomes.

exército. Desde abril de 1762 procura o Conde de Oeiras, futuro Marquês de Pombal, reavivar a antiga chama, cortando os abusos da tropa e seus chefes (53). Fiel à velha aliança com a Inglaterra, Portugal recusa aderir ao Pacto de Família; o comandante do exército espanhol, o Marquês de Sarria (54), publica um manifesto e invade a nação. Dom José I declara a guerra. À invasão franco-espanhola responde na primeira hora só o povo irado e forte. Contrata-se o Conde de Lippe (55) para dirigir a campanha: em breves meses transforma uma massa de homens sem chefes militares, uma turba confusa, em combatentes firmes, valentes, que se nos primeiros tempos colhem revezes, saiem, por fim, vitoriosos. Carlos III, Rei de Espanha, pede a paz a 22 de Novembro. Nesta curta guerra houve mortos, houve feridos, houve heróis. Dela saiu, vítima das circunstâncias e da sua muita idade, vivo mas com o dedo da história a apontar-lhe a deshonra, Alexandre de Palhares Coelho de Brito.

Aos 79 anos é nomeado Governador de Almeida com a patente de Marechal de Campo «mandando El-Rei que me

---

(53) Entre outras medidas cortara as lautas refeições dos militares. «Reduzira» as dos chefes «a uma coberta de vinte pratos sorteados de cozinha e outra coberta respectiva de frutas e doces» e para os ajudantes de campo: sopa, um guisado, um assado, um cozido e quatro sobremesas. Vide *História de Portugal*, ed. monumental, co.or por Damião Peres, Tomo VI, pág. 239.

(54) Hoje está este título na Casa Ducal de Alba. Ver nota 30.

(55) Guilherme I Frederico Ernesto, ° em Londres a 9-1-1724 † a 10-9-1777, 4.° Conde de Schaumbourg-Lippe, X. em 1765 com sua prima Maria, Condessa de Lippe-Biesterfeld. C. G. Ext. Representa hoje esta Casa S. A. S. Volrad I, 5.° Príncipe de Schaumbourg-Lippe, Senhor de Lippe, Conde de Schawalenberg e Strenberg, etc., Chefe da Ordem da Casa Soberana de Schaumbourg-Lippe, ° 1887 c. c. g.—vide Revista *Hidalguia*, «Genealogia de las Casas Soberanas», Ano X, n.° 55.

Nos poucos anos que esteve em Portugal o Conde de Lippe reorganizou o exército e introduziu-lhe a disciplina prussiana. À sua chegada constavam as tropas de nove mil homens; sob o seu comando chegaram a atingir 40 000 infantes, 2860 artilheiros e 5840 cavalos. Vemos em *Moedas e Medalhas do Conde de Lippe alusivas a Portugal*, de Augusto Viana de Morais, que, além de muitos presentes, D. José elevou-o a príncipe de sangue com o título de Alteza. Ocupou-se também das nossas praças de guerra, fazendo construir o forte de Elvas, e abrindo uma escola de artilharia no Forte de S. Julião da Barra.

sejão pagos todos os soldos que se me devião e de que nessecitava naquela ocasião pela brevidade com que fui obrigado a partir me vali do dinheiro que me emprestou o Dezembargador Thomaz Rubim...» [56]. Guarnecem a praça três mil homens, sem disciplina. Concentram-se os castelhanos em Ciudad Rodrigo, com o objectivo de atacarem Almeida. Encontra-se o general Lippe em Abrantes, dá ordens para defender até à última a praça sob o comando de Alexandre de Palhares e marcha para a Beira Central, impedindo o avanço inimigo sobre Lisboa ou Porto. Ocupam os espanhóis os fortes exteriores de Almeida; estreitam o cerco.

Nos dias 15 e 16 de Agosto começam a abrir brechas, atiram bombas aos quatro cantos da vila, irrompem incêndios. Grita e lamenta-se a população, desertam vergonhosamente os soldados. Rende-se o governador a 26 de Agosto [57]. Sai livre a guarnição deixando com os espanhóis 83 canhões, nove morteiros, setecentos quintais de pólvora, dois armazéns de provisões... Sai livre mas maldita, e o seu chefe, alquebrado, expiará no Limoeiro a culpa de lhe porem nas mãos tremulas o comando duma praça de guerra, bem apetrechada mas sem alma.

Da humidade da cadeia deixemos falar o velho prisioneiro, renegado pela filha e pelo genro: «*deve ella suceder no vinculo e Morgado dos Cordeiros do que sou pessuidor e administrador e como fidalgo e comendador que sou da Ordem de Cristo não tenho obrigação alguma de a instituir herdeira e com mayor razão pella ingratidão q comigo se tem portado seu marido dezamparandome na prizão em q me acho cazando sua filha contra minha vontade com pessoa q eu havia Re-*

---

[56] Treslado do Testamento com que faleceu Alexandre de Palhares Coelho de Brito, falecido na cidade de Lisboa. Livro de notas do Tab. João Ribeiro (14-2-15), pág. 153. Arq. Mun. A. Pimenta.

[57] *Historia General de España*, por Don Modesto Lafuente, Tomo XVI, pág. 142. Aí diz-se que a entrega de Almeida foi a 25. Felgueiras Gayo no seu *Nobiliário*, Tit.º de «Costas» & 133, descreve assim o infeliz acontecimento: «...e na guerra de 1762 era G.or da Praça de Almeida (Alexandre de Palhares) q defendeo com vallor e dipois de lhe abrirem brexa, e não ter gente a rendeo aos Castelhanos pello que foi prezo no Limoeiro pois tinha ordem da Corte p.a a entregar sem resistencia o q elle não quiz acreditar...»

podiado antes da prizão sem embargo de eu ter mandado advertir e de lhe ter procurado cazamento de maior qualidade em que não assentaram por hirem em tudo contra o meu gosto...» ([58]). Nomeia herdeiro de todos os seus bens livres o Padre Francisco José Lobato de Palhares ([59]), e institui um vínculo. Chama para a sucessão dele a Dona Josefa Ventura, irmã do Padre Francisco, e na falta de descendência dela as mais irmãs. Estão as prisões cheias de nobres, de padres, de inimigos do Marquês de Pombal. Estão as enxovias cheias de criminosos, de ladrões, de vício. Numa delas, na cadeia do Limoeiro, extingue-se a vida há muito começada na Casa do Costeado. A 18-10-1771 morre, sem ter voltado ao mundo, Alexandre de Palhares Coelho de Brito, Morgado dos Cordeiros, Fidalgo, Marechal de Campo, triste Governador da praça de Almeida.

Contra a vontade do avô, casou, como vimos, Dona Ana Inês Madalena de Palhares Brito Coelho, a 8-3-1768, com João de Faria Freire de Andrade Ribeiro Golias dos Guimarães ([60]), Fidalgo da Casa Real, Senhor do Prazo e Morgado de Torrados, em Felgueiras, dos vínculos da Conceição e Outeiro, em Idães, padroeiro do Convento de Santa Clara de Guimarães. Deste casamento só nascem duas filhas: Dona Joaquina Máxima e Dona Ana Peregrina, ambas depois casadas e sem geração. Entrelaça a mãe no seu sangue os dois ramos da outrora frondosa descendência de Gonçalo Francisco e da sevilhana Inês Diaz. Agita-a a seiva fidalga dos dois irmãos cavaleiros, vindos de Monção. Única folha da árvore em tempos vergada de frutos, nas filhas enterramos, com mágoa, a glória, as dores, os sonhos, a graça, a vida dos Palhares, Senhores do Costeado!

([58]) Ver nota 56.

([59]) O Padre Francisco José Lobato de Palhares, † na Rua da Caldeiroa a 24-9-1792, foi sepultado em S. Domingos. Livro de Óbitos n.º 3 da freg.ª de S. Sebastião. Arq. Mun. A. Pimenta. Ignoro quem foram os seus herdeiros.

([60]) João de Faria Freire de Andrade Ribeiro Golias de Guimarães é citado na nota 27 da Casa da Ribeira, «Velhas Casas» (I). Para a sua ascendência, ver a árvore de costado da Casa do Costeado.

II

O «Costiago» com as suas lendas, os seus valentes rapazes caídos nas guerras, o jardim da sua menina assassinada... «*Conservem e venerem o pequeno jardim que se acha no quintal desta casa e isto em memoria da nossa infeliz e sempre chorada sobrinha Maria Julia que ali o tinha construido*» (61). Salpica-se de flores todas as primaveras, e no inverno brilham as camélias em tons vermelhos, brancos e cor de rosa. Deslizam pingos de chuva do alto das abóbadas das japoneiras. Ouvem-se os risos frescos de Maria Júlia da Luz, a morgadinha da Casa, a ordenar aos criados a construção do seu jardim. Sorriem seus tios, António de Nápoles Vaz Vieira de Melo e Alvim, e mulher, Dona Ana Peregrina Freire de Andrade Coelho de Brito Palhares. A sobrinha e herdeira (62) traz-lhes, nas suas gargalhadas, toda a alegria do jardim que nasce.

---

(61) Frase copiada do «Testamento dos Excelentíssimos Barão e Baronesa do Costeado». Registo dos Testamentos, livro n.º 62, pág. 52, feito a 1-6-1857 na Casa do Costeado. Arq. Mun. A. Pimenta.

(62) Dona Maria Júlia da Luz, nasceu na Rua do Gado a 4-1-1826 (L.º de Bap. n.º 13 da freg.ª da Oliveira, pág. 101 vº. Arq. Mun. A. Pimenta), filha legítima de José Nicolau Vaz Vieira de Melo e Nápoles, Fid. da C. R., capitão do Exército, e de sua m.er Dona Maria da Conceição e Freitas (rec. na igreja de São Sebastião a 31-7-1823, L.º de cas. n.º 3, pág. 76 vº), neta paterna do Ill.mo João António Vaz Vieira de Mello e Alvim, Fid. da C. R., e de sua m.er a Ex.ma Dona Maria Júlia Vitória de Nápoles Teles e Menezes, assistentes na Casa do Toural, e neta materna de João António Salgado e de sua m.er Ana Maria Pereira, moradores na freg.ª da Oliveira. Foram seus padrinhos o futuro Barão do Costeado, e irmã, Dona Maria da Luz, que passou procuração a outro irmão, o Rev.do João de Mello, Arcipreste da Colegiada de Barcelos, seus tios paternos. José Nicolau de Nápoles faleceu logo a seguir, em 1-2-1826 (Ob. 5 freg.ª Oliveira) indo a viúva com a filha para o Costeado. Aí morreu Dona Maria da Conceição a 2-10-1829 (Ob. 2 Creixomil). Ficou então Dona Maria Júlia da Luz inteiramente aos cuidados dos tios, vivendo sempre com eles. Jaz em sepultura principal na capela da Venerável Ordem Terceira de São Domingos, em Guimarães, onde se lê a seguinte inscrição: — «Dona Maria Júlia da Luz Alvim e Nápoles cuja vida foi roubada às mãos de um assassino na tenra idade de 15 anos e 4 mezes na noute de 4 de Maio de 1841.

Dedicada pela dor de seus tios a Ex.ma Dona Joaquina de Faria e Andrade e António de Nápoles da Casa do Costeado.»

5 de Maio de 1841. De uma «companhia» ([63]) da casa de João de Melo Pereira de Sampaio, regressam António de Nápoles e família. Cabeceando, com o andar da carruagem, dormita a cunhada, Dona Joaquina Máxima, viúva, sem geração, de José Lourenço Pinto Coelho de Simães. Faíscam nas lages da adormecida vila os cascos dos cavalos. Tremelica Guimarães no apagar tardio das últimas candeias e velas. É uma da madrugada. Ao passarem, rápidos, da viela do Ramalhete (às Dominicas) soa um tiro. Afogada em sangue, abre Dona Maria Júlia da Luz os seus inocentes olhos para a morte. Foi assassinada a menina do Costeado!

Quem foi? Quem mandou? Porquê? Passado mais de um século ainda nos podemos juntar na nossa ignorância aos grupos que nas praças e ruas se interrogavam sobre o acontecimento. Fervilham os boatos.

— «Queriam mas é acertar no tio que momentos antes trocara lugar com a sobrinha.»

— «Foi por causa da herança do Fidalgo do Toural, do que morreu na Terceira. Esta sobrinha disputava-a aos filhos legitimados dele.»

— «Aqui anda mas é a política...»

Em Novembro de 1841 é cercada pela tropa a Casa do Toural para prender a Rosa do Toural que dizem envolvida no crime ([64]) Esta, avisada, foge. No ano seguinte, na freguesia de Rendufe, Jerónimo Sardão, do Miradouro «em perigo de vida declarara que tinha assassinado a sobrinha de António de Napoles e fez outras declarações que envolviam muita gente desta vila, o que sendo sabido por essa mesma gente o acabaram de matar queimando-o» ([65]). E o tiro que mata a 29-9-1847 Manuel da Silva, criado de farda da Casa do Costeado? ([66]). Quem foi? Quem mandou matar a menina alegre que gostava das flores?

([63]) «Velharias Vimaranenses», 5 de Maio de 1841, in-Revista *Gil Vicente,* vol. XVII, n.os 5 e 6, pág. 90.

([64]) Mesma revista, vol. XVII, n.os 11 e 12, pág. 185.

([65]) Mesma revista, vol. XVIII, n.os 9 e 10, pág. 158.

([66]) Livro de Óbitos 2 da freg.a de Creixomil. Arq. Mun. A. Pimenta, As «Velharias Vimaranenses» dizem sobre esta morte: Dia 29 — Saindo a ronda de S. Sebastião, de S. Miguel, subúrbios desta vila, e chegando à Cruz de Pedra, armou-se uma tão grande desordem por os

António de Nápoles Vaz Vieira de Melo e Alvim, filho segundo da Casa do Toural [67], Cavaleiro das Ordens de Cristo e de Aviz, Coronel das Milícias e Guarda Nacional de Guimarães, medalha das 5 Campanhas da Guerra Peninsular,

---

patuleias quererem que a música tocasse o hino da Maria da Fonte e os mesários o não quererem, que houve muita pancada, ficanda alguns patuleias muito mal tratados. A ronda deu-se por acabada, fugindo os músicos e os homens com os andores. Tal era a anarquia em que se achava esta vila! Às Trindades mataram o boleeiro do Costeado com um tiro, quando se ia a recolher para casa, regressado da vila e sem ter tomado parte na desordem, sendo os patuleias que cometeram esta barbaridade por verem que ele se dirigía para a Casa do Costeado contra quem a patuleia tinha mostrado uma grande indisposição. O António de Nápoles, depois deste acontecimento, convidou gente armada para sua casa, para o defender. (P. L.). in-Revista *Gil Vicente,* vol. XXIII, n.os 5 e 6, pág. 89.

(67) O Reverendo Doutor Jerónimo Vaz Vieira, Juiz Geral das Três Ordens Militares, Desembargador dos Agravos da Casa da Suplicação, Deputado da Mesa da Consciência e Ordens, Desembargador do Paço da Rainha Dona Catarina, valido d'El Rei Dom Pedro II, Tesoureiro da Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, instituiu para seu irmão, António Vaz Vieira, Cav.º do Hábito de Cristo, um morgadio na ocasião do casamento deste com Dona Joana de Mello e Alvim, dos Morgados da Carreira, em Viana do Castelo. A escritura é de 22-4-1689 e o Rev. Dr. Jerónimo, pelo grande gosto que tem neste casamento, vincula os seguintes bens, alguns dos quais comprados com o seu dinheiro: — Qt.ª do Selho e vários moinhos em Creixomil; Qt.ª de Tresmonde, casais da Costa e do Assento, campos e moinhos em S. Martinho do Conde; Casal do Mirão, em Gandarela; Qt.ª de Ronfe, na freguesia do mesmo nome; casas que possui no Toural junto ao penedo e duzentos mil reis em prata. — « Reteficação da escretura de dotte e acrescentamento delle q fez o d.tor Heronimo Vaz Vieira a seu irmão Antonio Vaz Vieira e sua m.er a 12-2-1690, » — Livro de notas do Tab. Jorge Lobato da Cruz (10-2-68) — Arq. Mun. A. Pimenta.

Apesar da origem modesta dos dois irmãos (filhos de João Vieira, nat. de S. Martinho do Conde † na Qt.ª do Selho, em Creixomil, a 2-1-1689 e de sua m.er Maria Vaz, º na Qt.ª do Selho e † na casa de seu filho, no Toural, a 21-2-1693, netos paternos de Francisco Vieira e de sua m.er Isabel Fernandes Machado, nat.s de S. Martinho do Conde e moradores às Lagens do Toural, netos maternos de Sebastião Gonçalves e de sua m.er Margarida Gonçalves, moradores na sua quinta do Selho, em Creixomil) atingiu esta Casa grande esplendor pela riqueza e alianças. António Vaz Vieira, 1.º Sr. do Morgadio de Tresmonde, foi bisavô paterno do 1.º Barão do Costeado. Os únicos primos direitos que tinha Dona Maria Júlia eram filhos legitimados do irmão mais velho de seu pai, Jerónimo

1.º e único Barão do Costeado [68], Governador Civil interino de Braga [69] e sua mulher D. Ana Peregrina, Senhora, por morte de sua irmã Dona Júlia Máxima [70], da Casa do Costeado, de Torrados e do Padroado do Convento de Santa Clara, pensam, desolados, em quem herdará estes bens que tão pesados se lhes tornaram. Outras sobrinhas escolhem: Dona Maria da Conceição Vaz Vieira de Melo e Nápoles, filha legitimada de seu irmão mais velho e já viúva de José do Amaral de Castelo Branco Bernardes de Carvalho, da Casa da Covilhã [71], e sua única filha, a pequena Dona Maria José do Amaral Castelo Branco e Noronha.

Fecham os olhos os Barões do Costeado [72]. Com os legados deixados procuremos esboçar o doce viver de então. Têm em Lisboa um procurador, Manuel Gomes Rebelo, na Rua da Prata, 113, 4.º andar. Ali se acha o título do padrão de juro real da quantia de doze contos de réis que legam a Francisco Filipe de Sousa, filho dos Condes de Vila Pouca. E nas pitorescas feiras minhotas, António Ribeiro, da Casa da Magantinha, em Lousada, aplica os cinquenta mil réis que

---

Vaz Vieira de Mello e Alvim, em quem continuou a Casa do Toural, Morgados de Tresmonde. Em 1931 eram representados por Adolfo Eduardo de Arrochela Vaz de Napoles Corrêa Feijó, º em 1899, casado no Brasil, onde vivia. — Vide *Últimas Gerações de Entre Douro e Minho*, de José de Sousa Machado.

Vem em muitos manuscritos que João Vieira, morador no Campo da Feira, progenitor dos Vaz Vieiras, do Campo da Feira, (donde descendem os Costas Vaz Vieira, Leites de Castro, etc.) era irmão provável dos instituidores do Morgadio de Tresmonde, o que não é exacto. João Vieira era filho de Domingos Martins e de sua m.er Isabel Fernandes e natural de S. Torcato; casou na Igreja da Oliveira, a 19-10-1680, com Inês Pinheiro, filha de Gonçalo Vaz e de sua m.er Maria Alvres, moradores no Campo da Feira; os filhos de ambos passaram a usar Vaz Vieira, assim como toda a descendência.

(68) O título foi-lhe concedido por dec. de 7-5-1848 e Carta de 18-6-1851 (D. Maria II), in-*Nobreza de Portugal*, vol. II, pág. 546.

(69) Vide *Governantes de Portugal desde 1820 até ao Dr. Salazar*, de António Manuel Pereira, Juiz de Direito, pág. 91.

(70) Morreu esta senhora, a Morgada do Costeado, a 26-4-1845 na Casa do Costeado (Ob. 2 da freg.a de Creixomil).

(71) Ver «Velhas Casas (II), Fermentões, Casa da Covilhã.

(72) Ambos na Casa do Costeado. (A Baronesa a 8-5-1856 e o Barão a 27-6-1857), mesmo livro citado na nota 70.

lhe deixaram para a compra de um cavalo. No Costeado? Tantos criados... é a Joaquina do Coração de Jesus, que tem nove mil e seiscentos réis anuais de ordenado, a Maria Rosa, a Felicidade, a afilhada Ana, essa legião anónima a tratar dos quartos, das salas, das roupas: velhas a rezarem de dedos a bailarem nos fusos, moças airosas a trazerem os cantaros das fontes, mãos em extase a acarinharem bordados, olhos a apertarem-se sobre um cerzido, cuidados a pairarem em cima das sedas. Eles, os das fardas, das librés, das portas, das estrebarias, o Francisco Ferreira, que trata dos negócios, o velho António, o Manuel Sá, com quinhentos réis mensais para o rapé, o Domingos Morais, feitor de Torrados, ...todos encastoados no Costeado de então, todos com a velhice assegurada pelos legados e ternura dos senhores. Sentada na sala, Dona Maria, cunhada do Barão, sorve com gosto a pitada dos 40 réis diários do seu rapé ([73]).

— «Dos Tavares que forão bons cavalleyros e queremos começar de D. Estevão Pires de Tavares» (*Nobiliario del Conde D. Pedro* — Tavares — Tittullo LXVII, pág. 366) descende, segundo a sua carta de armas, João Pinto Coutinho Cardoso e Távora, da vila de Recardães, 4.º neto (reza a mesma carta) de Francisco Tavares, Senhor de Mira ([74]). Dele é trineto, por varonia legítima, Adelino Pinto Tavares Pacheco Ferrão, Fidalgo da Casa Real, bacharel em Direito, Sr. da Casa da Póvoa, de Recardães, natural da Amoreira, freguesia de Sangalhos, Anadia, que casa a 29-5-1866 com Dona Maria José do Amaral Castelo Branco e Noronha, Senhora desta Casa do Costeado.

Nos quatro filhos ([75]) do Dr. Ferrão e de sua mulher,

([73]) Ver nota 61.

([74]) Brazão passado a 27-9-1737: Tavares e Távora. D. uma brica azul com um trifólio de ouro. Registado no Livro 9, fl. 12 e no livro 10, actual, fl. 103. João Pinto Coutinho Cardoso e Távora é, segundo essa carta d'armas, 4.º neto de Francisco Tavares, Sr. de Mira, e de sua m.er Dona Joana de Távora, filha de Bernardim de Távora, Reposteiro-Mor, e neta de Álvaro Pires de Távora, Sr. de Mogadouro. *Brazões inéditos* (suplemento), de José de Sousa Machado, pág. 23.

([75]) Foram Dona Maria Teresa c. c. Rodrigo Lobo de Sousa Machado Cardoso de Menezes (ver nota 78) c. g.; José Pinto Ferrão do Amaral Noronha (ver nota 79); Dona Maria da Conceição, sr.ª da Casa de

A menina do Costeado e sua tia Dona Joaquina Máxima

(quadro existente na V. O. T. de S. Domingues — Guimarães)

"A luz atravessa a catedral viva das japoneiras"

«santa mãe avó e sogra» ([76]), começamos, lentamente, a correr a cortina que esbate as vidas dos que se aproximam do tempo presente. Desviamo-la para admirar seu futuro genro, (marido de sua filha Dona Maria Teresa), Rodrigo Lobo de Sousa Machado Cardoso de Menezes, a escoltar a cavalo, das Taipas a Guimarães, os Reis na visita com que honraram a cidade, em 1887 ([77]). Galhardamente, lá vai ele inconsciente do triste destino: aos 23 anos deixa esta vida. Cobrimos a cortina de crepe carregado à passagem dos 17 trens que o acompanham ao cemitério a 18-4-1896 ([78]). Assim a deixamos estar quando, mais uma vez, se abate a desgraça sob esta casa morrendo o único varão «meu desgraçado filho José Pinto Ferrão do Amaral Noronha» ([79]) a 5-1-1906. Com ela

---

Torrados, freg.ª de S. Pedro de Torrados, Felgueiras, que deixou à família de seu marido José Rebelo Barbosa, s. g., e Dona Maria José, † solt.

([76]) Testamento do Dr. Adelino Pinto Tavares Ferrão. Registo dos Testamentos n.º 128, pág. 66 vº. Arq. Mun. A. Pimenta.

([77]) S. S. M. M. El-Rei Dom Luís e a Rainha Dona Maria Pia, S. S. A. A. R. R. o Príncipe Dom Carlos, (depois rei) a Princesa Dona Amélia e o Infante Dom Afonso hospedaram-se em Guimarães em casa dos Condes de Margaride. Das Taipas a Guimarães foram escoltados a cavalo pelos senhores José Martins Montenegro Minotes, Gaspar Tomás Peixoto da Silva e Bourbon (Lindoso), Bernardino Rebelo Cardoso de Menezes, António Augusto da Silva Carneiro, Rodrigo Lobo de Sousa Machado Cardoso de Menezes (Paço de Nespereira), João Cardoso Martins de Menezes (Margaride), Luís Martins de Queirós Montenegro e João Crisóstomo. Vide *Religião e Pátria*, 22-10-1887.

([78]) *Comércio de Guimarães*, de 20-4-1896.

Rodrigo Lobo de Sousa Machado Cardoso de Menezes era filho segundo de Gaspar Lobo de Sousa Machado e Couros, 1.º Visconde de Paço de Nespereira, e de sua m.er Dona Maria Amélia do Carmo Cardoso de Menezes Barreto do Amaral, sr.ª das Casas de Paço de Nespereira e do Proposto, neto paterno de Rodrigo Lobo de Sousa Machado e Couros, Fid. C. R., sr. da Casa do Assento, em Santão (ver a sua varonia em «Velhas Casas» (II), Árvore de D. Emerenciana Ludovina de Sousa Lobo Machado e Couros, irmã de seu pai, Quinta do Selho de Riba) e de sua m.er D. Clara de Faria, neto materno de João Machado Pinheiro Corrêa de Melo, 1.º Visconde de Pindela, sr. dos Morgados de Pindela, em Famalicão, Guerras, em Guimarães, e da Casa do Refalcão, em Cabeceiras de Basto, Fid. da C. R., e de sua primeira mulher Dona Maria do Carmo Cardoso de Menezes Barreto do Amaral, senhora do Morgado do Paço dos Cardosos, em Nespereira, e da Casa do Proposto, em Guimarães.

([79]) José Pinto Ferrão do Amaral Noronha casou no Mosteiro da Costa, a 3-10-1904, com Dona Beatriz de Castro Meireles, º na freg.ª da

*

-abafamos os infundados murmúrios do populacho na morte da pequenina Dona Maria Leopoldina [80] e abrimo-la pela ternura da filha solteira, a desembaraçada Dona Maria José, na sobrinha, a única filha de Rodrigo Lobo e de sua mulher, a neta querida dos Senhores do Costeado: Dona Maria José do Amaral Ferrão Lobo Machado.

Casa esta senhora com o primo co-irmão de sua mãe, Dom José Pinto Tavares de Mendonça Ferrão de Castelo Branco e Távora, e em seus filhos [81] segue a varonia dos Tavares.

A 6 de Abril de 1948 é uma parte do Costeado devorada pelo fogo. Lambem as chamas a capela, as paredes, os móveis, as recordações. Arde a colecção de roupas antigas, lembranças airosas de outros tempos. Faúlhas negras esvoaçam. Mas a velha casa aguenta-se orgulhosa, triunfante.

Aqui fica o «Costiago». A sua sala tão bonita de ingénuas pinturas nas paredes, as estantes onde apetece ler, os lírios gigantes, os maravilhosos arranjos de flores. No jardim

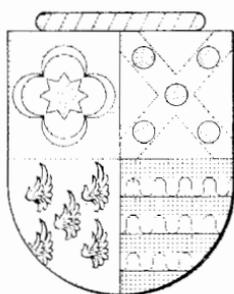
---

Oliveira a 17-2-1886 † na Casa do Rio, Costa, a 12-7-1959, filha do Dr. Domingos de Castro Meireles e de sua m.er Dona Maria de Oliveira Mendes, neta paterna do Dr. José António de Castro Meireles, sr. da Casa do Rio, e de sua m.er Dona Maria da Conceição Pereira de Sampayo (filha de Manuel Baptista Sampayo Guimarães e sua m.er. Ver «Velhas Casas» (I), (Árvore de Costado da Casa da Ribeira), e neta materna de António Mendes Corvite, negociante de sola, e de sua m.er Dona Clara das Dores Vieira de Faria. Dona Beatriz de Castro Meireles, que depois de viúva passou a 2.as núpcias com Artur Herculano Justino Amado, c. g., descendia, por seu seu avô paterno e com várias quebras de varonia, de Afonso Faião, filho natural legitimado de Dom Teodósio, V Duque de Bragança. Vide *Os Braganças na Província do Minho,* do Dr. Elísio de Sousa.

(80) Nasceu Dona Maria Leopoldina, única filha de José Pinto Ferrão do Amaral Noronha e de sua m.er, a 17-7-1905 e † em Agosto de 1907.

(81) São: Dom Bernardo Ferrão de Tavares e Távora, (ver nota 81 das «Velhas Casas» (II), Casa da Covilhã); Dona Maria Carlota, viúva, c. g., de José Júlio Ferreira Pinto Coelho Afonso; Dom Rodrigo Ferrão e Noronha, citado no texto e na nota 82 da Casa da Covilhã; Dona Maria José da Piedade Tavares Ferrão do Amaral Lobo Machado c. c. Fernando de Magalhães Antunes Moreira, c. g.; Dom Fernando Tavares e Távora, arquitecto, c. c. Dona Maria Luísa de Carvalho Menéres, c. g., e Dona Maria Teresa Tavares e Távora Cardoso de Menezes, c. c. Dr. Pedro Mendes Correia de Magalhães Basto, c. g.

«da sua menina» a luz atravessa a catedral viva das japoneiras. Tal é o Costeado de hoje; casa onde vivem Dom Rodrigo Ferrão e Noronha e sua mulher, e prima, Dona Maria Carlota Cirne Tavares e Távora.

Casa do Salgueiral

Possui hoje o Salgueiral Dona Maria Eduarda da Cunha Guimarães Gomes da Costa, casada com António Gomes Ferreira da Costa, que foi vice-presidente da Câmara de Guimarães (9-12-1966 a 22-5-1969). Herdou-o de seus pais, Francisco Inácio da Cunha Guimarães, industrial, do lugar do Moinho do Buraco, freguesia de S. Jorge de Sêlho, e Dona Emília Rosa de Abreu Correia da Cunha. Compraram-no a 21-4-1927 (1). Durante 20 anos fora o Salgueiral do Dr. Abel de Vasconcelos Gonçalves, advogado, e de sua mulher, Dona Laura de Matos Chaves. Nesse breve tempo, desde 1907 (2), deslizaram pelos largos corredores, com o farfalhar das sedas, lindos vestidos da sempre elegante dona da casa a receber parentes e amigos nos serões semanais, ainda hoje recordados com saudade.

Agora, da moderna estrada vê-se o Salgueiral, lá em baixo, aberto em três alas, escancarado ao sol e à luz. Espalha-se o verde rasteirinho dos campos, oferecem-se aos olhos as genenerosas veigas de Creixomil, destacam-se as telhas novas a disfarçarem os restos de um incêndio (3). Além, a branca igreja da freguesia; aqui, o vento balouça as folhas das duas palmeiras; ali, o berro atroz duma construção disparatada; acolá, pinheirais trepam por suaves montes, até quando? O sorriso da terra fértil e cuidada estende-se por

---

(1) A escritura foi lavrada pelo notário de Guimarães, Dr. António José da Silva Basto Júnior, a 21-4-1927, nota 248, fls. 14 v°.

(2) O Dr. Abel de Vasconcelos Gonçalves comprou o Salgueiral a 4-4-1907, escritura lavrada pelo notário de Guimarães, Gaspar da Silva e Castro, nota n.° 348, fls. 95 v°.

(3) Este incêndio ocorreu na madrugada de 4-7-1967. Apesar dos porfiados esforços dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, ardeu uma quarta parte da casa, sendo os prejuízos superiores a mil e quinhentos contos.

todo o vale. Eis o Salgueiral, na descida da calçada, as águas quietas da sua poça, as armas do portal embrulhadas em trepadeiras, a alegria dos laranjais, o negrume da parte mutilada pelo fogo. Recuemos no tempo, tornemos os vales ainda mais verdes e risonhos. Furemos os anos, guardando as casas grandes ou pequeninas, as antigas e as raras de hoje, assimiladas nos seus recantos e graça à paisagem minhota. Chamemos ao palco dourado da vida as pessoas que aqui viveram. Entremos, tìmidamente, no Salgueiral de outrora...

I

De 1832 a 1907 a Casa do Salgueiral é um retalho colorido, espesso, da vida dos Martins de Minotes ([4]). Muito longe, nas ladeiras da Baía de São Salvador de Todos os Santos, partes do Brasil, desponta a ideia da compra desta quinta. José Martins da Costa, nascido na Casa da Ribeira, em S. João de Ponte, a 28-5-1798 ([5]), filho de Jerónimo Ribeiro Bernardes e de sua mulher Dona Joana Maria de Araújo Martins da Costa, está, assim como seu irmão Francisco, desde muito novo ausente da casa paterna. Dirigem ambos, na Baía, o enorme giro de negócios da família. Cresceu como vaga alta o seu comércio de açúcares, de aguardentes, de gados; riscam seus barcos os mares, enche-se a casa de bens.

Estamos na época da Regência de Dom Pedro II, Imperador do Brasil. Estala na Baía a «Sabinada» ([6]). Chega a «estação tão arriscada», o dia «em que as circunstâncias

---

([4]) Estudamos esta família em «Velhas Casas» — (I e II) ao tratarmos das Casas da Ribeira e de Minotes.

([5]) Livro misto da freg. de S. João de Ponte que tem os baptizados de 1781 a 1843 (incompleto), pág. 89 v°. Conservatória do Registo Civil, Guimarães.

([6]) Nos nove anos de Regência de Dom Pedro II, Imperador do Brasil (1831-40), houve por todo o Império brasileiro muitas lutas e revoluções. Uns queriam que se proclamasse a República, outros a continuação da Monarquia; muitos desejavam o regresso de D. Pedro I e uma grande maioria voltava-se contra os portugueses lá residentes. Uma dessas revoltas, na Baía, teve por nome a *Sabinada* por ser chefiada pelo Dr. Sabino Vieira.

obrigam meus sobrinhos José e Francisco Martins da Costa a desertar do Brasil para Portugal» ([7]). Ficam na Baía muitas casas e haveres e a história desta fortuna que, em velas cheias, desfraldadas ao vento, tocava em tantos portos longínquos. Para trás ficam os anos de meninos de José e Francisco Martins, guiados pelos tios para lhes sucederem, como eles, por sua vez, tinham sucedido aos seus.

Espera-os em Portugal os braços da Mãe em extase, o alvoroço das irmãs e do irmão mais novo, a gravidade dos tios que restam. Espera-os, também, a terra amiga, repleta de quintas, de casais, de courelas e bouças; bens dos Martins a vicejarem nos vales, a cantarem pelas vertentes dos montes. Aumentam os dois irmãos, com várias compras, o já muito grande património familiar. José Martins da Costa, adquire, a 22-2-1832, a Quinta do Salgueiral, em S. Miguel de Creixomil ([8]). Para lá vai com a Mãe, conservando esta a sua residência em Guimarães para o inverno ([9]); lá segura, sorridente, as mãos rechonchudas dos primeiros sobrinhos: os de Agra, os da mana Joaquina, (um dos quais será o maior dos arqueólogos portugueses — Francisco Martins Sarmento). Nas longas tardes de verão o sol pinta o céu de vermelho e oiro, o vento afaga as searas, pulam alegres as crias dos bichos, e embora se ouça o troar do canhão ao longe ([10]), José Martins da Costa agarra, contente, o momento que passa, aguarda confiante os anos que virão, espera-os na sua força de homem novo e forte, sonhando-os felizes e inúmeros.

([7]) Fragmentos do Testamento de Francisco Martins da Costa † a 5-6-1826. Arq. Part. da Casa de Margaride.

([8]) Não encontrei a escritura desta compra. Esta data é citada nas «Velharias Vimaranenses» in-Revista *Gil Vicente*, vol. VIII, 1.ª série, n.os 5 e 6.

([9]) Vivia Dona Joana Maria de Araújo Martins da Costa em Guimarães, na sua Casa no largo de S. Bento, onde hoje é o Correio. Nela morreu a 3-4-1845.

([10]) Desde Setembro de 1832 a Novembro de 1833 as «Velharias Vimaranenses» registam quase todos os meses, e por várias vezes, o facto de se ouvir em Guimarães o troar do canhão: — «ouve-se nesta vila muitissimo fogo de artilharia para as partes do Porto (Set. 1832)»; «um tão vivissimo fogo de artilharia para as partes do Porto que até dentro das casas se ouvia» (Dez. 1832), etc., etc.

«Em 27 de Abril de 1833 como medida preventiva são distribuídos pelos habitantes de Guimarães bastantes ramos de loureiro, alecrim e pinhas, para à noite serem queimados nas ruas da vila, como desinfectantes contra a maligna que então aqui grassava. Estes arbustos foram mandados distribuir pelos Juizes Almotacés e conduzidos pelos lavradores que para isso foram embargados» ([11]). Encolhem-se, assusdos, os moradores de Guimarães. Saiem procissões das igrejas, tiram-se santos e relíquias dos altares. A 13-2-1834 falece com a «maligna» José Martins da Costa, solteiro, com 36 anos de idade ([12]). Esfuma-se, como o fumo das fogueirinhas nos becos e vielas, a vida do 1.º Senhor do Salgueiral, nesta família. E os ares da vila, densos dos cheiros de eucalipto e loureiro, tardam a limpar-se das dores deixadas pela morte e doença.

No Salgueiral continua sua mãe, Dona Joana Maria. Para o Salgueiral sai do convento do Carmo, onde é educanda, sua irmã, Dona Luísa Ludovina, para casar na Igreja de São Miguel de Creixomil, a 25-5-1835 ([13]), com Henrique Cardoso de Macedo, Fidalgo da Casa Real; serão estes os pais do futuro 1.º Conde de Margaride. Ao Salgueiral vem dos seus estudos, na Universidade de Coimbra, o irmão mais novo, Luís Martins da Costa, nascido na Casa da Ribeira a 26-8-1806 ([14]). Esse aí fica. A sua descendência, numerosa e alegre, movimenta a Casa, enchendo-a de risos.

Luís Martins da Costa, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real ([15]), comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, senhor de Minotes, de Toris, da Ribeira, do Paço, etc., etc., e sua mulher, Dona Maria Constança Pinto de Queirós Montenegro, da Casa do Casal, no Marco, freguesia de Forno de Canaveses, concelho de Soalhães, baptisam oito dos seus doze filhos no oratório da Casa do Salgueiral,

---

([11]) *Curiosidades de Guimarães,* XXI, por Alberto Vieira Braga. pag. 10.

([12]) «Velharias Vimaranenses», in-*Gil Vicente,* vol. X, 1.ª série, n.os 1 e 2.

([13]) Livro de Casamentos n.º 3, da freg. de S. Miguel de Creixomil, pág. 43. Arq. Mun. A. Pimenta.

([14]) Mesmo livro da nota 5, pág. 128 vº.

([15]) Alvará de 12-6-1845.

onde residem: Domingos, nascido a 2-7-1842; Dona Maria dos Prazeres, a 3-9-1844; António, a 14-6-1847; Dona Cristina da Conceição, a 29-7-1849; Dona Maria Luísa, a 5-7-1850; Dona Camila, a 31-7-1852; Dona Adelaide Sofia, a 28-6-1855 e Luís, a 1-6-1857 (16). Na casa da Rua de S. Bento, em Guimarães, vêem a luz os outros quatro: José, o mais velho, Eduardo, Dona Filomena e Gualter (17).

Fora de portas prosseguem as lutas entre miguelistas e liberais. Toca a música dos populares frente à casa de Luís Martins, nomeado capitão-mor pelo Loco-Tenente do Senhor Dom Miguel (18). Presidente da Câmara de Guimarães durante o reinado desse Augusto Senhor (19), «exercendo cargos os mais distintos, em diversas corporações civis e religiosas» (20), acolhe-se Luís Martins da Costa, ao quebrar das tradições, à tranquilidade das suas quintas, preparando um livro que conservará inédito. E as suaves cores do dia a dia pintam os doces acontecimentos familiares: no oratório do Salgueiral casa a 10-4-1871 a sétima filha, Dona Maria Luísa, com João Gomes de Abreu e Lima de Magalhães e Meneses (21), Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Senhor das Casas do Outeiro, em Ponte de Lima, e de Paço Vedro, na Ponte da

(16) O assento do baptizado do Domingos encontra-se no livro de nascimentos n.º 16 da freg. de Nossa Senhora da Oliveira, pág. 16; os de Dona Maria dos Prazeres, António, Dona Cristina da Conceição e Dona Luísa, no Livro dos Nascimentos n.º 11 da freg. de Creixomil, respectivamente a págs. 105, 132, 151 vº e 161 vº. Os de Dona Camila e Dona Adelaide, no Livro de Nascimentos da mesma freg. que vai de 1852-59, págs. 3 e 13. O do Luís está lançado por ordem superior a folhas 102 vº do livro de Creixomil que começa em Maio de 1880, conforme lemos a pág. 19 vº do livro 1852-59. Arq. Mun. A. Pimenta.

(17) Livro de Nascimentos n.º 16 da freg. da Oliveira, José a pág. 2 vº, Eduardo, 43 vº e Dona Filomena, a pág. 98. Arq. Mun. A. Pimenta. O de Gualter encontra-se no livro de bapt. da Oliveira, 1853-71, que está na Conservatória do Registo Civil de Guimarães.

(18) «Velharias Vimaranenses», in-*Gil Vicente,* vol. XXIII, 1.ª série, n.os 1 e 2.

(19) Necrologia pelo falecimento de Luís Martins da Costa. Jornal *O Comércio de Guimarães,* 25-12-1895. Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento.

(20) Idem, idem.

(21) Livro de casamentos da freg. de Creixomil. Conservatória do Registo Civil de Guimarães.

Barca. Dois anos após, a 10-4-1873, ainda no Salgueiral, nasce-lhes a primogénita, Dona Maria Manuela de Abreu e Lima ([22]), partindo depois para o seu solar no Alto Minho, não regressando Dona Maria Luísa à casa onde nascera «pelo complicado dos caminhos e perigos da viagem». Porém, Dona Filomena, casada com o escritor José Caldas ([23]), visita com frequência o Salgueiral ([24]).

Por escritura de 9-7-1860, lavrada pelo notário deste concelho Francisco José da Silva Basto ([25]), Luís Martins da Costa e sua mulher fazem, com reserva de usufruto, uma doação a seu filho José Martins de Queirós. Nas áridas páginas notariais desfilam alegremente, com seus vinhedos, campos e matos, as quintas do Salgueiral, em Creixomil, a do Salgado, em Urgeses, as do Bairro de Cima e de Baixo, em S. Lourenço de Selho, o casal da Lage, em Fermentões, as casas nobres da Rua de Val-de-Donas. Com obrigação de acrescentar aos seus apelidos o sobrenome de Minotes recebe também José Martins todas quantas com essa ideia foram deixadas pela tia Dona Luísa Rosa de Araújo Martins da Costa ([26]), adquiridas umas pelo brilho do dinheiro, cultivadas outras, desde há muitas gerações, pelos desvelos dos Martins, seus antepassados.

Com José Martins de Queirós Minotes entra o Salgueiral na história do hipismo nacional. Aí, e no picadeiro da casa de S. Bento, ensina José Martins os seus famosos cavalos transmitindo-lhes a arte que entusiasmará um Rei, os apaixonados, a multidão, e encherá os seus armários de taças e laços. Em circos e hipódromos exibirá, com fins de benefi-

---

([22]) Livro de nascimentos da freg. de Creixomil. Conservatória do Registo Civil de Guimarães.

([23]) O casamento foi em S. João da Pesqueira onde o irmão da noiva, o Dr. Eduardo Martins da Costa Montenegro, era Juiz, em Fevereiro de 1887.

([24]) Uma destas visitas está assinalada no jornal *Religião e Pátria* de 8-10-1888. Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento.

([25]) Encontra-se este livro de notas no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. Era o Salgueiral em parte foreiro ao Cabido e à Fazenda Nacional pela extinção do Reguengo, e parte de natureza de prazo fatuzim, foreiro à Câmara.

([26]) Vide nota 48 da Casa de Minotes, «Velhas Casas» — II — Fermentões.

cência, os trabalhos de Alta Escola, por ele dominada com perfeição. Depois de lermos nos jornais da época as façanhas do «Dragão» e do «Beldemónio», aproveitemos este primeiro de Maio de 1875 e deixemo-nos arrastar «pela grande concorrencia, o espectaculo é franco e gratuito. Realiza-se na Quinta do Salgueiral a expensas do seu proprietario José Martins de Queiroz Minotes um esplendido carroussel no qual são cavaleiros lidadores o dito José Minotes e seu irmão Antonio Martins, Antonio da Silva (Freiria), Visconde de Lindoso (Gonçalo), João Baptista de Sampayo, Antonio Vaz de Napoles (Toural), Antonio Augusto da Silva Carneiro e Gualter Martins, todos vimaranenses, e Albano Teixeira Leite, do Pico de Regalados» ([27]).

A 16-9-1906 fecha os olhos, no Salgueiral, José Martins de Queirós Minotes, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Procurador da Junta Geral do Distrito de Braga ([28]), grande cavaleiro, fundador da Associação e 1.º Comandante dos Bombeiros Voluntários de Guimarães ([29]), colaborador de vários jornais e revistas. Choram-no sua mulher, Dona Maria da Conceição Pereira da Silva de Sousa e Meneses, dos Senho-

---

([27]) Manuscritos de João Lopes de Faria. Bibilioteca da Sociedade Martins Sarmento.

([28]) Quando José Martins de Queirós Minotes exercia esse cargo deu-se o conflito bracaro-vimaranense que culminou com a ida a Braga dos procuradores por Guimarães: José Minotes, Conde de Margaride e Dr. Joaquim de Meira, sendo à chegada a Braga apedrejado o carro em que íam. Passou-se este facto em Dezembro de 1885. João Lopes de Faria diz que foram perseguidos, vaiados e apedrejados por 2000 pessoas e que diàriamente eram atacados os carros que de Guimarães se dirigiam a Braga. Provocou este acontecimento grande reacção e discussão em Braga. Vasco Jácome, da Casa de Avelar, deu razão aos de Guimarães. De Lisboa veio João Franco para desagravar os vimaranenses, dando o Conde de Margaride uma recepção em sua honra. De Braga partiu para a capital uma delegação para resolver o conflito, sendo à volta (27-1-1886) recebidos com muito entusiasmo, havendo muitos discursos, entre eles o do Visconde de Pindela, o que provocou muito escândalo, pois sendo natural de Guimarães tomou o partido dos de Braga. É tradição na família que depois desses sucessos o Conde de Margaride nunca mais quis voltar a Braga.

([29]) Necrologia de José Minotes, em *O Comércio de Guimarães*, 18-9-1906. Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento.

res de Bretiandos, os seus quatro filhos ([30]), os pobres, o Salgueiral. Logo este, a 4-4-1907 ([31]), desaparece da vida dos Martins de Minotes. Lançada a ideia da casa na rendilhada Baía, de santos e dourados, aquecida tantos anos ao calor duma grande família, termina aqui esta fase do Salgueiral, simples e boa, caída como uma benção na vida dos homens.

II

«... ora Pedro Lopes mercador aos 17 de Mayo de 1688; ora Francisco Lopes de Carvalho m.cor nesta villa aos 23 de Mayo de 1720; ora seu filho o R.do Conego Placido António de Carvalho Correa; ora D. Ma Adelaide Vasconcelos...» ([32]). Senhores do Salgueiral por mais de um século, construtores da actual casa, brasonam o seu portal com escudo esquartelado, hoje tapado com verduras: no 1.º, Carvalho; no 2.º, Araújo; no 3.º, Abreu; no 4.º, Vasconcelos. Coronel de nobreza ([33]). Aparemos as folhas que o invadem, arranquemos as raizes das suas pedras. Quartel a quartel, com a ajuda dos documentos, vamos po-las a descoberto. Partimos então, fins de seiscentos, até à freguesia de S. João de Penselo, concelho de Guimarães.

([30]) Foram seus filhos: — Luís Martins Pereira de Meneses, Fid. da C. R., Sr. da Casa de Minotes, Com.or da O. de Cristo e da Legião de Honra de França, Cônsul de Portugal em S. Francisco da Califórnia, Madrid, Marselha e Tânger onde fal. solt. (1861-1921); Damião Martins Pereira de Meneses, oficial do exército, Governador de Manica, Chefe do Estado Maior de Macau, Cav. da O. de Aviz (1863-1909) c. c. sua prima co-irmã Dona Constança Vitória de Abreu e Lima c. g.; José Martins Pereira de Meneses, bacharel em direito, Cav. das O. Cristo e da Conceição, e em Espanha das de Carlos III e Isabel a Católica, cônsul de Portugal em Vigo (1864-1937) c. c. Dona Clotilde Guimarães de Faria c. g.; e Dona Maria do Carmo Martins de Queirós Montenegro Pereira de Meneses (1865-1943) c. c. António de Carvalho Rebelo de Meneses Teixeira de Sousa Cirne, Sr. da Casa do Paço e Honra de Guminhães (Vizela) representante dos Morgados do Poço, em Lamego, etc., etc., c. g. Foram estes senhores que, por morte do Pai, venderam o Salgueiral.

([31]) Venda do Salgueiral, ver nota anterior e nota 2.

([32]) Livro dos Privilégios de N.a Senhora da Oliveira, in-*Boletim dos Trabalhos Históricos,* vol. V, n.º 1, pág. 6.

([33]) A fotografia do Brasão vem nas *Pedras de Armas de Portugal,* de Armando de Matos, pág. 519.

Espigas doiradas dos campos, cheias de sol, de força, são transformadas em branca farinha. Águas claras e frescas movem as mós dos moinhos de Gualtar. Aí nasce, a 7-11-1680, Francisco Lopes de Carvalho (34), primogénito de Manuel Antunes e de sua mulher Susana Luís. Simples e sã é sua ascendência. O pai vem da rudeza dos que lavram e possuem o Casal de Sapos, nesta mesma freguesia; a mãe é filha dos antigos moleiros António Luís e Susana Alvres (35). Padrinho, é o tio materno, Pedro Lopes (36). Como este, a 17 de Maio de 1688, já tem, por compra, o Salgueiral, vamos vê-lo à sua casa da Rua dos Mercadores. Conheçamos sua mulher, Madalena de Araújo (37), filha de comerciantes da cidade de Braga. Havia silêncio nas suas pousadas, não tinham filhos. Apenas se ouvia o rodar das mercadorias a entrar, a sair, a aumentar o património. Levam para sua companhia seus respectivos sobrinhos: o afilhado, Francisco Lopes de Carvalho, e, de Braga, Úrsula de Araújo Correia, filha de João Correia, mercador, (irmão de Madalena), e de sua mulher Antónia de Freitas, residentes na Rua do Souto.

Quem entra grave na casa da Rua dos Mercadores em Abril de 1709? É o tabelião Manuel da Silva. Esperam-no Pedro Lopes, sua mulher e sobrinhos. Assina-se um contrato de casamento (38). Leva a futura esposada, Úrsula de Araújo Correia, em dote, as casas de dois sobrados da Praça

(34) Misto n.º 2 da freg. de São João de Penselo, pág. 30. Arq. Mun. A. Pimenta.

(35) Manuel Antunes, filho de Domingos Antunes e m.er Catarina Antónia, moradores no Casal de Sapos, recebeu-se com Susana Luís a 22-9-1678 (misto 2). Catarina Antónia aparece em certidões de alguns de seus filhos como Catarina Lopes.

(36) Pedro Lopes era meio irmão de Susana Luís, mãe de Francisco Lopes de Carvalho. Foi baptizado na freg. de São João de Penselo a 16-2-1648 (misto 1) filho de António Luís e de sua primeira mulher Maria Antónia.

(37) Recebeu-se Pedro Lopes, em Braga, na freg. de S. João do Souto, a 25-11-1674, com Madalena de Araújo, filha de Pedro de Areias Seixas e sua m.er Francisca Correia, moradores na Rua do Souto. Liv. n.º 1 de Casamentos da freg. de S. João do Souto, pág. 23 v. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga.

(38) Livro de notas do Tab. Manuel da Silva, pág. 3 (12-1-38). Arq. Mun. A. Pimenta. Estão estas folhas muito rotas.

de Nossa Senhora da Oliveira e, com reserva de usufruto para os tios, as da rua dos Mercadores, o «*rexio dellas e outra casa por detraz*». Na pesada mesa de castanho lançam-se mais 300$000, logo contados e achados certos pelos noivos. É imposta como condição «*de nunca elles nem seus herdeiros entrarão a partilhar nem em bens alguns de seu irmão e cunhado João Correia, e no caso de o fazerem dividirem a meio este dote com a irmã da futura esposada Monica de Freitas*». Mostra a noiva os vestidos e peças de oiro trazidos de casa de seus pais, avaliados em cem mil réis. «*Adquiridos e ganhos no seu negócio de mercancia*», dota-se a si mesmo Francisco Lopes de Carvalho, por estar fora da administração paterna, com seiscentos mil réis; aumenta-lhe o pecúlio o tio com mais cem. A contento geral recebem-se, perante Deus e os homens, na Igreja da Oliveira, a 26-11-1707 ([39]).

Aproxima-se para Pedro Lopes a hora mais certa e tremenda na vida de todas as criaturas. No primeiro dia de Setembro de 1714 ([40]) dita o codicilio ao seu testamento. Parte sossegado a 8 do mesmo mês ([41]) transportado pela fé nas missas mandadas rezar nos altares de Santo António, em S. Francisco, Rosário, em S. Domingos, Senhoras da Conceição e Oliveira, na Colegiada, S. Pedro de Rates, em Braga. Herdeira é a Santa Casa da Misericórdia, e em legados espalha muitos dos seus haveres ([42]).

«A 27-1-1723 Francisco Lopes de Carvalho e sua m.er, Ursula de Araujo Correa, reconhecem os mui Reverendos Senhores do Cabido da Real Colegiada de Guimarães como directos senhorios do Prazo do Salgueiral e disseram que o tio do reconhecente, Pedro Lopes, de quem ele houve este prazo, o havia comprado a Donna Joanna...» ([43]). Faz-se a medição da quinta destaca-se «*hua casa que servio de moinho*

([39]) Liv. n.º 1 de Casamentos da freg. da Oliveira, pág. 53. Arq. Mun. A. Pimenta.

([40]) «Codicilo q fes pedro lopes mercador morador na rua dos mercadores.» Liv. de notas do Tab. Manuel da Silva (13-2-38). Arq. Mun. A. Pimenta.

([41]) Liv. de óbitos n.º 1 da freg. da Oliveira. Arq. Mun. A. Pimenta.

([42]) Certidão de óbito de Pedro Lopes, (nota 41).

([43]) Tombo da Real Colegiada na villa e freiguesias circunvisinhas della. Casal do Salgueiral. (A-1-5-2). Arq. Mun. A. Pimenta.

no Regato do Salgueiral junto a estrada a coal tem somente a pedra e o mais esta arruinado e o resto são campos». Na praça alpendrada da morena Senhora da Oliveira nascem os filhos a Francisco Lopes de Carvalho e sua mulher. Fixemo-nos, entre todos, em Plácido António ([44]), logo destinado à vida eclesiástica.

Nas ruas da vila passa majestosa a procissão. Qual seara ondulante, curvam-se, joelho em terra, as gentes. Brilham ao sol faiscante as pedrarias, o oiro, as roupagens, engrandecidas a louvarem ao Senhor. Ao pálio, entre as mais altas dignidades, vai Sua Ex.cia Reverendíssima Plácido António de Carvalho Correia, Cónego Prebendado da Insigne e Real Colegiada da Vila de Guimarães. «Entrara de menores por coadjutor de seu antecessor o R.do Miguel da Cunha de Freitas, e tomou posse da da coadjutoria hoje Domingo da Santissima Trindade 9 de Junho de 1743 a. ao cessar antes da Prima tomou ordes sacras em Braga q̃. lhas deu o Sr. D. Jose de Bragança Arcebo de Braga no anno de 174...» ([45]). Continua lenta a procissão. Homenagem dos homens a Deus com suas maiores riquezas, louvando-O, reservando-Lhe seus maiores tesouros, agradecendo-Lhe à maneira humana o dom da saúde, da paz, da vida.

Dias antes, a 6 de Junho, fizeram-se as Inquirições do novo provido, o Rev.do Plácido António de Carvalho Correia ([46]). Vários moradores de Penselo, da Praça da Oliveira, e da cidade de Braga juram «que o futuro Conego seus Avos per si e seus ascendentes erão de limpo sangue e gueração sem raça alguma de judeu mouro mullato mourisco ou de otra alguma nação das reprovadas em direito ou de novo Convertidas a nossa Santa Fé Catolica ou penitenciadas pello

---

([44]) Nasceu o cónego Plácido António de Carvalho Correia a 7-12-1720 na Praça da Oliveira. Liv. de Baptizados n.º 0 da freg. da Oliveira, pág. 121. Arq. Mun. A. Pimenta.

([45]) Elementos para um Catálogo de Chantres, Tesoureiros, Mestre-Escolas, Arciprestes, Arcediagos, Magistrais, Cónegos, Prebendados e Meios Prebendados da Colegiada de Guimarães. *Boletim de Trabalhos Históricos,* vol. VII, n.º 3, pág. 130.

([46]) «Inquerição ins do Rd.º Placido Antonio de Carv.º coadjutor do Rd.º Miguel da Cunha de Freittas.» *Boletim de Trabalhos Históricos,* vol. XVIII, pág. 57.

Santo Oficio tudo sem fama e rumor...». Esquecem-se em sua ignorância desta Raça fundida pela História, aberta pelo mar imenso, misturada ao cantar das ondas; ignoram ao sabor dos tempos suas origens e fontes. E no povo ajoelhado à procissão que passa pairam as geladas estepes nórdicas, a nobreza dos godos, a cubiça dos judeus, o fatalismo dos mouros. Entra triunfalmente na Colegiada o Deus de todas as criaturas, encerrado por amor aos homens em custódia preciosa, seguido em prece pelos olhos negros, azuis, castanhos e verdes, olhos nascidos séculos atrás em todos os continentes, olhos unidos pelo milagre da Pátria e Raça. Francisco Lopes de Carvalho tem os seus humedecidos ao ver o filho cónego. Anos depois, a 12-12-1758, faz-lhe doação de «*todos os seus prazos que tem e possuie*» ([47]), reservando para ele e sua mulher o usufruto enquanto vivos. É o Salgueiral do Rev.do Cónego Plácido António de Carvalho Correia.

Viveu o Rev.do Cónego nas suas casas da Rua de Santa Maria servido por muitas criadas, algumas do tempo de sua mãe Úrsula de Araújo, a quem dá ou deixa «*brincos e bestidos de seda*», «*hua cama aparilhada com leito e seu cortinado*», moedas de oiro e metal sonante. Tem um hortelão e dois moços de cadeirinha que o transportam pelas ruas da vila. É um grande devoto do Senhor São Plácido cuja imagem manda colocar «num dos altares da insigne Colegiada onde for mais comodo». Com ele está seu coadjutor «meu sobrinho o Senhor Conigo Plácido António Coelho da Costa de Vasconcelos Maia» seu universal herdeiro a quem confia «*hum Papel particullar que deixo em segredo na sua mão por mim assinado*». Ordena «*que depois do meu falecimento todos os meus bens tanto moveis como de raiz, pratas, alfaias Libraria se ponhão em leilão e nele sejam vendidos a quem mais der*», *com excepção do faqueiro novo e relógio que o herdeiro guardará* ([48]). Tudo se cumpre depois de

---

([47]) «Doação e nomeação de Prazos q faz Francisco Lopes de Carvalho a seu filho o Rev.do Cónego Plácido António de Carvalho Correia, desta vila.» Liv. de notas do Tab. João Ribeiro (1 4-2-3), pág. 4. Arq. Mun. A. Pimenta.

([48]) Registo do Testamento do Rev.do Plácido António de Carvalho Correia desta vila. Liv. dos Testamentos Cerrados, n.º 20 (7-2-74), pág. 107. Arq. Mun. A. Pimenta.

8-1-1799 (49). E quem mais dá pelo Salgueiral é seu sobrinho e coadjutor, o Reverendo Cónego Plácido António Coelho da Costa Vasconcelos Maia.

Em Outubro de 1800 já está o Senhor Cónego Maia na sua quinta do Salgueiral, de S. Miguel de Creixomil (50). Nela vive com suas irmãs, Dona Maria Eufrásia e Dona Cecília Bárbara, sombras fugidias de senhoras perpassando no Salgueiral de antanho (51). Alegra-lhes a vida, em cânticos de esperança, os quatro anos da única sobrinha Dona Maria Adelaide de Araújo de Vasconcelos Maia, filha do irmão primogénito, o Dr. Manuel Joaquim Vieira Coelho da Costa Maia, e de sua mulher, Dona Maria Jerónima de Paços Barbosa, e Lima, já falecida (52). Coimbra ilumina o viver do Dr. Manuel Joaquim: Lente de Matemática (1777), Lente substituto e extraordinário de Matemática (1783), Lente Catedrático da Faculdade de Coimbra (1795), Lente proprietário da cadeira de Astronomia (1801) e Mecânica Celeste, Sócio da Academia de Ciências de Lisboa, de várias sociedades estrangeiras (53),

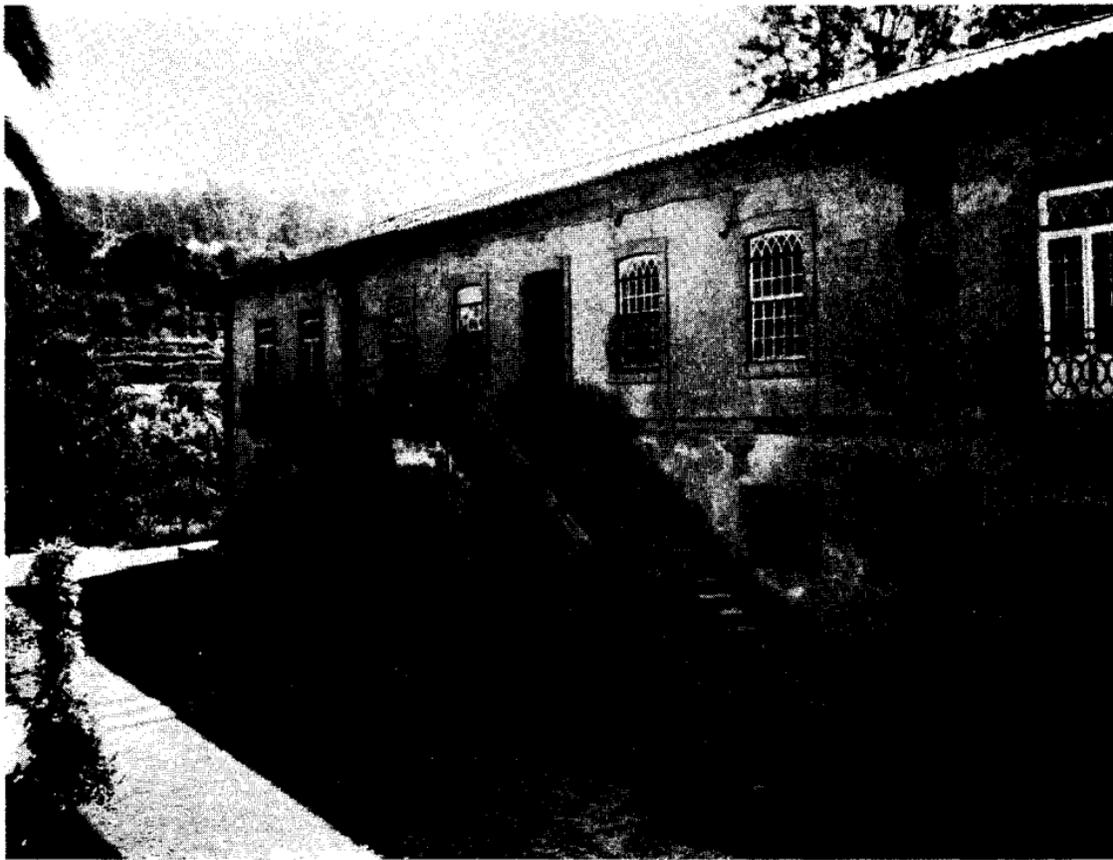
---

(49) «Óbito do Rev.do Cónego Plácido António de Carvalho Correia ora morador na Rua de Santa Maria.» Liv. de Óbitos n.º 4 da freg. da Oliveira, pág. 266. Arq. Mun. A. Pimenta.

(50) Prazo n.º 41 do livro-A-4-5-56. Arq. Mun. A. Pimenta.

(51) Ficaram estas senhoras, por morte de seu irmão o Cónego Maia, usufrutuárias da Casa do Salgueiral, onde residiram. Dona Maria Eufrásia faleceu solteira, Dona Cecília Bárbara, casada com Bernardo da Rocha, faleceu no Salgueiral a 1-10-1831. Liv. de Óbitos de Creixomil 1793-1859, pág. 138 v. Arq. Mun. A. Pimenta.

(52) Dona Maria Jerónima de Paços Barbosa e Lima faleceu em casa de seu pai, António Joaquim de Paços de Probem, (ver Casa de Caneiros) na Rua da Fonte Nova a 11-4-1798. Liv. de Óbitos n.º 4 da freg. de S. Paio. Arq. Mun. A. Pimenta.

(53) ***Portugal Antigo e Moderno***, Dicionário, por Pinho Leal, vol. VII, pág. 712. Prozêllo ou Perozêllo, orago S. Tomé. Nasceu o Dr. Maia em Braga, na Rua do Carvalhal, a 15-1-1750, N. n.º 7 de S. João do Souto, pág. 600, e faleceu em Coimbra, sendo lente de prima, a 3-5-1817, jaz em S. Bento, em Coimbra. Mandaram seus discípulos gravar a seguinte inscrição: — VIRO CLARISSIMO — EMMAN. JOACH. COELIO COSTIO — VASCONCELL. MALE — BRACHARENSI — MILIT. CHR. EQUIRI IN CONIMBR. — ACADEM. MATH PR FES PRIMAR — PRIMOQUE APUD LUSITANOS — AB AN MDCCCI — MMECHANIC COELE TIS ANTECESSOR — REG. SCIENT. ACADD. OLISIPON — SOCIO MAGISTRO SUO DESIDERATISSIMO — PRIDIE CALEND. MAII — AN DOM. MDCCCXVII — SIBI EREPTO — INAMOR EST OBSERVANT — MONUMENTUM DISCIPULI. (Pinho Leal, mesmo vol., pág. 713).

Casa do Salgueiral

A Casa do Salgueiral vista da rodovia

Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo ([54]), ilustra e engrandece com seu irmão, o Cónego, a Casa do Salgueiral. Findas as obras, cravam-lhe no portal as armas dos seus apelidos.

Não encontrei a concessão destas armas. Vem a árvore de costado dos novos Senhores do Salgueiral em Canaes ([55]), lemos a sua ascendência em Gayo ([56]). Dos documentos consultados arrancamos quadros mexidos e vivos. Da família paterna, o voltear das folhas dos processos, dos livros, das leis, das questões no escritório de advocacia do pai e do avô; a figura esquiva do bisavô, padre em S. Martinho de Aldoar, termo do Porto ([57]). Pela gente da avó, Úrsula Josefa de Araújo, filha e neta de mercadores, vem o cheiro das mercâncias da velha Rua do Souto, em Braga. É prima irmã de Úrsula de Araújo Correia ([58]), a que vimos além a receber-se com seu marido Francisco Lopes de Carvalho, senhor do Salgueiral, origem do parentesco entre os dois cónegos

---

([54]) Não vi o processo, mas assim aparece em vários documentos, bem como o irmão, o Rev.do Cónego Maia.

([55]) *Costados das Famílias Ilustres,* de Barbosa Canais, tomo II, pág. 124.

([56]) *Nobiliário das Famílias de Portugal,* de Felgueiras Gayo, vol. IV, Araújos & 465.

([57]) O Lic. Manuel da Costa Maia, (avô paterno do Dr. Manuel Joaquim Coelho da Costa Maia) advogado em Braga, residente na Rua D. Gualdim, casou na igreja de S. João do Souto, em Braga, a 1-2-1705, com Úrsula Josefa de Araújo. No assento de casamento vem como filho de Manuel da Costa e de Isabel Francisca, já defunta, naturais de S. Martinho de Aldoar, termo do Porto. Pinho Leal fá-lo descendente da nobre família Maya, Senhores da Trofa. Felgueiras Gayo dá-o como filho legitimado, para suceder a seus pais, do Padre Manuel da Costa Maya, abade de S. Martinho de Rio Mau, e de Isabel Ferreira, viúva rica, de S. João da Foz. (Araújos & 465), mandando ver a ascendência em Mayas & 16 N 3. Não encontrei essa alínea no *Nobiliário.* Procurando no Misto 1 de S. Martinho de Aldoar apareceu-me um Padre Manuel da Costa, aí vivendo na altura provável do nascimento do Lic. Manuel da Costa Maia. Esse último apelido não encontrei nessa freguesia, mas apareceram vários Mayas no Misto 1 de S. João da Foz.

([58]) Seus avós, Pedro de Areias Seixas e m.er Francisca Correia, mercadores na Rua do Souto, tiveram pelo menos três filhos: Madalena de Araújo X. com Pedro Lopes (nota 37); João Correia de Areias X. com Antónia de Freitas (pais de Úrsula de Araújo Correia) e Maria de Araújo X. em Braga, S. João do Souto, a 6-9-1671 com Jerónimo Coelho (pais de Úrsula Josefa de Araújo).

*

Plácidos, cimentado pela amizade, compadrio e convivência. Muito atrás, em 1758, Francisco Lopes de Carvalho dera e nomeara «hua mercê que elle doador tinha de hum Abito de Cristo que se não chegou a verificar na pessoa delle doador em seu afilhado Manuel Joaquim Coelho da Costa Maya filho de seu sobrinho Jeronimo Coelho da Costa Maya» ([59]).

A Casa do Porto, na freguesia de S. Tomé de Prozêlo, concelho de Amares, vem pela mãe, Dona Luísa Maria de Abreu Araújo e Vasconcelos, senhora dessa Casa. Nos livros mistos 1, 2 e 3 de Prozêlo encontramos os nascimentos, casamentos e óbitos desta estirpe minhota. Como tantas outras, mergulha na terra em ramos obscuros, ressurge aqui com um capitão, além com um sacerdote ([60]), agarra-se com força e desespero às origens fidalgas, reluz o seu remoto senhorio de entre a decadência, as más alianças, os limites do provincianismo, conserva os apelidos, dourando com eles as quebras de varonia e a falta de representações. Assim, descende Dona Luísa Maria de Abreu Araújo e Vasconcelos de Pero Gomes e Abreu (por bastardia) e de Tristão de Araújo e Vasconcelos. Deste modo encontramos os Abreus, os Vasconcelos, os Araújos, as grandes e fidalgas casas de Entre-Douro e Minho no cortejo dos antepassados de Dona Luísa Maria ([61]).

([59]) «Doação de hum habito de Christo que fez Fr.co Lopes de Carvalho desta v.a a seu afilhado Manuel Joaquim Coelho da Costa da cidade de Braga.» Liv. de notas do Tab. João Ribeiro (14-2-3), p. 4.º v. Arq. Mun. A. Pimenta.

([60]) Os nobiliários fazem João Antunes de Carvalho descendente de Sebastião Antunes de Carvalho, fidalgo da corte de El-Rei D. Sebastião, a quem acompanhou na Batalha de Alcácer-Quibir. No Misto n.º 1 de S. Tomé de Prozêlo, em 1629, há um Sebastião Antunes, escrivão do concelho. O avô de João Antunes de Carvalho também se chamava Sebastião Antunes e faleceu em Prozêlo, no lugar do Porto, a 28-11-1673; a avó, Antónia de Carvalho, era natural de S. Paio de Figueiredo. Além de Pedro Antunes de Carvalho, pai de João, tiveram o capitão João Antunes de Carvalho, casado com Inês de Freitas da Cunha, pais do Rev.do Cónego Miguel de Freitas da Cunha, que fez inquirições de genere em 1719 (*Bol. de Trabalhos Históricos*). Penso que Sebastião Antunes seja irmão de Maria Antunes, mulher de António de Araújo (ver nota 61).

([61]) António de Abreu e Lima, avô materno de Dona Luísa Maria de Abreu de Araújo, era filho natural do P.e Belchior Gomes de Abreu e Lima e neto do Capitão Pero Gomes de Abreu, da freg. de S. P.º de Figueiredo.

António de Abreu e Lima, X. em S. Tomé de Prozêlo a 6-2-1689 (Misto 2) com Jerónima de Araújo, do lugar do Porto, tendo seus filhos

Do cónego Plácido António Coelho da Costa de Vasconcelos Maia recolhemos, fora as casas e quintas que possui, uns simples objectos: «*vasos precisos para o recolhimento do pão e vinho e outros frutos, seis Talheres de Prata, hua duzia de colheres de chá, dous castiçães de prata, hum bulle de Louça, outro de folha Inglez, algum taboleiro envernizado, algua Louça de meza, algua roupa branca*». Testemunhas da modéstia de quem humildemente roga «*aos que sofrerão ou tolerarão os erros da minha fraca sociedade neste mundo encomendem minha alma ao Eterno Ser*» ([62]).

Dona Maria Adelaide, sua sobrinha, última senhora do Salgueiral nesta família, faz-nos ouvir, através dos tempos, a tragédia do seu destino. Casada esplendorosamente com Filipe de Abreu e Lima, descendente dos Senhores de Regalados, nascem-lhes duas meninas. Chama-as Deus a si. E Dona Maria Adelaide, dissolvido, segundo Felgueiras Gayo, o seu casamento ([63]), desfaz-se de seus bens vendendo o Salgueiral a José Martins da Costa, e doando a Casa do Porto e a quinta da Levada a António de Amorim Soares de Azevedo ([64]); assim tristemente desaparece destas páginas.

---

aí nascido. Ela morreu no mesmo lugar, de morte apressada, a 30-4-1706 (misto 2); ele no mesmo lugar a 27-12-1718 (misto 3). Jerónima de Araújo era filha de António de Araújo, do lugar do Porto, † a 29-9-1714, deixando os bens d'alma, na escritura que fez, a seu genro António de Abreu e Lima (misto 3) e sua m.er Maria Antunes, recebidos a 24-2-1664 (misto 1). António de Araújo era filho de João Francisco e de Maria de Arantes, recebidos a 30-8-1637, sendo esta por sua vez filha de Tristão de Araújo e Vasconcelos X. com Ana de Arantes (2.ª m.er) a 30-7-1617 (misto 1).

Tristão de Araújo e Vasconcelos era 5.º filho, 3.º varão, de Fernão Velho de Araújo, Senhor de Lobios, Rio Caldo, Gendive, etc., Morgado de Sinde, e de sua m.er D. Maria Figueira. Viveu em Braga, na Rua do Souto. Sua 2.ª m.er, D. Maria de Arantes, era filha de Sebastião Antunes, da Ponte do Porto, e de sua m.er D. Maria de Antas Quinteiro, da Casa da Espinheira, em Besteiros. Amabilíssima informação do grande genealogista Dr. Domingos Araújo Affonso.

([62]) Registo do Testamento de Plácido António Coelho da Costa Vasconcellos Maia, cónego prebendado que foi na Insigne e Real Colegiada desta vila. Liv. de Testamentos Cerrados n.º 59 (ano 1820), pág. 82. Arq. Mun. A. Pimenta. Faleceu na Rua dos Mercadores a 9-1-1820.

([63]) Ver nota 56.

([64]) ***Portugal Antigo e Moderno***—Dicionário, por Pinho Leal, vol. VII, pág. 713.

No testamento do Rev.do Plácido António Coelho da Costa Vasconcelos Maia há uns legados de medidas de pão, vinho e feijão para Maria

III

Lemos nas *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*, a pág. 347, que «A imagem do Senhor dos Passos da Igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos é tradição ser milagrosa pois sendo juiz desta irmandade Manuel da Cunha Maranhas, natural desta villa e que havia assistido muitos anos nas Indias de Castella, e determinando man-

---

da Conceição e Maria Cândida, assistentes na quinta do Porto, e Carolina Teresa, assistente em Braga em casa do beneficiado António José Teixeira de Azevedo, e mais «... *ey então por instituidas minhas Erdeiras a Maria da Conceição, Maria Candida e Carolina Teresa retro mencionadas para por minha morte receberem o valor de todas as bemfeitorias que tenho na Quinta do Salgueiral, nas moradas das Casas da Praça da Senhora da Oliveira e nas que moro e tudo o mais que se achar por minha morte e me pertença para as ditas tres erdeiras cobrarem, receberem e repartirem em igoais porções satisfeitas todas as dispozições e quando algua delas seja morta ao tempo do meu falecimento se repartira entre as vivas, porem isto he no caso de minha sobrinha ou seus erdeiros não queiram aceitar a herança ou seus encargos o que não mereço pella grande estima que della sempre fiz.*» Segundo investigações do Ex.mo Sr. Dr. Domingos de Araújo Affonso, Carolina Teresa era filha natural do Rev.do Cónego Maia, deduzindo eu que também o sejam as outras duas, embora dessas não tenha mais notícias. Carolina Teresa era sogra do Dr. António de Amorim Soares de Azevedo, a quem Dona Maria Adelaide doou a Quinta do Porto.

Cópia dos apontamentos gentilmente cedidos pelo Dr. Domingos Afonso: — «O Rev.do Plácido António Coelho da Costa e Vasconcelos Maia, deixou uma filha bastarda:

I D. Carolina Teresa de Vasconcelos Maia, X. na freg. de S. Tiago de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso) a 24-8-1826 com Francisco Manuel da Silva Rebelo, Capitão de Ordenanças, sr. da Casa da Bouça Velha, nesta freg., onde * a 13-8-1765 e † a 26-5-1841, filho de Miguel de Affonseca Veloso e m.er D. Maria Teresa da Silva Rebelo, sr.a da Casa da Bouça Velha (X. em S. Tiago de Lanhoso a 17-5-1764), neto pat. de Domingos Veloso de Affonseca e m.er Maria Antunes, da freg. de S. Cosme e Damião de Garfe, e neto mat. de Manuel da Silva Vieira e m.er Catarina Luísa Rebelo, senhores da Casa da Bouça Velha.

Tiveram:

1 (II) — D. Maria Adelaide da Silva Rebelo Coelho de Vasconcelos Maia, * em Lanhoso a 7-10-1827 e † a 2-2-1877. X. com Dr. António de Amorim Soares de Azevedo, formado em direito, administrador do concelho de Amares, senhor da Casa da Corredoura na freg. de Santa Maria de Ferreiros,

CASA DO SALGUEIRAL

- **D. Maria Adelaide de Araújo de Vasconcelos Maia** 1796- c. c. g. ext.ª Sr.ª do Salgueiral e da Casa do Porto
  - Manuel Joaquim Coelho da Costa Vasconcelos Maia Lente em Coimbra Caval.º Prof. da O. de Cristo 1750-1817
    - Jerónimo Coelho da Costa Maia Advogado em Braga
      - Manuel da Costa Maia Advogado em Braga
        - Manuel da Costa (Padre) houve em Isabel Francisca
      - Úrsula Josefa de Araujo
        - Jerónimo Coelho Mercador
          - António Mendes
          - Catarina Coelha
        - Maria de Araújo
          - Pedro de Areias Seixas, Mercador
          - Francisca Correia
    - D. Luísa Maria de Abreu Araújo e Vasconcelos Sr.ª da Casa do Porto
      - João Antunes de Carvalho
        - Pedro Antunes de Carvalho -1718
          - Sebastião Antunes -1673
          - Antónia Carvalha
        - Mariana da Silva Vieira -1721
      - 2.ª mulher Prima em 2.º e 4.º grau
      - D. Antónia de Abreu Lima Sr.ª da Casa do Porto 1695-
        - António Abreu de Lima -1718
          - Belchior Gomes de Abreu Lima Sr. da Qt.ª do Vilar em Figueiredo Houve em Ângela Garcia
        - Jerónima de Araújo Sr.ª da Casa do Porto -1706
          - António de Araújo Sr. da Casa do Porto
          - Maria Antunes
  - D. Maria Jerónima de Paços Barbosa e Lima 1766-98
    - António Joaquim de Paços de Probem e Barbosa Caval.º Prof. da O. de Cristo Sr. da Casa de Caneiros 1724-
      - Sebastião de Paços Barbosa Sr. da Casa de Caneiros -1752
        - Domingos de Passos Barbosa 1627-
          - Domingos de Passos, Mercador Vd.or da Câmara Sr. da Casa de Caneiros -1651
          - 2.º marido Mónica Barbosa
        - D. Maria Josefa Madeira
          - Amaro Lopes da Madeira, Capitão em Pernambuco
          - Luzia de Aguiar de Oliveira
      - D. Jerónima Machado de Miranda 1686-1766
        - João Machado de Miranda Advogado em Guimarães 1633-
          - Pedro de Oliveira Coelho -1661
          - Ângela de Miranda
        - Isabel de Oliveira Mendes
          - Gaspar Dias
          - Maria Mendes
    - D. Joana Joaquina Baptista Pereira Vaz Veloso 1730-1818
      - Francisco Pereira Ribeiro Fam. do St.º Ofício Sr. do Casal do Outeiro (Paraíso) -1772
        - João Pereira Sr. do Casal do Outeiro
          - Paulo Gonçalves
          - Maria Fernandes Sr.ª do Casal do Outeiro
        - Maria Ribeiro
          - Francisco Ribeiro Sr. do Casal do Paço (Brito) -1696
          - Jerónima Gonçalves -1726
      - Mariana Luísa Vaz Veloso
        - Francisco Vaz Veloso Negociante Fam. do St.º Ofício
          - Domingos Vaz
          - Maria de Abreu -1712
        - Inácia Luís
          - Jerónimo Luís Cutileiro
          - Domingas Marques

dar fazer uma verónica do Senhor, semelhante a uma que naquelas partes havia visto, chamou os melhores mestres de escultura, e dando-lhe todos os signaes de proporções, e affectos com que a vira delineada, quando estes lha fizeram eram dessimilhantes a que elle encomendava: estando o devoto nesta desconsolação bateram em certo dia a sua

---

Amares, * a 17-12-1821 e † em Dez. de 1908, filho de António José de Amorim Machado de Araújo, Capitão de Milícias da Barca, Cav.º Prof. na O. de Cristo (Armado na Sé de Braga a 17-9-1807) sr. da dita Casa da Corredoura, e de sua m.er D. Ana de Jesus Soares de Azevedo (da família dos Condes de Carcavelos). C. G.

2 (II) — Plácido António, que segue.

3 (II) — João Baptista da Silva Rebelo de Vasconcelos da Maia, * em Lanhoso a 5-6-1830 e † solt.º

4 (II) — D. Emília Cândida da Silva Rebelo Coelho de Vasconcelos Maia, * na mesma freg. a 30-11-1831 e † solt.ª

5 (II) — D. Florência Joaquina, * na mesma freg. a 25-4-1833 † solt.ª

6 (II) — D. Rosa Angélica, * na mesma freg. a 24-8-1834 e † em Braga, na freg. da Cividade, a 11-2-1932.

7 (II) — D. Lúcia Leopoldina, * em Lanhoso a 7-11-1836 † solt.ª

8 (II) — António Joaquim, * na mesma freg. a 3-2-1839.

II O Dr. Plácido António da Silva Rebelo Coelho de Vasconcelos Maia, bacharel formado em Matemática, recebedor do concelho da Póvoa de Lanhoso, sr. da Casa da Bouça Velha (que dissipou), Moço-Fid. da C. R., * em S. Tiago de Lanhoso a 5-8-1828. X. na freg. do Salvador de Tagilde (Guimarães), a 20-12-1858, com D. Carolina Cândida Lopes Caldas, nat. do Porto, † em Braga a 29-11-1924, filha de Domingos Lopes Ferreira Guimarães e m.er D. Florinda Lopes Caldas, proprietários em Tagiide.

Tiveram:

1 (III) — Hipólito, que segue.

2 (III) — D. Maria Adelaide da Silva Rebelo Coelho de Vasconce-Maia, * Salvador de Tagilde (?) em 1861 † em Braga a 30-4-1889.

3 (III) — D. Júlia Etelvina, * S. Tiago de Lanhoso a 6-2-1862 † em Braga (S. João do Souto) a 29-1-1948.

4 (III) — Aurélio, * em Lanhoso a 5-10-1864 † 14-11-1865.

5 (III) — Januário, * em Lanhoso 7-2-1867 † 24-8-1868.

6 (III) — D. Beatriz Zulmira, * em Lanhoso a 17-4-1868 † solt.ª

7 (III) — Adolfo Aquiles da Silva Rebelo Coelho de Araújo e Vasconcelos Maia, * em Lanhoso a 5-7-1869 † no Brasil. X. em Braga (S. João do Souto) a 17-6-1893 com D. Carolina Cândida de Cruzeiro Seixas, viúva de João Afonso Gui-

porta dous mancebos, e lhe mandaram dizer eram officiaes esculptores...». Segue a lenda fazendo nascer das mãos dos dois anjos disfarçados a imagem do Senhor com a Cruz às costas.

Manuel da Cunha, o Maranhas, regressou a Guimarães por 1590. Dizem «q em seus primeiros anos aprendeo o officio de sapateiro e passando a melhor fortuna foi casado com hũa hirmã de Pº de Freitas, meirinho da Correição de G.es» (65). Aparece-nos assistindo em sua casa da Rua das

---

marães e filha de Vitorino do Cruzeiro Seixas e m.er D. Rosa Joaquina Rodrigues.

8 (III) — D. Adelaide, * em Lanhoso a 4-10-1870 e † solt.a em Braga a 27-9-1955.

9 (III) — Artur Eugénio, gémeo com a anterior, † muito novo.

10 (III) — Guilherme Augusto da Silva Rebelo Coelho de Vasconcelos Maia, voluntário nas incursões monárquicas, * em Lanhoso a 24-5-1872 † solt.º

11 (III) — D. Isabel Maria da Silva Rebelo Coelho de Vasconcelos Maia, * em Lanhoso a 24-10-1873 † em Braga (S. João do Souto) a 11-7-1960.

III Hipólito da Silva Rebelo Coelho de Araújo e Vasconcelos Maia, agente do Banco de Portugal na Guarda e em Viseu, * em Lanhoso a 12-2-1860 e † em Viseu. X. em Braga (S. João do Souto) em Jul. de 1895 com D. Maria Ernestina de San Romão, que * em Braga a 14-11-1859 † em Viseu, filha de João António de Oliveira Braga, Com.or da O. de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, director dos correios de Braga, depositário da Companhia Nacional dos Tabacos (1861), agente do Banco de Portugal em Braga, e de sua m.er D. Maria Angelina dos Desamparados Rodrigues de Carvalho.

Tiveram:

1 (IV) — D. Maria Angelina da Silva Rebelo Coelho de Araújo de Abreu e Vasconcelos Maia, * na Guarda a 25-7-1896. X. em Viseu a 8-11-1923 com Luís de Albuquerque Pimentel e Vasconcelos, Tenente-Coronel de infantaria reformado, combatente da 1.a guerra mundial etc., antigo presidente da Câmara Municipal de Viseu, * em Fornos de Algodres a 3-12-1878 e † em Viseu a 3-3-1935, filho de José Maria de Albuquerque Pimentel e Vasconcelos e de sua m.er D. Ana Isabel de Albuquerque Corte-Real. S. G.

2 (IV) — D. Maria de Jesus da Silva Rebelo Coelho de Araújo de Abreu e Vasconcelos Maia, solt.a

(65) *Pedatura Lusitana,* de Cristóvão Alão de Moraes, vol. II, Tomo I, pág. 503.

Molianas, já pouco tisnado pelo sol dos trópicos, rico em bens, aliado pela mulher, uma Peixota das Lamelas ([66]), às principais famílias da terra, casando as filhas ([67]) na fidalguia.

([66]) Antónia de Freitas Peixota era filha de Alvaro de Freitas Peixoto (ver Felgueiras Gayo, Tit.º de Freitas & 6) e em «Velhas Casas» — II a Casa da Covilhã, pág. 58.

([67]) Descendência de Manuel da Cunha, o Maranhas, † na sua casa da Rua das Molianas a 12-10-1641 (M. I. S. Seb.º, pág. 163).

I Manuel da Cunha, o Maranhas, X. com Antónia de Freitas Peixota, † na Rua das Molianas a 15-7-1637 (mesmo l.º, pág. 159 vº), filha de Álvaro de Freitas Peixoto, Morgado das Lamelas, e de sua m.er Isabel Peixoto, n. pat. de Pedro de Freitas e m.er Maria Ferraz de Almeida, n. mat. de Pedro Peixoto de Azevedo e m.er Leonor dos Guimarães.

Filhas

1 (II) — Dona Eugénia da Cunha, bapt. na igreja de S. Seb.º a 25-5-1594, padrinhos foram Fernão Rebelo e Maria da Silva, m.er de Pedro Roiz Caneiros (N. 1, pág. 74). X. na mesma Igreja a 23-12-1621 sendo test.as seu tio materno Pedro de Freitas, meirinho da Correição; António Dias Pimenta, António Carneiro de Andrade e Simão Gonçalves, com Jerónimo Machado de Miranda «já velho e manco», filho de Pedro Machado de Miranda, suc. do Morgadio instituído por Gil L.ço de Almeida e de sua m.er Catarina Barbosa (F. G. tit.º de Machados & 2). Jerónimo Machado de Miranda † a 23-4-1624 (M. I. S. Seb.º).
«Dona Eugénia da Cunha, por morte do marido ficou prenhe e teve um filho chamado Sebastião, e como os parentes do marido duvidarão do parto lhe moverão demanda, mas venceo a viuva e morrendo o filho passou o vínculo a sua irmã Ignês de Miranda (irmã de Jer.º Machado de Miranda) e por isso lhe chamão o Morgado do Parto Suposto» *(Nobiliário)*.

Filho único

1 (III) — João, b. a 19-7-1623, pad.: Ant.º Vaz Peixoto e Maria Peixota m.er de Ant.º Dias Pimenta. (M. 2 S. Seb.º), † m.

2 (II) — Dona Angela da Cunha Peixota, * nas Lagens do Toural, b. a 15-7-1595, padr.: Baltazar de Faria e Inês dos Guimarães, m.er de Ambrósio Vaz (N. 1, S. Seb.º, pág. 99). X. 1.º na Igreja de S. Seb. a 6-1-1622 (M. I.) sendo test.as António Dias Pimenta, Jerónimo Machado de Miranda e João Alvres

Descansam ambos em S. Francisco; ela, Antónia de Freitas Peixoto, desde 15-7-1637; o marido desde 12-10-1641.

A filha mais nova, Querubina da Cunha, herda a Casa das Molianas e é senhora de metade do Prazo do Salgueiral

---

Pantufeiro, com António Carneiro Miranda † na mesma freguesia a 1-6-1623 (M. l.) s. g. X. 2.ª vez a 8-8-1624 (M. l.) com António de Magalhães de Faria, Sr. da Q.ta do Real, freg. de Ferreiros, conc. de Lanhoso (Ver F. G. Magalhães & 105).

Filhos

1 (III) — Manuel Peixoto de Magalhães. S. G.
2 (III) — Vasco Peixoto, clérigo, citados ambos por F. G.
3 (III) — Dona Antónia de Freitas Peixoto. X. com João de Magalhães Machado c. g., ver *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* de Domingos Araújo Afonso, tomos de Paiva Brandão e Magalhães Machado.
4 (III) — Mariana de Magalhães de Faria. X. na igreja de São Paio de Figueiredo (Misto 3) a 15-4-1668 com Domingos Monteiro de Barros, sr. da Casa do Reguengo, no Mosteiro do Souto, f. l. Belchior Francisco e m.er Maria Monteiro de Barros, c. g.

3 (II) — Serafina da Cunha, † nas Molianas a 10-4-1637, sep. em S. Francisco, não fez testamento por ter pai e mãe. (Misto 1 S. Sebastião, pág. 159 v.º).
4 (II) — Querubina da Cunha, que segue.

II Querubina da Cunha, bap. na igreja de S. Sebastião a 21-4-1603, pad.: Francisco Rebelo e Troquato Peixoto (M. 1, pág. 121), sr.ª do Prazo do Salgueiral e da Casa das Molianas aí † a 24-9-1651, c. test.º e sep. em S. Francisco (M. l., pág. 178 v.º). X. na igreja de S. Sebastião a 1-5-1636 sendo testemunhas o Mestre Escola Rui Gomes Golias, Luís de Almeida Leborão, Paulo de Almeida Leborão seu f.º, e outras Pessoas, (M. l., pág. 46 v.º) com António da Fonseca Coutinho † na Q.ta da Mota, S. Martinho do Campo, Póvoa de Lanhoso, a 19-1-1673, filho de Giraldo Martins da Fonseca Coutinho e de sua m.er Marta de Almeida, Senhores de Paço Meão, freg. da Gandarela, Guimarães. António da Fonseca Coutinho passou a 2.as núpcias na igreja de S. Martinho do Campo a 17-9-1664 com Dona Maria da Mota.

Filhos

1 (III) – Padre João da Fonseca Coutinho, * na Rua das Molianas, bap. em S. Sebastião a 26-3-1638, pad.: Manuel de Melo da Silva e Maria de Freitas (M. 2). Depois de ordenado

de Baixo, privilegiado das Tábuas Vermelhas. Baptizada na igreja de S. Sebastião, em Guimarães a 21-4-1603, aí se recebe, a 1-5-1636, com António da Fonseca Coutinho, dos Senhores de Paço Meão, na Gandarela. Ei-la esposa desa-

---

viveu em S. Martinho do Campo e na sua casa em Braga, no Campo de S.ta Ana.

2 (III) — Dona Antónia Peixoto, que segue.

3 (III) — Paulo, * na Rua das Molianas a 14-3-1641, bap. a 19, pad.: o Dr. Rui Gomes Golias, Mestre Escola (N. 2, S. Seb.º).

4 (III) — Simão, * no Prazo do Salgueiral, b. na igreja de S. Miguel de Creixomil a 29-10-1642 pad.: Paulo Borges e sua irmã Angela. (M. 2, Creixomil, pág. 30).

III Dona Antónia Peixoto, sr.ª do Prazo do Salgueiral e da casa das Molianas, b. na igreja do Salvador da Gandarela a 22-5-1639, pad.: o Padre João d'Affonseca e Paulo da Fonseca, irmãos do pai (M. 1., Gandarela, pág. 19 e N. 2, S. Seb.º, pág. 5 vº). X. na igreja de S. Martinho do Campo a 17-9-1664 sendo test.as Fr.co Lopes, Jm.º de Meira e Vicente f.º de Leonor da Fonte Cova (M. 1, S. Mart.º Campo, pág. 86), com Domingos de Brito e Vasconcelos, † na Quinta da Mota a 12-5-1666 (N. 2, pág. 38 vº). Viveram na «sua quinta da Mota» (vários doc.) e Dona Antónia depois de viúva viveu em Braga.

Filhos

1 (IV) — Dona Joana de Vasconcelos, que segue.

2 (IV) — Jerónimo, * na Mota a 24-6-1671 pad.: o Padre Jerónimo Cerveira da Cunha, da Mota, e Isabel Duarte, de S.to Tirso desta freg. (M. 2, S. Mart.º do Campo, pág. 3).

3 (IV) — João, * na Mota a 12-12-1673 pad.: o Padre João da Fonseca, da Mota, e Catarina de Abreu, de Entre Home e Cabo (mesmo liv.º, pág. 4 vº).

4 (IV) — Pedro, * na Mota a 5-4-1676 pad.: Domingos Monteiro, do Mosteiro do Souto, e Antónia de Freitas Peixota, da freg. de Ferreiros de Geraz (mes. l.º).

IV Dona Joana de Vasconcelos, b. em S. Martinho do Campo a 14-4-1666, pad.: o S.or Abade de S. Miguel de Vilela e sua tia Catarina da Fonseca Peixota (M. 1., pág. 52 vº). Foi quem vendeu o Prazo do Salgueiral. † na Q.ta da Mota a 10-2-1734, instituiu por sua herdeira e test.ª sua filha Dona Gracia Angélica (M. 3, S. Mart.º do Campo, pág. 226). X. com Domingos de Goes, nat. de Braga, filho natural do Lic.do João Francisco Goes, «bom letrado e solt.º» e de Ana de Oliveira, por alcunha a Crêspa, solt.ª, mor.ª em Braga, no Campo de S.ta Ana, onde fazia panos de peneiras e era f.ª duma mulher que mostrava ser viuva no traje».

brochando em filhos, ora nas Molianas, ora no Salgueiral: João, Antónia, Paulo, Simão. E por fim, nas Molianas, entregando sua breve vida a Deus a 24-9-1651.

(Inq. de genere do Padre Luís de Goes e Vasconcelos) Domingos de Goes † em 1705.

Filhos

1 (V) — Jerónimo de Brito e Vasconcelos, * em Braga, Campo de S.ta Ana, b. em S. Vítor a 24-9-1687 pad.: o Lic.do João Roiz Gois, seu tio, e Isabel de S. João, Religiosa no Conv.º da Sr.ª da Conceição, em Braga (N. 2, S. Vítor). A 19-5-1728 «tive como noticia certa o falecimento de Jeronimo de Brito e Vasconcelos solteiro, nat. de S. Victor, Braga, f.º de Domingos de Goes já defunto e m.er Dona Joana de Vasconcelos ha muitos anos moradora na sua q.la da Mota desta freg. e faleceu no Hospital Real de Lisboa a 3-1-1728». (M. 3. S. Mart.º Campo).

2 (V) — Teresa, * em Braga, Campo de S.ta Ana, bap. a 14-9-1689 pad.: Ant.º Roiz, morador na Rua das Águas, Braga (N. 2, S. Victor).

3 (V) — Padre Luís de Goes e Vasconcelos, * em Braga no Campo de S.ta Ana, b. a 28-9-1690 pad.: o Rev.do Padre José dos Anjos e o Lic. António Rodrigues Gois, por proc. de D. Angela do Paraíso, Religiosa nos Remédios. (N. 2, S. Victor). Fez as inquirições de genere a 15-10-1717 — (Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga).

4 (V) — José, * no mesmo lugar que seus irmãos, bap. a 13-2-1693, pad.: o Lic. António Rois Gois e Fr.co Lopes como procurador de Isabel de S. João, Religiosa da Conceição (N. 3, S. Victor).

5 (V) — António, * no mesmo lugar, b. a 7-12-1695, pad.: o Rev.do Cónego Diogo Machado (N. 3, S. Victor).

6 (V) — Dona Grácia Angélica de Vasconcelos, * no mesmo lugar, b. a 5-3-1698, pad.: Jerónimo da Cunha Peixoto, m.or no Campo de S.ta Ana, e Mariana da Silva, m.er do Lic. Ant.º Roiz Gois. (N. 3, S. Victor). Foi a herdeira de sua mãe. X. na capela da Casa da Mota a 1-1-1738 sendo test.ª seu irmão o Padre José dos Anjos (filho de Domingos de Goes?) com seu primo em 4.º grau canónico Alexandre de Abreu Pinheiro e Vasconcelos, f. l. de Pedro de Abreu e Vasconcelos e m.er Dona Simoa Barbosa de Faria, da freg. de Coseirado (M. 3, S. Mart.º Campo).

7 (V) — Francisco Xavier de Vasconcelos da Mota Coutinho, que segue.

V Francisco Xavier de Vasconcelos da Mota Coutinho, * no mesmo lugar b. a 13-4-1700, pad. seu irmão Jerónimo de Brito e Vasconcelos e

Aqui e além alastram os buracos na fortuna trazida das Índias de Castela pelo Maranhas. No Salgueiral é vendido pelo viúvo, António da Fonseca Coutinho, e seus cunhados, António de Magalhães de Faria e mulher, o campinho do

---

Cecília Fr.ca (N. 3, S. Victor). Viveu na Q.ta da Mota. X. com Dona Luísa da Fonseca.

Filhos

1 (VI) — Luís António de Vasconcelos, que segue.

2 (VI) — Jerónimo, * na q.ta da Mota a 16-8-1752, pad. o Dr. Luís Alvres de Faria e sua irmã Jerónima, solt.a (N. 1, S. Mart.o do Campo).

3 (VI) — José Manuel, * na Mota a 28-1-1755, pad. o Lic. José Luís e o Padre José dos Anjos, da mesma Mota (N. 1, S. Mart.o do Campo).

4 (VI) — Francisco, * no mesmo lugar pad. o P.e Francisco Fonseca de Araújo, Abade de S. Miguel de Gonça, e Benta Clara, sob.a do mesmo padre. (N. 1, S. Mart.o do Campo).

5 (VI) — Manuel, * na Mota a 10-7-1759, pad. o P.e M.el do Vale de Araújo, Abade de S. Miguel de Gonça, e Dona Maria Josefa (N. 1, S. Mart.o do Campo).

6 (VI) — Dona Maria Engrácia de Vasconcelos, * na Q.ta da Mota a 6-11-1763, pad. o P.e Custódio do Vale de Araújo, de S. Martinho de Gondomar, e Dona Grácia Angélica, m.er de Alexandre de Abreu, da freg. de Águas Santas. (N. 2, S. Mart.o do Campo). Foi sr.a da Quinta de Gondomar por doação de sua tia e madrinha. Foi freira em S. Domingos de Braga. † a 9-11-1850.

VI Luís de Vasconcelos, * na Q.ta da Mota a 19-11-1750, pad. o P.e Luís de Goes de Vasconcelos e D. Grácia de Vasconcelos por proc. a seu irmão o P.e José dos Anjos (N. 1, S. Mart.o do Campo, pág. 46 vº). Faleceu solteiro.

Filhos (havidos em... m.er casada) (1)

1 (VII) — Luís António de Vasconcelos Mota, mais conhecido pelo Luisinho de S. Roque, Gondomar. X. em 1.as núpcias com Florinda Fortunato Pereira da Silva s. g.; em 2.as núpcias com Josefa Rodrigues de Barros, da qual teve 8 filhos, os actuais Vasconcelos de Gondomar, entre os quais o Joaquim Carpinteiro.

2 (VII) — Grácia Clara de Vasconcelos Mota, foi sr.a da Q.ta de S. Roque, em Gondomar, que tinha sido de sua tia Dona Maria Engrácia de Vasconcelos, e que lhe foi doada por seu irmão Luís António, em 1853. † em Guimarães na

---

(1) Informações do Sr. Coronel Mário Cardoso.

Repeixoto, em S. Miguel do Paraíso ([68]). Também no Salgueiral faz António da Fonseca Coutinho património a seu primogénito «*João da Fonseca Coutinho com a ajuda de Deus Nosso Senhor trata ao presente de ordenarse de ordens sacras para esse efeito he nessessario fazer-lhe patrimonio para haver de viver comodamente como requer tal estado*». As casas «*com seu Quintal do Rego das Molianas por serem grandes boas e de bastante rendimento*» são o dote do novo sacerdote, feito

---

freg. de S. Paio a 7-9-1887. X. em 1.as núpcias, em 1839, com Domingos da Silva, mais conhecido por Domingos Ovelha (herdara da 1.a m.er uns pelames e casas na Rua de Couros em G.es). † 2-1853. X. em 2.as núpcias com Bento Ferreira, ourives, º em 1828, † em 1880, f.º de João Fer.a e Catarina Rosa Fer.a, de Quintela, s. g.

Filhos do 1.º casamento

1 (VIII) — Libânio António da Silva e Vasconcelos X. no Brasil com Francisca Umbelina Vieira, com dois filhos: Jerónima e António.

2 (VIII) — Joaquina, X. com João José Fernandes, de Gondomar, de quem teve 6 filhos entre os quais Francisca X. com José da Costa Soares, c. g.

3 (VIII) — Margarida da Silva e Vasconcelos Mota X. em 1873 com António Augusto da Silva Cardoso, de G.es * em 1831 † 1896, f.º de António da Silva e Joana Maria Cardoso.

Filhos

1 (IX) — Raul Cardoso X. 1895 com D. Maria Ant.a Bastos, c. g.

2 (IX) — O Pintor Abel Cardoso, X. 1915 com D. Maria Afonso Passos Viana, c. g.

3 (IX) — D. Angelina.

4 (IX) — D. Margarida.

5 (IX) — O Coronel Mário Cardoso, Dig.mo Director da Sociedade Martins Sarmento, grande arqueólogo, etc., X. com D. Maria da Conceição Matos, c. g.

6 (IX) — Júlio.

7 (IX) — D. Júlia.

8 (IX) — Fausto.

([68]) Compra que fez João da Silva, do lugar de Silvares, a Ant.º da fonseca, da freg. de Creixomil, e Ant.º de Magalhães, do concelho de Lanhoso. Liv. de notas do Tab. D.os da Cunha (B-12-4-21) pág. 47. Arq. Mun. A. Pimenta.

por seu pai a 4-4-1664 [69], bens nele nomeados por sua mulher já defunta.

«Na companhia de hum irmão clerigo» [70], juntamente com o pai, deixa Dona Antónia Peixota a quinta do Salgueiral. Vão viver para S. Martinho do Campo, Póvoa de Lanhoso. Na igreja dessa freguesia passa António da Fonseca Coutinho a segundas núpcias, com Dona Maria da Motta. No mesmo dia, com as mesmas testemunhas, recebe-se sua filha Dona Antónia Peixota com Domingos de Brito e Vasconcelos, «meu freguês». Na casa, mais tarde Torre da Mota, nascem-lhes os filhos, vive a descendência.

Abrimos a porta da antiquíssima Torre da Mota, águas do Cávado a banhar-lhe os campos. Há muito faleceu «a senhora Felipa de Araújo» e Vasconcelos, Senhora da mesma casa, viúva de Diogo Tomé Cid. Também são já falecidas sua filha e sucessora Lucrécia Coelho da Mota, casada com João de Meira, e sua neta Dona Isabel Coelho da Mota e Vasconcelos, mulher de Salvador Lopes Prego [71]. É Senhor da Mota o filho destes, Bento de Meira Coelho da Mota e Vasconcelos. Pérolas enfiadas no fio da vida, vêm até hoje os seus descendentes: — os Mota Pregos, senhores da Torre da Mota. Mais apagado, paralelamente, agitamos o colar dos filhos segundos, das linhas femininas. Num deles encontramos Francisca Cardoso de Vasconcelos, esposa de Domingos Pinheiro de Brito, tronco dos da Quinta dos Patos, na Póvoa de Lanhoso. Na Mota vive seu filho segundo, Eliseu Cardoso de Vasconcelos, casado com Leonor da Costa, e seus filhos: Francisca da Costa aí falecida a 15-10-1620 [72], Inês de Brito madrinha em 1644, Dona Maria, e, presumìvelmente, Domingos de Brito e Vasconcelos. Na Mota, a 13-8-1651, morre Eliseu Cardoso de Vasconcelos tendo já feito com sua mulher escritura de dote

---

[69] Património que a 4-4-1664 faz Ant.º da Fonsequa Coutinho a seu f.º João da fonseca. Liv. de notas do Tab. João de Almeida (12-4-8) pág. 32 vº. Arq. Mun. A. Pimenta.

[70] Inquirições de Génere do Padre Luís de Goes e Vasconcelos.

[71] Filipa de Araújo † a 25-9-1591; Lucrécia Coelho a 12-2-1613 e Dona Isabel a 6-10-1635. (M. 1 de S. Martinho do Campo). Bib. Pública e Arquivo Distrital de Braga.

[72] Misto 1 de S. Martinho do Campo.

a sua filha Dona Maria [73]. Na Mota moram também nomes esquecidos dos nobiliários: mais Meiras, mais Coelhos, mais Araújos, irmãos e sobrinhos dos donos da casa, dispersos nas folhas dos livros paroquiais.

Domingos de Brito e Vasconcelos e Dona Antónia Peixoto arrendam por nove anos a sua parte no Casal do Salgueiral de Baixo [74] a Tomé Antunes, lavrador, que dois anos depois compra o Salgueiral de Cima [75]. Deixando o filho mais novo, ainda de meses, e a mulher por herdeira, falece na Mota, a 12-5-1676, Domingos de Brito. «*Dona Antonia Peixota, viuva moradora na sua quinta da Mota, freg.ª de S. Martinho do Campo ora assistente em Braga no Campo de S.ta Anna moradas de seu irmão o Padre João da Fonseca Coutinho*» [76] por seu procurador e caseiro Tomé Antunes, a 8-6-1682 reconhece no Tombo «*a ametade do Casal de Prestes chamado do Salgueiral do termo desta villa da qual era caseira euphiteuta a qual propriedade erdara ella por falecimento de seu pai Antonio da Fonseca Coutinho com privilegio das Tabuas Vermelhas e della era directo senhorio o Reverendo Cabido*» [77]. O mesmo faz com as casas da Rua das Molianas «*as do canto atalho para as ortas da rua da caldeiroa as que foram antigamente possuidas por antonio fernandes abade da Gandarela e Manuel da Cunha Maranhas*» [78].

---

[73] No misto 1 de S. Martinho do Campo vem, a 11-2-1643, o casamento de Dona Maria de Vasconcelos, irmã de p.º de araujo vasconcelos, moradores na Q.ta da Mota (serão filhos de Eliseu Cardoso?) com Martinho da Silva e Abreu, sendo test.as o Rev.do Diogo Tinoco da Silva, Cosme Tinoco e muita gente de Braga e de S. Martinho do Campo.

[74] Pág. 53 do livro (B-6-1-33). Arq. Mun. A. Pimenta.

[75] Tomé Antunes comprou o Salgueiral de Cima por preço de 43$000, a 3-12-1670, a João Fernandes e m.er Jerónima Fernandes, reservando estes a casa em sua vida e na de seus pais e sogros João Frs. e Jer.ª Frz. (L. B-6-1-33, pág. 48 vº). Tomé Antunes * em S. Cristóvão de Selho b. a 12-2-1629 e † no Salgueiral a 12-8-1705. Até pelo menos aos bisnetos a sua descendência manteve-se no Salgueiral.

[76] Proc.am de Dona Ant.ª Peixota a 13-5-1682. Liv. de notas do Tab. Francisco de Araújo Barroso, pág. 55 vº. Bib. Pública e Arq. Distrital de Braga.

[77] Foi a 8-6-1682. Prazo n.º 42 do Liv. A-4-5-56. Arq. Mun. A. Pimenta.

[78] «Prazo q fes o p.dor do Tombo do R.do Cabido a Donna Ant.ª Peixota veuva da cidade de Bragua de hua morada de casas e seu quintal

O restante Salgueiral esvoaça por diferentes donos. O de Cima, na posse de Tomé Antunes e família; a outra metade do de Baixo na «de Isabel Luis viuva filha que ficou de Gracia Luis». Passa esta procuração a alguns licenciados e *«a seu genro Jorge Pereira para que ele possa aver sinq.ta mil reis da mão de andré vidal de negreiros* [79] *morador em uaranna p.tes de pernambuco que lhes foram deixadas por seu tio fr.co Luis da Cunha que faleceu nas ditas partes de pernambuco»* [80]. O casal de Dona Antonia fica a sua filha Dona Joana de Vasconcelos, casada com Domingos de Goes.

Dona Joana de Vasconcelos tem com o Reverendo Cabido grave litígio sobre o Salgueiral [81]. Finalmente vende-o a Pedro Lopes. Rola o Salgueiral nas cascatas da vida. Por vezes, ao longo dos séculos, caiem em cachão as águas. Por vezes estão paradas e mansas, mal bulindo. Nelas aparece sempre o fio d'água a contar-nos a história da Quinta do Salgueiral, em S. Miguel de Creixomil.

---

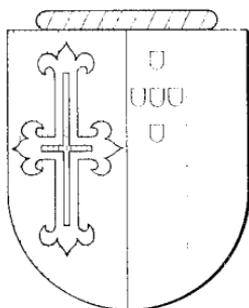
no fim da Rua das Molianas as do canto atalho p.a as ortas da Rua da caldeiroa a 16-5-1682. Prazos que são da villa de G.es e arrabaldes». Cabido (A-2-2-16) pág. 192. Arq. Mun. A. Pimenta.

[79] Quando em 1629 os holandeses invadiram Pernambuco, formaram-se redutos, isto é fortalezas para resistirem aos invasores. O mais famoso desses redutos foi o arraial do Bom Jesus onde se reuniram bons patriotas, entre eles André Vidal de Negreiros. Durante dois anos resistiram heròicamente, caindo finalmente por terem sido traídos. Governou Pernambuco, a contento geral, o holandês Conde de Nassau. Com a partida deste voltou o descontentamento. Em 1645 André Vidal de Negreiros deu o grito de guerra, fazendo estalar a revolução que só venceu ao cabo de nove anos de luta e de heroismo.

[80] Foi a 23-11-1678. Liv. de Prazos (14-1-9), pág. 140. Arq. Mun. A. Pimenta. Domingos Francisco e m.er Isabel Luís possuiam esta parte do Casal do Salgueiral de Baixo por lhe ficar de seus pais e sogros, Gonçalo Vaz e Gracia Luís; ficou depois a sua filha Catarina Luís c. c. Jorge Pereira. (Prazo n.º 36). Os herdeiros de Jorge Pereira venderam-na ao Beneficiado Francisco Borges Peixoto, da Casa de Laços, que o reconheceu no Tombo em 1717. Por compra, foi depois do Rev.do Plácido António de Carvalho Correia, unindo-se ao restante Salgueiral.

[81] «Tombo da Real Collegiada na villa e freiguesias circunvizinhas della» (A-1-5-2). Reconhecimento a 27-1-1723 por Francisco Lopes de Carvalho e m.er Úrsula de Araújo Correia, do Casal do Salgueiral, S. Miguel de Creixomil. Arq. Mun. A. Pimenta.

Quinta da Boa Vista de Gaia

(Vulgarmente Casa das Lameiras)

Parece que chove. Não ouvem cair a água nos telhados da vila? Pedro Moreira, tendeiro de arroz, toucinho e azeite [1], espreita à porta da sua casa da Rua das Molianas. Lá dentro, junto ao lar, Lucrécia Ferreira, dos Benfeitos, sua mulher, amamenta a pequena Catarina, aí nascida a 21-11-1645 [2]. Ao lado do pai, esgueira-se Ana, a primogénita [3], pasmada para a água a correr pelos regos. Nas propriedades de Pedro Moreira: casal da Cordeira, prazo do Lorvão, em Silvares, Pedreira, em S. Faustino de Vizela, Lameiras [4], em Creixomil, nascem entre as ervas as flores brancas, azuis e vermelhas. Nesta primavera de 1645, juntamente com o cantar dos pássaros, a frescura das aragens, o lindo ressurgir da natureza, nasce para nós a história da quinta da «Boma Vista de Gaya», mais conhecida por Casa das Lameiras.

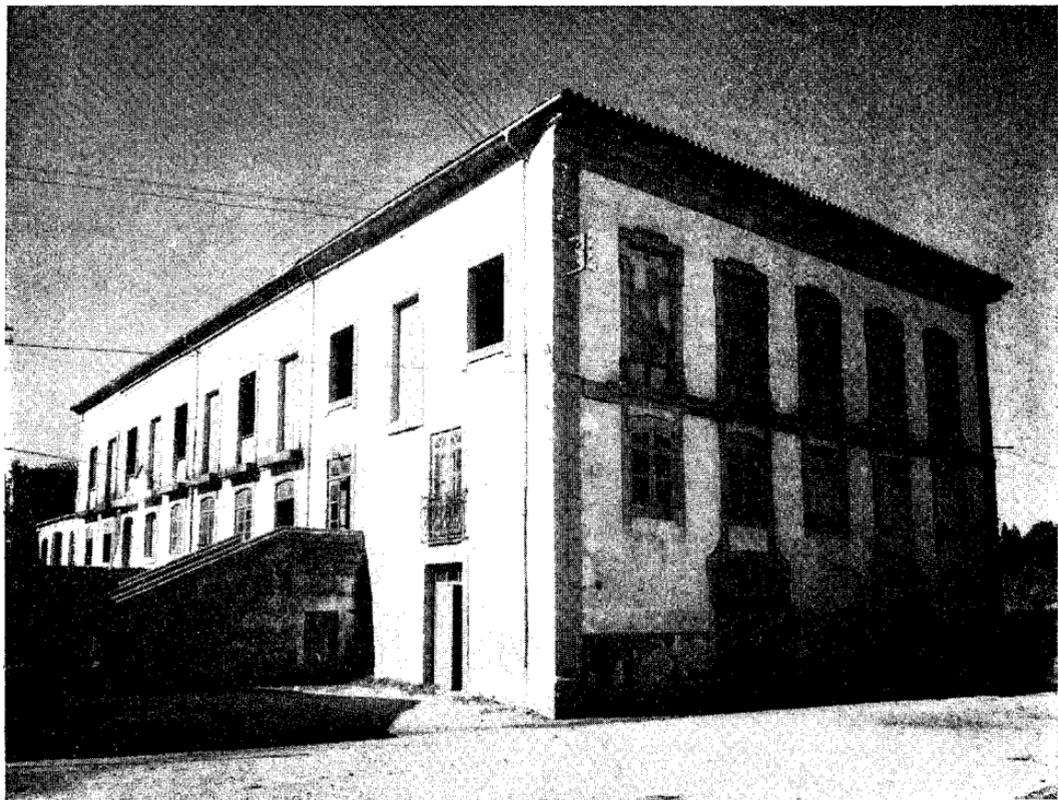
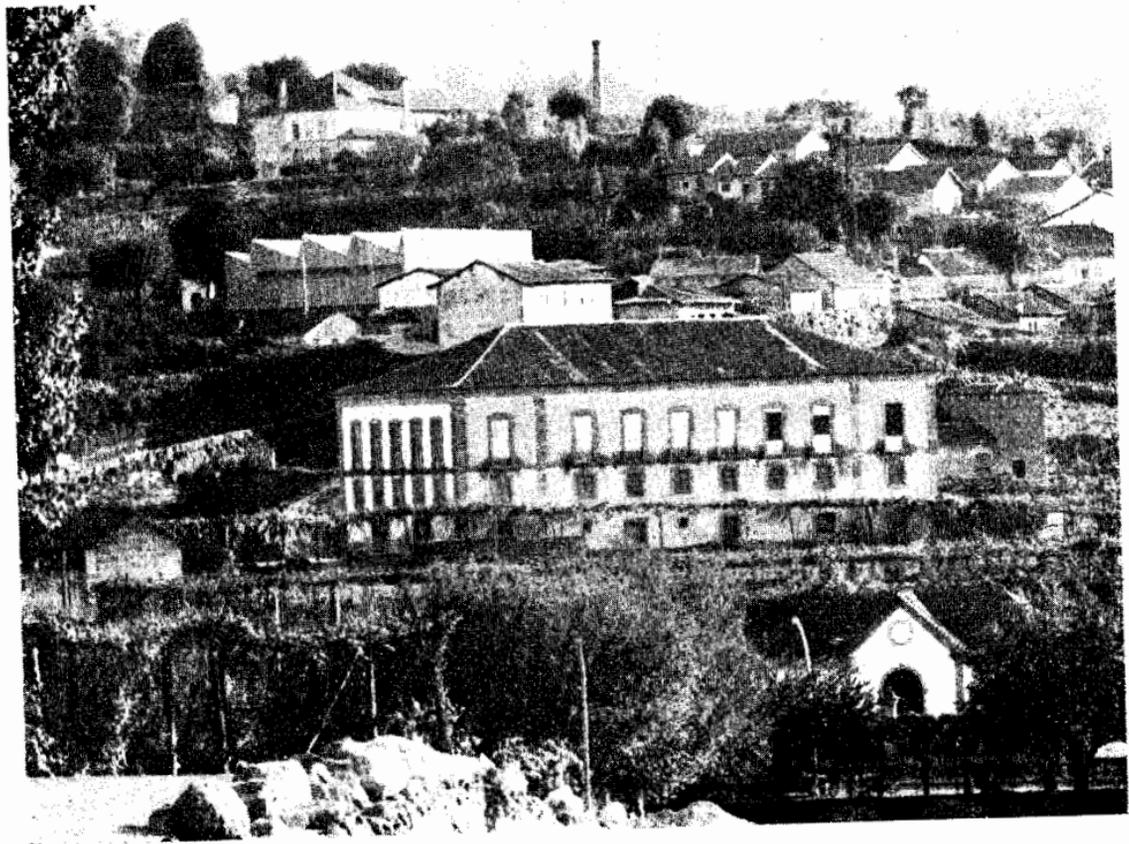
---

[1] *Cardosos Lameiras, de Guimarães.* Genealogias avulsas da autoria do notabilíssimo investigador bracarense Valério Pinto de Sá, que me foram cedidas pelo insigne genealogista bracarense Dr. Domingos de Araújo Afonso.

Pedro Moreira † na Rua Nova das Oliveiras a 1-8-1664. Misto 2 da freg. de S. Sebastião. Arq. Mun. A. Pimenta.

[2] Misto citado na nota 1, pág. 28 v.º.

[3] Foram filhos de Pedro Moreira e sua m.er Lucrécia Ferreira: Ana, * a 8-6-1643 (N. 2 S. Seb.º), Catarina, cujo nascimento vem no texto, Angela, b. a 2-10-1648 e Tomás, b. a 16-5-1652, (M. 2) que foi o beneficiado Tomás Moreira da Silva.

[4] Terras compradas por João Frz., sogro de P.º Moreira a João Homem do Amaral «a lameira com hu campinho de tras gaia com sua devesa he uveiras» «fazenda q. começa em gaia athe intestar no caminho que vai para a quinta da porcarisa». Dote e doasam q. fazem João Frz. e sua m.er ana ferreira com p.º moreira a 28-2-1642. L.º de notas do Tab. Baltazar Fer.ª de Araujo, pág. 33 v.º. Arq. Mun. A. Pimenta.

Casa das Lameiras

Outro aspecto (lado Norte)

Catarina Ferreira Leite leva em dote todos os casais e prazos de seu pai, entregues por sua mãe e irmão mais novo, Tomás Moreira da Silva (5). Leva também a brancura dos linhos, as pesadas moedas ainda untadas de azeite, a promessa risonha duma farta descendência. É seu esposado Francisco Bravo Pereira, nascido em Braga, filho do Licenciado João Bravo Pereira, cidadão de Braga, e de sua mulher Maria do Vale Lanhas, 4.ª Sr.ª do prazo dos Moinhos das Bretas, na mesma cidade (6). Recebem-se na Ermida da Conceição, a 22-4-1677, passando a noiva procuração ao Rev.do João de Faria (7). Renuncia o noivo, em seu cunhado Tomás, o benefício de S. Gens de Montelongo. E na Rua Nova das Oliveiras, onde já residia com a mãe viúva, passa-se a vida de Dona Catarina Ferreira Leite e seu marido Francisco Bravo Pereira (8).

Uma vida simples como o prazo das Lameiras, como os desvelos para com Dona Paula, Jerónimo, José e Dona Francisca, filhos nascidos (9) deste matrimónio. Uma vida longa

---

(5) Diz Dona Catarina em seu testamento «Declaro que os bens de raiz assim erdados como prazos tanto os dotados como os de que faço menção neste meu testamento me foram dotados para o matrimonio de meu Marido francisco Brabo pereira que deos tem por minha mai lucresia ferreira viuva que ficou de Pedro moreyra meu pay, e Irman o Reberendo Beneficiado tomas Moreyra da silva e sempre os pessui e pessuo como meus por virtude do dito dote em sua companhia e posse pacifica por mais de carenta annos e incoanto foi vivo.» M. 4 da freg. de S. Seb.º, pág. 135. Arq. Mun. A. Pimenta.

(6) Francisco Bravo Pereira foi bapt. em Braga, na freg. da Cividade, a 8-10-1643 e † em Guimarães, na sua casa da Rua Nova das Oliveiras, a 20-4-1690. Era neto pat. do Dr. Mateus Pereira Bravo e de sua 1.ª m.er Maria Barbosa Aranha, e neto mat. de Manuel Francisco Lanhas, cidadão de Braga, que justificou a sua nobreza em Braga a 30-4-1641, e de sua 1.ª m.er Maria Geraldes. *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* pelo Dr. Domingos de Araújo Affonso, Lanhas, pág. 41 e Pereiras de Francelos.

(7) M. 3 de S. Seb.º, pág. 139 vº. Arq. Mun. A. Pimenta.

(8) Dona Catarina † a 28-8-1731, ver nota 4.

(9) De Dona Paula, solt.ª à morte de sua mãe, não encontramos o assento de bapt. nas freg.as de S. Seb.º, Creixomil e Silvares, onde o procuramos. Jerónimo Bravo Pereira foi b. a 22-2-1681; o Beneficiado José Bravo Pereira, a 26-4-1683 e Francisca a 3-3-1685, nascidos todos três na Rua Nova das Oliveiras. N. 3 de S. Seb.º, págs. 100, 115 e 121. Arq. Mun. A. Pimenta.

*

para Dona Catarina até repousar nas «*sepulturas que estam por baixo do coro entre as pias dagoa benta no convento de sam francisco as coais sam minhas*». Testamenteiro é seu filho o «Beneficiado Joseph Brabo Pereira»; nele fica «*o prazo da compra do Lorvão*» e a um menino, filho ilegítimo deste [10], «*hua esmolla para thomar estado de sacerdote ou religioso o que milhor parecer para que diga a primeira missa pela minha alma e se lembre que o criei*» [11].

São as Lameiras do filho mais velho, «Hjeronimo Brabo Pereira». À primavera da vida da quinta da Boa Vista de Gaia sucede-se o verão. Abandona-se a terra ao calor do sol. Dá-lhe este o enredado das ramarias verdes, o ar pesado das prolongadas sestas. Ao afastar as folhas, ricas de seiva, conseguimos, às vezes, ver a Jerónimo Bravo Pereira: na Misericórdia, onde «aos dois de julho de 721 foi eleito para Provedor desta Miz Eytor da Rochella Laborão e Escrivão Hjeronimo Brabo Pereira» [12], no seu casamento com Dona Paula de Sousa e Meneses [13], da família dos senhores de

---

[10] Teve o Beneficiado José Bravo Pereira, «clerigo in-minoribus» morador na sua quinta de Lorvão (herdada da mãe) em Teresa de Jesus, solteira de S. Gens de Montelongo, um filho chamado Jerónimo Bravo Pereira. *Extratos dos Processos para Familiares do Santo Oficio,* por Eduardo de Miranda e Artur de Távora, pág. 487. Além deste teve pelo menos outro filho c. g. na freg.ª de S. João de Ponte.

[11] Conforme lemos no livro citado na nota 9, Jerónimo Bravo Pereira, filho do Beneficiado, não foi para padre mas casou com Dona Joana Antónia Pereira de Castro e viveu na quinta do Lorvão. Foram estes os pais de, pelo menos, Dona Ana Joaquina Bravo Pereira, mulher de Agostinho José da Mota, morador na freg.ª de S. Seb.º, em Guimarães «e vivia de seus bens que lhe deviam valer 20.000 crusados e lhe renderiam 150.000 reis». Carta de Familiar de Santo Ofício de 21-7-1774, Maço 7, dil. 101. O dote de Jerónimo Bravo Pereira e sua m.er está nos livros do Tab. Oliveira, a 30-4-1762. Arq. Mun. A. Pimenta.

[12] «Instituissam da Misericordia desta muy nobre e antigua villa de Guimarães e Cathalogo dos Provedores e escrivães q até o presente tem servido nella», in-*Boletim de Trabalhos Históricos,* vol. XVII, n.º 2. No mesmo catálogo lemos que seu pai exerceu idêntico cargo em 1684.

[13] Jerónimo Bravo Pereira deve ter casado na freg.ª de Santa Maria de Neiva, Barcelos, terra de naturalidade da noiva, ou em Salvador de Joane, Famalicão, onde era pároco seu cunhado, o Padre Luís de Sousa e Meneses, e vivia seu outro cunhado, Padre Diogo de Sousa e Meneses, antes de 1727, ano em que lhe nasce o primeiro filho em Salvador de Joane. Tanto numa como noutra freguesia existe um lapso de

Britelo, na Barca, bisneta, na varonia, de Cosme da Costa, Sr. da Quinta da Breia, Chanceler de Barcelos, e de sua mulher Florisanda da Costa [14], da quinta da Porcariça [15], vinculada por seus maiores à mais antiga nobreza de Creixomil. Avistamo-lo, também, nos baptisados dos seus seis filhos [16], e, finalmente, já avô, abandonando a Rua Nova das Oliveiras para viver nas Lameiras. «A nove de março de 1766 falece Jeronimo Brabo Pereira marido de Dona Paula da Quinta da Boma Vista» [17]. Um ano depois segue-se a viúva «Dona Paula de Menezes sogra do mestre de campo António Cardoso de Menezes e Vasconcelos da Quinta da Boa Vista de Gaya» [18].

---

cerca de trinta anos nos livros dos assentos de casamentos, abrangendo a data que nos interessa; nada sabemos portanto quanto ao local e dia do casamento. A noiva, Dona Paula de Sousa e Meneses, foi bap. na igreja de Santa Maria de Abade de Neiva a 31-10-1700 (M. 2 na Biblioteca Pública e Arq. Distrital de Braga) e * na Casa da Quintã da dita freg.ª, f.ª leg. de Baltasar de Sousa e Meneses, sr. da mesma Casa e de sua m.er Dona Antónia Pereira, (rec. a 2-1-1688) filha de seus caseiros.

Baltasar de Sousa e Meneses, que, segundo Felgueiras Gaio, «casou mal foi m.to estragado, casou por namoro com Ant.ª Pr.ª f.ª da Ama q o tinha criado», era bisneto, pelo pai, de Domingos Vaz, morador em Barcelos, e m.er Ana da Costa, sr.ª da metade da q.ta da Breia, e de Diogo da Costa Homem e m.er Filipa do Amaral, srs. da Q.ta da Porcariça, em Creixomil (F. G. Tit.º de Villas Boas & 26). Pela parte materna foram seus bisavós Pedro de Sousa e Meneses, sr. do Morgadio de Britelo, Alcaide-Mor de Lindoso, e m.er, Dona Catarina Pacheco Calheiros, m.ores na Ribeira Lima (Faria & 65), e Manuel de Araújo Botelho, e m.er, Inês Jácome de Faria (Araújos & 3). Para a sua ascendência ver a árvore de costados da Casa das Lameiras.

[14] ***Nobiliário de Famílias de Portugal,*** de Felgueiras Gayo, Farias & 67 e Villas Boas & 26.

[15] Ver nota 9 à Casa do Costeado.

[16] Foram estes: Francisco José, * em Salvador de Joane, b. a 4-10-1827; Dona Maria Josefa, b. a 28-10-1729, (N. 6 de S. Seb.º); Dona Francisca Luísa, * na Rua Nova das Oliveiras, a 22-9-1732; Leão Bravo de Meneses, º na Rua das Molianas, a 14-5-1735, e † a 4-8-1748; Dona Teresa Perpétua Constança, herdeira e citada no texto, * na Rua Nova das Oliveiras a 3-12-1737; Dona Maria, freira em Guimarães, * a 17-6-1740, (N. 7 de S. Seb.º, págs. 50, 85 vº, 129, 179); e João Baptista, * a 31-10-1744. (N. 8). Arq. Mun. A. Pimenta.

[17] M. 8 da freg. de S. Miguel de Creixomil. Arq. Mun. A. Pimenta. O seu testamento está nas notas do Tab. Sousa Lobo, feito a 4-10-1761.

[18] Foi a 9-3-1767. M. 9 de Creixomil. Arq. Mun. A. Pimenta.

Herdeira, é sua filha Dona Teresa Perpétua Constança de Sousa e Meneses, casada desde 14-2-1757 com António Cardoso de Meneses e Vasconcelos, Mestre de Campo de Auxiliares, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, Sargento-Mor de Infantaria, senhor dos direitos reais de S. João de Covas ([19]). Manda Deus todos os anos uma benção à quinta da Boa Vista de Gaia. Primeiro, Dona Maria Clara, seguindo-se-lhe António, falecido menino, logo substituido por outro de igual nome, sucessor da casa; depois João Domingos, futuro cónego na Colegiada da Oliveira. E mais: Manuel Joaquim, o que «se vai doutorar e seguir as letras e a Universidade», arrancado à vida em breves anos, Dona Francisca, afilhada do Senhor Dom Gaspar, Arcebispo e Senhor de Braga, e Dona Luísa Joana ([20]). No esplendor do estio cresce

---

([19]) Casamentos n.º 1 da freg. de S. Seb.º, pág. 137 vº. Arq. Mun. A. Pimenta. O noivo é natural da freg. de S. Miguel de Fontelas, conc. de Penaguião, bispado do Porto, e são testemunhas do casamento José Félix de Morais Sarmento Pereira Pinto Guedes, António Cardoso de Meneses e seu filho Pedro Bernardino Cardoso, e Pedro Pereira dos Guimarães.

António Cardoso de Meneses e Vasconcelos foi Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo. Torre do Tombo, Letra A, Maço 47, n.º 109, a 7-7-1745. Na habilitação está dispensado de declarar a sua ascendência «por parte do pai e p.ª ser approvado pella via materna foi necessario juntarense as inquirições de hu Tio irmão de sua May cujas deligencias se tinham mandado fazer na origem...» «alem do que se acha o supplicante nesta corte gravissimam.te enfermo e sem outro remedio mais do que recolherse sem demora aos ares da sua patria e esta servindo tambem actualmente de Juiz Almoxarife dos direitos reais e se percisa da d.ª sua assistencia na mesma vila e padesse irreparevel prejuizo na demora p.ª segundas deligencias pelo que pede ... que não se mande tirar provanssas na dita sua terra por distar da corte setenta e tantas leguas».

([20]) Dona Maria Clara Rita de Sousa Meneses e Vasconcelos, * a 15-2-1759 † solt., na Rua Nova das Oliveiras, a 29-11-1844; António, * a 6-5-1760 † m.; António Cardoso de Meneses Ataíde de Sousa e Vasconcelos, o capitão Lameiras, * a 8-7-1761; cónego João de Vasconcelos de Meneses e Ataíde, * a 25-7-1762; Manuel Joaquim, * a 2-9-1763; Dona Francisca Isabel de Sousa Ataíde e Meneses, * a 12-1-1765 † solt., na Rua Nova das Oliveiras, a 4-6-1836; Dona Luísa Joana Casimira de Vasconcelos, * a 27-5-1766, † solt. e demente na Rua Nova das Oliveiras, a 25-9-1848. Os assentos dos bapt. estão no livro de Creixomil Bap. 1758-72; os dos óbitos no de S. Seb.º, Ob. 4. Dona Maria Clara Rita fez testamento deixando vários legados; encontra-se no Livro dos Testamentos Cerrados n.º 11, pág. 93 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

a casa das Lameiras, riscam-se no último andar as janelas cerradas até aos dias de hoje.

Ao grande pregador Santo António, ao austéro franciscano, ao mais popular e milagroso dos nossos Santos, dedica António Cardoso de Meneses e Vasconcelos a capela para cuja construção recebe licença em Maio de 1766. É junto à Casa das Lameiras e tem 5,5 de comprido e 4,10 de largura. Por escritura de 25-10-1765 estabelece o seu dote: 2$600 por ano com obrigação de duas missas, uma rezada e outra cantada, em dia de Santo António. Será para sempre, para o filho mais velho ou sua descendência, e em satisfação do sustento da capela estão obrigadas «umas casas na Rua dos Gatos, e o foro de 8 alqueires de trigo, 10 de milho alvo, 6 de centeio, meia pipa de vinho, 6 dúzias de molhos de palha painça, uma marrã de duas arrobas, 1 leitão e 2 galinhas que possuia e era imposto no Casal da Rosa, freguesia de Guiminhãis» ([21]).

No seu altar, o Senhor Santo António, tenente-general e protector do exército português, a todos atende. Faz aparecer os objectos perdidos, livra dos maus vizinhos, proteje a bicharia, sorri-se da ingenuidade matreira do povo, espreita alegre os seus folguedos e, acima de tudo, empurra depressa os pares de namorados a casar, a levá-los à igreja cobertos de alecrim e rosmaninho. Ao lado, a doce Santa Clara e o pobrezinho de Assis, S. Francisco, o santo poeta, o irmão dos bichos, das gotas d'água, dos carreirinhos, das palhas, do silêncio dos bosques, da paz das crianças, de todas as criaturas de Deus. Nesta capela baptizam-se os dois filhos mais novos: José, nascido a 4-5-1768, cedo levado por Deus, e Dona Antónia Joaquina, nascida a 2-8-1769 ([22]). Nela é sepultado o seu fundador, António Cardoso de Meneses e Vasconcelos, a 11-8-1784 ([23]). Dona Teresa Perpétua Constança de Sousa e Meneses fica na casa a educar os filhos.

([21]) Descreve-se a capela de Santo António e seu dote em *Guimarães e Santo António,* por Oliveira Guimarães (Abade de Tagilde), págs. 108-112.

([22]) L.º de Bapt. citado na nota 20. Dona Antónia Joaquina Lúcia de Meneses Sousa e Vasconcelos, † solt. na Rua Nova das Oliveiras, a 7-2-1814. L.º Ob, citado na nota 20. Fez testamento que se acha no L.º de Testamentos Cerrados n.º 10, pág. 29. Arq. Mun. A. Pimenta.

([23]) Ob. 1 da freg. de Creixomil. Arq. Mun. A. Pimenta.

E só a 12-1-1821 é que Deus chama a si ([24]) esta senhora das Lameiras, no meio dos choros dos dois filhos que restam.

Santo António, casamenteiro, esqueceu-se dos filhos de António Cardoso de Meneses e Vasconcelos e Dona Teresa Perpétua Constança. Nenhum deles casa. Chega o outono à Casa da Boa Vista de Gaia. Tem os tons pardacentos, desfeitos, mirrados, de Dona Maria Clara, Dona Francisca Isabel, Dona Luísa Casimira e Dona Antónia Joaquina «*minhas quatro irmans solteiras as quais excluo da herança e de tudo o que lhes pertenceria ou possa pertencer depois da minha morte pella grande ingratidão com que me tem tratado faltando sempre aquelles deveres que tinham obrigação de praticar para comigo pelos vincullos de sangue chegando athe a ponto de fugir de minha companhia procurando sempre todos os meios de me inquietar e vexar com pleitos afim de me tirarem o que he meu, quando sempre estive prompto a dar-lhes tudo o que lhes pertencia, e que nossos Pais lhes deixaram na forma de seus Testamentos*» ([25]).

Por renúncia, em 1781 ([26]), do rev.^do^ cónego José Ricalde Pereira de Castro, é cónego da Colegiada da Senhora da Oliveira o filho segundo, o muito Reverendo Senhor João de Vasconcelos de Meneses e Ataíde que tomara «posse da Coadjutoria em Sabd.º S.^to^ 14 de Abril de 1781» ([27]). Frutos do chão transformados em Deus, milagre divino repetido dia a dia por um dos filhos da Casa das Lameiras; o desfilar da pompa e grandeza da Colegiada vimaranense. Nada nos lega a vida do rev.^do^ cónego: só a lembrança das suas mãos consagradas, adormecidas no Senhor a 24-7-1833, na casa onde nasceu ([28]) e onde, pelo menos depois da morte do irmão, habita.

([24]) Ob. 2 da freg. de Creixomil. O seu testamento está no L.º de Testamentos Cerrados, n.º 61, pág. 13 vº. Arq. Mun. A. Pimenta.

([25]) «Registo do Testamento do Ill.^mo^ António Cardoso de Meneses Athaide Sousa e Vasconcelos, da Casa e Quinta das Lameiras, freg. de S. Miguel de Creixomil.» L.º de Testamentos Cerrados, n.º 75, pág. 82 v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

([26]) Ver *A Colegiada de Guimarães sob o signo de Pombal*, por Manuel Alves de Oliveira, pág. 78.

([27]) *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. VII, n.º 3, pág. 133.

([28]) Foi Senhor Reservatário das Lameiras por disposição de seu irmão, «† só ungido por não estar com disposição para mais». L.º citado na nota 23.

Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, por mercê d'El-Rei Dom João VI e alvará de 10-6-1824 [29], é António Cardoso de Meneses Ataíde de Sousa e Vasconcelos primogénito de Dona Teresa. É também coronel das Milícias de Guimarães, encarregado do governo militar da vila.

Entra, cansado, na sua Casa das Lameiras. Foi bastante agitada a primeira semana de Julho de 1826. Levantára acantonamento o regimento de infantaria 21; reúne António Cardoso de Meneses, o coronel Lameiras, 30 praças do corpo do seu comando para com elas manter o sossego e tranquilidade das gentes. Fôra a Braga pedir ao Visconde de Santa Marta [30] pelo menos uns cem homens das Milícias, necessários para a calma de que é responsável. A vila ferve. A vila excita-se.

Calada da noite de 17 de Julho. Anima-se o Campo da Feira. Alegres vozes cantam a plenos pulmões o hino constitucional. Lanternas apagadas, num corisco cai-lhes em cima um punhado de realistas. Socos, pauladas, cacetadas. Cabeças exaltadas que se abrem, ânimos turvos a enfrentarem-se. Ràpidamente intervém o coronel Lameiras. Confia o Visconde de Santa Marta «na actividade, zelo e inteligência com que António Cardoso de Meneses se emprega no serviço de Sua Magestade empregando todos os meios ao seu alcance para coibir desordens e excessos e impedir que os habitantes se insultem uns aos outros».

Continua a agitação. O outono veste os campos e a história da quinta da Boa Vista de Gaia. Tinge-se dos encar-

---

[29] *Dicionário Aristocrático,* publicado, sem o nome do autor, só o vol. I, até à letra E. Lisboa, Imprensa Nacional, 1840. O autor foi João Carlos Feo Castello Branco e Torres.

[30] Era José de Sousa Pereira de Sampaio, 2.º Visconde de Santa Marta, * em Vila Pouca de Aguiar em 1790, † solt. em 1847. Serviu brilhantemente contra os franceses na Guerra Peninsular, fez parte da expedição a Pernambuco, bateu-se na Campanha de Montevideu. Levantou o movimento «Vilafrancada». Em 1823 revoltou-se contra o regimem constitucional e como General de Dom Miguel entrou em muitos combates. Em 1833 «operou novamente no cerco do Porto mas limitou-se a esperar que os sitiados morressem à mingua em vez de desenvolver o ataque à cidade». Foi por isso demitido, e antes do fim da guerra, desgostoso, deixou a causa miguelista e apresentou-se aos liberais, retirando-se para sua casa em Trás-os-Montes. *Nobreza de Portugal,* vol. III, pág. 298.

nados da chama, do sangue, do vinho; rouba a cor ao oiro, arranca o castanho à terra. Cobre-se de risonhos vermelhos, esbate-se em tons de rosa, dobra-se caindo em folhas pisadas, dolorosas, mortas. Saiem de Guimarães alguns realistas acossados pelos liberais. Algures, por Trás-os-Montes e Espanhas, traçarão os planos do regresso. Obedecendo a ordens de Braga, em fins de Setembro manda o coronel, desde as Lameiras, uma lista dos emigrados, o que, segundo Santa Marta, «não é dificil numa terra pequena».

Sua Magestade o Imperador Dom Pedro I festeja, no Rio de Janeiro, o seu 28.º aniversário. Como em tantas cidades e vilas do Reino, comemora-se em Guimarães o acontecimento. No Toural formam as Milícias, comandadas pelo coronel Lameiras. Sobem ao ar foguetes e morteiros. A voz forte de António Cardoso de Meneses Sousa Ataíde e Vasconcelos levanta vivas ao Senhor Dom Pedro, à Rainha Dona Maria II, à Infanta Regente, à Santa Religião. À noite, iluminam-se as casas. Surgem as Lameiras desenhadas por trémulas lamparinas em tigelinhas de barro. Da casa de Jerónimo Vaz Vieira, o Fidalgo do Toural, sai um carro com a Real Efígie de Dom Pedro IV. Puxam-no homens. Atrás, a guarda de honra das Milícias com o seu comandante.

A 4-10-1826 jurara a Carta, em Viena d'Austria, o Senhor Infante Dom Miguel. Num ofício do General da Província ao coronel das Milícias, chega a notícia a Guimarães a 3 de Novembro. Há luminárias nas ruas e praças. Atravessa a vila o carro com o retrato do Imperador. Passa pelas casas dos constitucionais em festa, entre os escuros dos lares miguelistas, portas e janelas cerradas. À sua volta, atentas a qualquer desacato, as Milícias com o seu comandante. Canta o povo o hino da Carta, toca a banda de caçadores 11. Breve chega também a notícia a alegrar uns, a desesperar outros: voltam os imigrados, homens de todo o Reino refugiados em Espanha. Entram por Trás-os-Montes e Beiras. Já se combate! Está Portugal em plena guerra civil.

Por Guimarães, ao som das vitórias e revezes, passam batalhões e regimentos, rebentam desordens e motins. Com a chegada do Infante Dom Miguel a Lisboa, nomeado Regente do Reino, todo Portugal manifesta a sua alegria. Há também festas em Guimarães. Sai o Bando a anunciar a

CASA DAS LAMEIRAS

(1) Por não saber do paradeiro dos livros paroquiais, não confirmei a ascendência desta senhora.

feliz nova. Gritam os constitucionais por Dom Pedro, pela Rainha, pelo Infante. A par, seguem os realistas bradando pelo Infante sòmente. No último dia dos festejos estoura o barulho: tocam as freiras a rebate, voam pedras e empunham-se cacetes, há tiros. No meio de repiques e foguetório já se passeiam pelas ruas miguelistas com o retrato do Senhor Dom Miguel. Nos Paços do Concelho de Guimarães, a 29-4-1828, à semelhança do restante país, é aclamado o Senhor Dom Miguel I, Rei Absoluto dos Reinos de Portugal, Algarve e seus Domínios.

Maio-Junho de 1828. Que fazem os homens a lutar rua contra rua, amigo contra amigo, irmão contra irmão? Dom Álvaro da Costa de Sousa Macedo ([31]), novo General da Província do Minho, de Dom Miguel, por seu antecessor ter seguido o partido de Dom Pedro, entra em Guimarães a 25 de Maio. Retira a 30 levando para Rossas o Regimento de Milícias da vila. A 31, vindos do Porto, entram os liberais. A 1 de Junho aclama a Câmara, como Rei, a Dom Pedro IV. A 15 regressa o general Dom Álvaro. Anula-se a 16 o auto da aclamação de D. Pedro. Encontramos entre as assinaturas desse documento a de António Cardoso de Meneses Ataíde de Sousa e Vasconcelos, coronel de Milícias da vila de Guimarães. Luta-se nos arredores. Se a 20 dão as tropas, no Toural, vivas por D. Miguel I, a 21, no mesmo lugar, outro regimento clama por D. Pedro IV. Queimam os constitucio-

([31]) Filho dos 2.os Viscondes de Mesquitela, * em 1789, Com.or da O. de S. Bento de Aviz, Conceição e Torre Espada. Cond.º com a Cruz da Guerra Peninsular, Estrela de Ouro pela do Rio da Prata e por S. M. Católica com a Medalha da Batalha de Albuera, Ajudante General da Divisão dos Voluntários d'El-Rei (a qual conduziu depois de Montevideu para Portugal), Coman.te das forças de mar e guerra no Estado Cis-Platino em nome d'El-Rei Dom João VI, Gov.or de Setúbal, serviu com distinção nas ditas guerras sendo ferido no assalto de Badajoz. ***Resenha das Famílias Titulares do Reino de Portugal,*** por João Carlos Feo Cardoso Castelo Branco e Torres e Manuel de Castro Pereira de Mesquita, pág. 126. Foi Tenente-General de D. Miguel e o último Capitão-General e Governador da Ilha da Madeira, nomeado por D. Miguel que o fez 1.º Conde da Ilha da Madeira. Sempre fiel ao partido miguelista só entregou a Ilha depois de saber da rendição de todas as forças aos liberais. Retirou-se então para Paris, onde faleceu pouco depois de 1834. ***Nobreza de Portugal,*** vol. II, pág. 656 e ***Descendência Portuguesa d'El-Rei Dom João II,*** por Fernando de Castro da Silva Canedo, vol. III, pág. 258.

nais a cavalariça da Casa do Proposto, saqueiam o convento de São Domingos. Instala-se o desassossego e o medo.

«No dia 12 de julho chega a esta vila o regimento de Milícias trazendo vários prisioneiros constitucionais entre eles um capitão do mesmo regimento Inácio Moniz Coelho (32).» Forma à entrada do Toural, e por três vezes a voz forte do coronel Lameiras eleva-se por Dom Miguel I. Continuam as prisões dos partidários de Dom Pedro; por ordem de António Cardoso de Meneses prendem o capitão do 6.º regimento das suas milícias, José Ferreira de Sousa Vilas Boas (33); outros muitos enchem as cadeias.

Mas a alma das gentes folga. Aos vivas que o coronel Lameiras levanta por Dom Miguel I, frente às suas tropas formadas, respondem as janelas endamascadas, o carro com o Real Retrato saindo da Colegiada puxado pelos reverendos cónegos, as festas, os teatros, as corridas de touros, os alegres repiques, a presença do Príncipe de Hesse (34) nas melhores casas da vila, os banquetes, o deslumbramento do povo que sente Portugal no seu Rei.

---

(32) Inácio Moniz Coelho era nat. da freg. de Creixomil, tenente-coronel das extintas milícias, sentenciado à forca no tempo de Dom Miguel por ser constitucional, esteve no Oratório onde lhe foi perdoada a pena última e comutada em degredo perpétuo para a Costa d'África. Embarcou para o presídio de Inhambane a 29-10-1829. Regressou vivo, tendo chegado a Guimarães a 3-10-1837. «Velharias Vimaranenses», in-Rev. *Gil Vicente.*

(33) Este foi mais tarde indultado.

(34) Frederico Augusto, Príncipe de Hesse, * em Darmstadt, filho do Grão-Duque Luís I (antes Landgrave Luís IX) e de sua m.er Luísa Carolina, Princesa de Hesse-Darmstadt. Foi 1.º capitão dos Hussardos no 1.º Regimento Imperial e Real d'Austria; entrou depois no exército holandês e mais tarde no exército de Portugal. Foi também General de Infantaria do exército do Grão-Duque de Hesse. Veio para Portugal em 1828 tomando o partido de D. Miguel; passou largas temporadas em Guimarães. Faleceu em Paris, em 1867.

Pouco depois da sua chegada a Portugal mandou vir da Suiça seu filho natural, o grande pintor Augusto Roquemont. Deixou-nos este de Guimarães, imagens perfeitas das gentes e paisagens da época. *O Pintor Roquemont,* de Júlio Brandão. Pedro Vitorino no seu livro *O Pintor Augusto Roquemont,* cita, a pág. 68, entre as várias obras estudadas «um risco para uma casa dos Srs. Minotes, em 1832». Julgo que se trata do edifício onde hoje são os correios de Guimarães, casa que pertencia aos Martins e onde nasceu José Martins de Queirós Minotes.

«Por decreto de 3-7-1830 foi reformado, na conformidade da lei, o coronel do regimento de milícias de Guimarães António Cardoso de Meneses Ataíde Sousa e Vasconcelos, o coronel Lameiras». Solenemente, a 5 de Agosto, abre-se a porta da quinta da Boa Vista de Gaia, vulgarmente Casa das Lameiras. Por ela sai a bandeira do Batalhão de Milícias da vila de Guimarães. Finda esta parte da história das Lameiras ([35]). O vento do sul, do norte, de todas as direcções soprou, levantou as folhas, fê-las dançar, cair, varreu-as. Acumularam-se nuvens carregadas, levadas pelos ventos da vida, do tempo. Refugiado no seu Casal das Lamas, freguesia de Pentieiros, desaparece do mundo dos vivos o coronel Lameiras, a 18-11-1832 ([36]), sendo o testamento aberto na presença dos caseiros da quinta.

São as Lameiras, e todos os mais bens, deixados ao Doutor Damião Pereira da Silva de Sousa e Meneses, Juiz de Fora da vila de Guimarães ([37]). Nomeado por provisão do desembargo do paço, em nome do Infante Regente, a 1-4-1828, toma posse da vara do mesmo ofício a 9-7. Pouco depois de chegar a Guimarães é feito Moço-Fidalgo com exercício (alv. de 22-8-1828). Durante o reinado de Dom Miguel defende com ardor os interesses da causa, levando em procissões pelas ruas o retrato d'El-Rei, assinando os mandatos

---

([35]) Colhi todos o factos relacionados com António Lameiras como coronel das Milícias de Guimarães nas «Velharias Vimaranenses» in-Rev. *Gil Vicente,* vols. II a IX.

([36]) L.º da freg. de Santa Eulália de Pentieiros (7-2-15), pág, 52 vº. Arq. Mun. A. Pimenta. Lê-se no assento de óbito que «vitimou-o uma proplacia subita». Jaz em Pentieiros.

([37]) Conta a Ex.ma Sr.a Dona Maria Luísa Martins Pereira de Meneses o seguinte, várias vezes ouvido quando em pequena vivia com sua avó Dona Maria da Conceição Pereira da Silva de Sousa e Meneses: não sabia o coronel Lameiras a quem havia de deixar a casa e restantes bens, desabafando sobre o assunto com o barbeiro que o vinha escanhoar. Um dia despediu-se este mais apressado: — «Desculpe Vossa Excelência, tenho que ir a correr para casa do Senhor Juiz de Fora.»

— «Para o Juiz de Fora? Para o Damião Pereira? Nunca me tinha lembrado! Ora aí está! Deixo-lhe as Lameiras!».

Anedota ou verdade, o facto é que em seu testamento deixa-o seu herdeiro universal, reservando apenas o usufruto da quinta para o irmão, cónego João de Vasconcelos de Meneses e Ataíde, e riscando completamente da herança suas irmãs.

das prisões dos liberais. À frente da Câmara da vila, durante a Rebelião do Porto, comporta-se de maneira a receber a Medalha de Honra, Fidelidade e Devoção ao Rei e à Pátria, e quando em 1832 é reconduzido no seu cargo de Juiz de Fora os escrivães do geral e mais algum povo soltam foguetes e iluminam o Toural [38]. Tal é o novo senhor das Lameiras.

Na longa galeria dos seus antepassados avultam os rasgos heróicos, as condecorações, os altos cargos. É abrir os livros que falem dos Pereiras de Bertiandos, dos Senhores da Trofa, dos Viscondes de Asseca, dos Senhores do Morgado de Ramalde, das Honras de Nogueira e da Casa do Arco, em Vila Real, abrir essas casas em leque, multiplicá-las por outras e mais glórias e teremos a árvore de Damião Pereira da Silva de Sousa e Meneses, décimo primeiro filho de Dona Ana Maria Francisca de Cerveira Leite Pereira Pinto, Senhora do Morgado de Ramalde, no Porto, e terceiro de seu segundo marido José Pereira da Silva de Sousa e Meneses, major de Infantaria [39]. Entre uniformes e campanhas, passa a meninice e juventude. São as de seus meios irmãos: Henrique, 1.º Visconde de Alcobaça, Marechal de Campo, Tenente-General, liberal convicto, batalhas de Fuentes de Onõro, Vitória, Pirineus, Nivelle, Nive, emigração para a Galiza, expedição à Terceira, desembarque no Mindelo, combates de Valongo e Ponte Ferreira; as de Manuel Pedro, gloriosamente caido contra os franceses, em 1809; as de Pedro, Cruz de Oiro da Guerra Peninsular. São as de seu irmão inteiro José, cadete de Caçadores, as do tio paterno Francisco Pereira da Silva de Sousa e Meneses, constitucional preso e assassinado a golpes de machado na cadeia de Estremoz [40]. E ainda a memória de Pedro da Silva da Fonseca de Bour-

---

[39] «Velharias Vimaranenses» in-Rev. *Gil Vicente*, ano de 1933.

[39] Ver *Costados das Famílias Ilustres, Resenha das Famílias Titulares, Descendência Portuguesa d'El-Rei Dom João II, Livro de Ouro da Nobreza*, etc., etc.

[40] Teve, além dos referidos no texto, mais os seguintes irmãos: 1) Dona Maria Henriqueta, casada duas vezes, a 1.ª com António Inácio Correia de Sousa Montenegro s. g.; a 2.ª com José Pinto de Sousa Meneses Montenegro c. g. 2) Dona Maria Isabel, c. c. António Xavier Homem da Cunha Corte-Real, sr. da Casa de Linhares, c. g. 3) Silvério, religioso na Ordem de S. Bernardo. 4) José Anastácio, frade na mesma ordem. 5) Dona Maria do Carmo, † solt.ª (do primeiro casamento de sua

bon e Noronha Manuel e Portugal, 1.º marido de sua mãe, morto na campanha do Russilhão.

Por Guimarães não se demora Damião Pereira. Leva-o o seu cargo até ao Fundão, e, depois de casado com sua prima co-irmã, Dona Maria do Carmo Pereira da Silva de Sousa e Meneses, é no Porto onde geralmente vive. Nasce-lhe em 1844 a única filha, D. Maria da Conceição. Com esta Senhora, passados muitos anos, transforma-se a vida na quinta da Boa Vista de Gaia. Gritos infantis enchem os quartos, correm crianças no seu jardim. Vive nas Lameiras Dona Maria da Conceição Pereira da Silva de Sousa e Meneses, viúva de José Martins de Queirós Minotes, senhor das casas de Minotes, Ribeira e Salgueiral [41]. São os seus netos e netas que alegram as Lameiras em princípios do século xx.

Está o inverno a chegar à quinta das Lameiras. Aí morre, a 29-10-1915, Dona Maria da Conceição [42]. Aproveitemos as últimas résteas de sol para esboçarmos dois retratos. Da nova senhora da casa: Dona Maria do Carmo Martins de Queirós Montenegro Pereira de Meneses, vestida de amazona no picadeiro do seu pai, José Minotes, fidalga como sua mãe, Dona Maria da Conceição, pausada e fina nas suas maneiras de grande dama, passando bela e suave por estas páginas. De seu marido, António de Carvalho Rebelo de Meneses Teixeira de Sousa Cirne, Sr. da Casa e Honra de Guminhães, em Vizela [43], dramaturgo e publicista distinto

---

Mãe). 6) Dona Inês Luísa, † solt.ª e 7) João António Pereira de Meneses, Bach. em direito, sr. da Casa da Pena, (que deixou a seu irmão Damião). † solt.º deixando geração.

[41] Ver em «Velhas Casas», em Fermentões, a Casa de Minotes, em S. João da Ponte, a Ribeira e em Creixomil, o Salgueiral.

[42] A sua necrologia vem n'*O Comércio de Guimarães* de 2-11-1915. Bib. da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.

[43] Escreveu António de Carvalho Cirne bastantes dramas e comédias que foram todas representadas, além de variada colaboração em jornais. Nasceu no Porto a 16-9-1865 e † no Paço de Guminhães a 17-12-1945; era f.º e herd.º de Manuel de Carvalho Rebelo de Meneses, sr. da Casa e Morgado do Poço, em Lamego, e de sua m.er Dona Maria da Purificação de Sousa Cirne Madureira Alcoforado, sr.ª do Paço e Honra de Guminhães; neto pat. de António Teixeira de Sousa de Magalhães e Lacerda (Peso da Régua) e de sua m.er e sobrinha Dona Maria dos Prazeres de Carvalho Rebelo de Meneses, sr.ª da Casa do Poço; neto mat. de Fran-

«... escrevia com muita facilidade, perfeição e clareza tanto nos jornais como aos seus amigos. Nas cartas que a estes dirigia, nos momentos das suas alegrias ou tristezas, imprimia uma natural sentimentalidade que as tornava comoventes e de especial beleza.

Tinha uma graça muito natural, nada forçada, havendo sempre, em todos os seus muitos espirituosos ditos, a precisa delicadeza e finura para nunca ninguém se poder ofender.

Era um bom; e se algum defeito tinha, era o de possuir a bondade em demasia...» (44). Dispersam-se os filhos e netos de Dona Maria da Conceição. Saiem os Martins, fecham-se as Lameiras.

São alugadas. Primeiro aos Lobo Machados, netos dos 1.os Viscondes de Paço de Nespereira (45). Depois à família Pereira Mendes. Murmura o povo, sonhando com o fantasma do coronel Lameiras a rondar, lúgubre, a sua antiga quinta. Empresta-lhe o ar gelado do além, alastra-o em sombras negras e arrepiantes. Aproveita-se da lenda o caseiro das boas terras das Lameiras, para afastar os inquilinos. Crescem os barulhos, esvoaçam sombras misteriosas até ao dia em que Francisco de Assis Pereira Mendes ameaça disparar um tiro na primeira assombração que veja (46). Imediatamente param os ruídos, evaporam-se os espíritos. Depois, agarra-se o frio às paredes desabitadas da casa. Entra a humidade. Em 1941 são as Lameiras vendidas por António

---

cisco Diogo de Sousa Cirne Madureira Alcoforado, sr. do Paço e Honra de Guminhães, em Vizela, e da casa do Poço das Patas, no Porto, e de sua m.er Dona Maria Isabel de Bourbon da Silva Guedes.

(44) «António de Carvalho Cirne», por Alberto Cardoso Martins de Meneses Macedo (Margaride) in-*Notícias de Guimarães,* de 30-12-1945.

(45) Depois de terem morado com seu avô paterno, o 1.º Visconde de Paço de Nespereira, residiram nas Lameiras a Ex.ma Sr.a Dona Maria da Conceição Lobo Machado de Mello Sampayo, então viúva de seu primeiro marido José de Abreu Calheiros de Noronha Pereira Coutinho, e seus irmãos Paulo Lobo Machado do Amaral Cardoso de Meneses e Rodrigo Lobo Machado Cardoso do Amaral e Meneses, na ocasião ainda solteiros (1916-19). Amável informação do Ex.mo Sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha.

(46) Contou-me este episódio o próprio Ex.mo Sr. Francisco de Assis Pereira Mendes passado na altura em que vivia nas Lameiras com sua 1.a mulher, a seguir a ter lá morado seu irmão Manuel e família.

de Carvalho Cirne ao Dr. Nicolau da Silva Gonçalves [47], professor do liceu em Braga, mas natural de Guimarães. Continuam nuas, batidas pelos ventos, expostas à destruição do tempo.

Profanada e em ruínas está a capela de Santo António, anexa à casa das Lameiras. Encimadas por um elmo mutilado, na porta lateral estão umas armas: «escudo partido: no 1.º Pereira (a cruz florenciada não foi representada vazia); e no 2.º Sousa (de Prado? de Arronches? — vendo-se sòmente representado o 1.º quartel)» [48]. São umas pedras toscas, mal trabalhadas. Mandadas colocar por Jerónimo Bravo Pereira e sua mulher Dona Paula de Sousa e Meneses? Por sua filha Dona Teresa Perpétua Constança de Sousa e Meneses, juntando os apelidos de ambos, quando com seu marido construiu a capela?

O Dr. Nicolau José Ferreira Gonçalves, médico, actual proprietário das Lameiras, filho do Dr. Nicolau da Silva Gonçalves, recolhe estas pedras desmanteladas. Munido das competentes licenças leva-as para a sua residência, a vivenda da Sagrada Família, na freguesia de Tenões, Braga. Aí, no jardim dessa casa, assentes «numa esquartela decorativa», estão as armas da porta lateral. Aí está a antiga capelinha de Santo António, hoje capela da Imaculada Conceição. Está cuidada com esmero, reza-se missa no seu altar. Está salva.

E as Lameiras? Essas estão mais pobres, mais frias, mais tristes. Batem as janelas aos ventos, enegrecem-se as paredes à chuva, incertas do destino. Ronda a alma do coronel Lameiras na antiga quinta da Boa Vista de Gaia; cai duramente o inverno no grande e desolado casarão.

Maria Adelaide Pereira de Moraes

---

(47) O Dr. Nicolau da Silva Gonçalves era irmão de S. Ex.cia Rev.ma o Senhor Dom Domingos da Silva Gonçalves, que foi Bispo da Guarda, ambos filhos de Domingos da Silva Gonçalves, negociante, nat. da freg. de S. Sebastião, Guimarães, e de sua m.er Custódia Martins Gonçalves, nat. da freg. de S. Paio, Guimarães, netos pat.os de Domingos da Silva e m.er, Maria de Belém, netos mat.os de José Gonçalves e m.er, Luísa Maria Ribeiro Peixoto.

(48) À amabilidade do heraldista Vaz-Osório da Nóbrega devo as informações sobre o brasão e actual localização da capela das Lameiras.